

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*



HISTÓRIA DE VIDA DE UMA IDOSA  
UM TESTEMUNHO DE EXCLUSÃO SOCIAL

Catarina Almeida Martins

11640

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

HISTÓRIA DE VIDA DE UMA IDOSA  
UM TESTEMUNHO DE EXCLUSÃO SOCIAL

Catarina Almeida Martins

Dissertação orientada por António Diniz

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de António Diniz apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

## Agradecimentos

À Sr.<sup>a</sup> Alice pela amizade e confiança que depositou em mim contando-me a sua história e recebendo-me com carinho.

Ao Prof. Doutor António Diniz pela orientação, empenho e disponibilidade que demonstrou na concretização deste trabalho.

Ao colega de mestrado João Afonso pela troca de ideias.

À família pelo apoio, valorização dos meus interesses e motivação que me transmitiram.

Aos amigos Telmo Alves e Sara Melo pela ajuda e apoio emocional.

## RESUMO

O sujeito participante tem 83 anos, pertence ao sexo feminino, é viúva com seis filhos, não institucionalizada, sem deterioração cognitiva, com um grau de autonomia aceitável e pertencente a uma classe económico-social desfavorecida. Procurou compreender-se a história de vida à luz das principais teorias do desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida. Pretendeu-se investigar a identidade narrativa através das categorias de McAdams (1997) para a compreensão da estrutura e conteúdo de histórias de vida de adultos. Elaborou-se a história de vida alicerçada em entrevistas de estilo não directivo que, após serem cronologicamente organizadas, foram alvo de análise de conteúdo. Apreendeu-se a realidade histórica e individual da participante, com enfoque em factores subjectivos e relacionais que remeteram para a particularidade da experiência individual, uma aproximação à compreensão do indivíduo em estudo.

Palavras-chave: história de vida, identidade, narrativa, biografia, *self*.

## ABSTRACT

The participant is a woman with 83 years old, she's a widow with four daughters and two sons, not institutionalized, without cognitive deterioration, an acceptable autonomy level and belonging to a poor social economical class. We tried to understand her life-story regarding the main theories of the human development in the life cycle. The narrative identity was investigated through the McAdams (1997) features to understand the structure and content of adult life-stories. The life story was elaborated with non-directive style interviews, organized through time and finally subjected to content analysis. We apprehended the historic and individual reality of the participant, regarding the subjective and relational factors that remitted to the singularity of the individual experience, an approximation to the comprehension of the person in study.

Key-words: life-story, identity, narrative, biography, *self*.





## Índice

Introdução	1
1. Concepções do Desenvolvimento Humano de Erikson	1
2. Noção de Estilo de Vida em Adler e Giddens	5
3. Gilligan: O <i>Self</i> no Feminino	7
4. A Teoria da Personalidade e a Personologia	8
5. A Identidade e a Narrativa	12
6. Formulação do Problema	15
Método	17
7. Considerações Metodológicas	17
8. Descrição da Participante	19
9. Procedimentos e Instrumentos de Recolha da História de Vida	21
10. Procedimentos e Instrumentos de Análise da História de Vida	24
Resultados	27
11. Análise Cronológica	27
12. Análise Categorical Temática	37
Discussão	47
Conclusão	55
Referências Bibliográficas	53
Anexos	59
Anexo A: História de vida- Montagem do texto na primeira pessoa	60
Anexo B: Cronograma dos encontros	90
Anexo C: Temas a abordar na 5ª entrevista	91
Anexo D: Entrevistas integrais	92

## Introdução

Neste estudo pretendeu-se analisar a trajectória de vida de uma idosa pobre à luz de diferentes teorias do desenvolvimento humano (Adler, 1959; Erikson, 1980; Gilligan, 1997; McAdams, 1996, 2001; McAdams e tal., 2006), tendo como método de investigação a história de vida (Poirrier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1999). Centrâmo-nos principalmente na perspectiva de McAdams, com a intenção de evidenciar algumas facetas da personalidade do sujeito participante da investigação e assim compreender o desenvolvimento da sua identidade. Assim, na primeira parte do trabalho, foi possível delimitar o problema em estudo.

Na segunda parte do trabalho, dedicámo-nos a questões metodológicas, reflectindo sobre a metodologia utilizada, a história de vida, e descrevendo o sujeito participante e os procedimentos e instrumentos de recolha e de análise do material. Os instrumentos utilizados e os procedimentos escolhidos assentaram naquilo que Burgess (1997) denominou de “estratégias múltiplas”, no nosso caso, de recolha e de análise da informação. Recorremos a entrevistas de estilo não directivo e à observação participante num contexto naturalista, com a utilização de um diário de campo e de um gravador (Bogdan & Bicklen, 1994; Burgess, 1997; Fernandes, 2002; Josselson, 1995; Legrand, 1992). O texto da história de vida foi sujeito a uma análise de conteúdo (Bardin, 1979; Krippendorf, 1980; Poirrier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1999; Vala, 1986) com recurso a três técnicas: análise cronológica, análise categorial temática e análise do biograma. Esta última enquadró a discussão dos resultados obtidos através das duas primeiras

Por fim, articulámos os resultados mais relevantes das análises efectuadas com o corpo teórico que sustentou a formulação do problema de investigação.

### 1. Concepções do Desenvolvimento Humano de Erikson

O estudo de desenvolvimento do adulto foi tido em conta nas ciências humanas, há cerca de 30 anos, largamente devido ao impacto dos escritos de Erikson. A sua visão do desenvolvimento está profundamente enraizada nas suas concepções de ciclo-de-vida e de curso de vida, dando, a este último um papel primordial, a união entre o *self* e o mundo (Levinson, 1986).

Para Erikson (1980) a vida social do indivíduo inicia-se logo no seu nascimento. A criança em crescimento, vai adquirindo um sentido da realidade, através da tomada de consciência de que a sua forma de a dominar (síntese do *ego*), deriva da identidade do grupo onde se insere, estando de acordo com o seu espaço, tempo e plano de vida.

Segundo Erikson (1980), a identidade do *ego*, provém da coincidência entre o domínio do corpo e da significação cultural, do prazer físico e do reconhecimento social, que contribui para uma auto-estima mais realista, que evolui para a convicção de que o *ego* está a dar passos significativos para o futuro, definindo-se de acordo com a realidade social. A identidade do *ego* é uma experiência subjectiva, um facto dinâmico e um fenómeno psicológico de grupo. O sentimento consciente de ter uma identidade pessoal é baseado na observação de que o seu *ego* é constante ao longo do tempo, e de que os outros reconhecem essa constância. Comporta certos ganhos que o indivíduo na fase final da adolescência tem que ter adquirido das suas experiências antes de se tornar adulto, para poder estar pronto para as tarefas da idade adulta.

Erikson (1980) foca a sua abordagem de ciclo da vida na epigénese do *ego* ao longo de oito estádios de desenvolvimento psicossocial, cujo fim último é a formação de um todo funcional. Estes estádios encontram-se agregados, ou seja, o estádio seguinte encontra o seu início no final do estádio que lhe precede. O organismo da criança desenvolve-se através de capacidades locomotoras, sensoriais e sociais. A sucessão de experiências na criança saudável obedece também a leis de desenvolvimento internas que criam uma sucessão de potencialidades para uma interacção significativa com aqueles que a rodeiam, e que governam o crescimento da personalidade e do organismo, e que, apesar de variar de acordo com cada cultura, permanece com uma sequência e uma ordem próprias.

Cada estádio do *ego*, teorizado por Erikson (1980, 1986), tem a sua primazia num nível de idade particular, num segmento do ciclo-de-vida, desde a infância à velhice. Esta sequência dá uma representação do ciclo-de-vida como um todo. O sentido de um estádio é definido em parte, pelo seu lugar na sequência total. Em cada um o indivíduo atravessa a respectiva crise, havendo um critério de relativa saúde psicossocial e o correspondente critério de relativa doença psicossocial, sendo que no desenvolvimento normal, é suposto que o primeiro critério prevaleça sobre o segundo. A solução para cada componente está na conclusão do estádio.

Erikson (1890), considera como primeiro estádio de desenvolvimento psicossocial, o estádio da Confiança básica *versus* Desconfiança básica. A confiança básica, primeiro componente de uma personalidade saudável, é uma atitude para com o mundo e para consigo próprio que deriva das primeiras experiências de vida. É um estádio incorporativo, em que o

bebé está receptivo a tudo o que lhe oferecem, nomeadamente, o alimento dado pela mãe. Esta tem como tarefa, estabelecer padrões constantes com o bebé, para que predomine a confiança sobre a desconfiança. É fundamental, a qualidade da relação maternal, sendo nestes primeiros encontros de regulação mútua, que o bebé conhece as modalidades básicas da sua cultura. O sentimento de confiança implica confiança na constância e continuidade das previsões do outro, e confiança em si próprio. Caso o sentimento de desconfiança prevaleça, derivando da falha desta regulação mútua, haverão distúrbios permanentes nas relações destes indivíduos.

No estágio seguinte *Autonomia versus Vergonha e Dúvida*, que surge por volta dos oito meses, é bastante significativa a maturação do sistema muscular e a consequente habilidade para coordenar um elevado número de modelos de acção contraditórios, tais como reter e largar, e o facto de a criança, apesar de ser extremamente dependente, começar a mostrar uma vontade autónoma. A zona anal é a zona modelo para dois modelos de acção contraditórios: a retenção e a eliminação. Havendo um sentimento de auto-controle sem a perda de auto-estima, há um sentimento de autonomia e de orgulho, se, por outro lado, prevalece o sentimento de impotência anal e muscular, a perda de auto-controle e de controle parental, surge um sentimento de vergonha e de dúvida. Para desenvolver autonomia é fundamental ter adquirido confiança no estágio anterior. Adquirindo este sentimento, juntamente com o sentimento de dignidade e de independência que sente em relação aos pais, ficará com a expectativa que a autonomia adquirida não será frustrada mais tarde (Erikson, 1980).

O terceiro estágio, *Iniciativa versus Culpa*, surge por volta dos três anos. A criança identifica-se com os pais. É uma fase de desenvolvimento motor, da linguagem e da imaginação. Surge um forte sentimento de iniciativa, de ambição e de independência, iniciando-se a selecção de objectivos sociais e a perseverança em atingi-los. O modo intrusivo caracteriza as suas actividades fantasias. É o estágio da curiosidade sexual infantil (genitalidade rudimentar), em que se desenvolvem os pré-requisitos para a iniciativa masculina ou feminina. A criança tem que reprimir ou esquecer muitas das suas esperanças e desejos, a imaginação é dominada e aprende a conter-se interessando-se por coisas mais impessoais como a escola. O facto psicológico da repressão dos desejos infantis aliados a uma imaginação enorme e a um grande poder locomotor, podem levar a fantasias de terríveis proporções surgindo o sentimento de culpa e de vergonha por determinados actos e pensamentos. O grande espírito de iniciativa traz também a rivalidade para com o progenitor do mesmo sexo, que ocupou o campo para o qual a sua iniciativa se dirige. É altura de

aprender rápida e avidamente e de “fazer coisas” com os outros. É a prevenção e alívio do ódio e da culpa e a colaboração livre entre pessoas iguais no valor e diferentes na função e na idade que possibilita um cultivo pacífico da iniciativa (Erikson, 1980).

No estágio Produtividade *versus* Inferioridade, a criança entra para a escolaridade. Procura aprender coisas, que são produto da realidade da lógica e da prática, que lhes dão um sentimento de participação no mundo real dos adultos. O domínio dos objectos e as coisas ligadas à experiência, é feito pela meditação, experimentação, planeio e partilha. O sentimento de produtividade é o sentimento de ser útil, de produzir coisas, que a sociedade reconhece e incentiva. Surge um primeiro esboço do sentido de divisão do trabalho e da igualdade de oportunidades. O perigo neste estágio é o da inadequação e inferioridade, causado, possivelmente pela insuficiente solução do conflito anterior, pois a vida familiar pode não o ter preparado suficientemente para a vida escolar. A infância chega ao fim com o estabelecimento de uma boa relação com aqueles que partilham e ensinam novas capacidades (Erikson, 1980).

Na fase da pré-adolescência, estamos perante o estágio Identidade *versus* Difusão da identidade. O jovem está preocupado em consolidar os seus papéis sociais. Através de um refinamento de crises anteriores, procura um sentimento de ser igual a si próprio ao longo do tempo, com continuidade: o sentimento de identidade do ego. Esta integração é mais do que a soma das identificações infantis, resultando da integração gradual de todas as identificações. A auto-estima confirma o fim da crise, a convicção de que está a dar os passos para um futuro tangível, definindo uma personalidade numa realidade social que compreende. O perigo de difusão da identidade liga-se ao dilema baseado na dúvida forte e prévia da identidade étnica e sexual podendo levar a incidentes ligados à delinquência e psicoses. É comum um sentimento de intolerância contra a diferença dos outros, que os defende da confusão da identidade, inevitável numa altura em que o corpo muda radicalmente de proporções. Há uma grande maturidade genital, uma aproximação ao sexo oposto e o confronto com muitas escolhas e possibilidades. De tudo isto, os adolescentes defendem-se estereotipando os seus ideais e inimigos (Erikson, 1980).

Para Erikson (1980, 1986) há três estádios da idade adulta. O primeiro é o estágio da Intimidade *versus* Isolamento. É altura de trabalhar para uma carreira, socializar com o sexo oposto, e, a seu tempo, casar e formar família. É só após a aquisição de um sentimento forte de identidade que a intimidade com o sexo oposto se torna possível. O outro lado da intimidade é a distanciação, pela qual o indivíduo repudia, isola e se necessário destrói, as forças e as pessoas que lhe parecem perigosas. A genitalidade é nesta altura, um sinal de

saúde mental, pois remete para a mutualidade heterossexual, com sensibilidade genital completa e descarga de tensão do corpo.

No estágio Geratividade *versus* Estagnação, os indivíduos, através dos genes e do estabelecimento da genitalidade, irão combinar as suas personalidades e energias para a progenitura, na criação da próxima geração. Aqueles que não dirigem os seus esforços para a progenitura, dirigem-nos para outras formas de preocupação altruísta e de criatividade, o que pode absorver a sua responsabilidade parental. Tudo isto passa pelo estabelecimento de uma personalidade saudável que quando falha, provoca a regressão para uma necessidade obsessiva de uma pseudo-intimidade, que dá ao indivíduo um sentimento de estagnação e de empobrecimento pessoal (Erikson, 1980).

Por último, o indivíduo passa pelo estágio Integridade *versus* Desespero, no qual é desafiado a trabalhar tensões e a reequilibrar as forças resultantes dos estágios anteriores, para estabelecer a integridade do *self*, que encontrando suporte no passado, permanece vitalmente envolvido no presente. O indivíduo adaptou-se aos triunfos e decepções da vida. Gerou outros, coisas e ideias. Aceita o seu próprio ciclo de vida e as pessoas que foram importantes para ele, como algo que estava destinado, sem serem possíveis substituições. É a integridade que permite defender a dignidade do estilo de vida contra ameaças físicas e económicas. Por outro lado, a falta desta integração do *ego* (desespero), e o medo da morte, leva ao sentimento de que não há tempo para começar outra vida e tentar outros caminhos para a integridade. O desespero, encontra-se escondido atrás de um desgosto e de uma falta de prazer, opostos às ideias construtivas e à cooperação. Em oposição, a integridade do *ego*, implica uma integração emocional que permite a participação através da amizade e a aceitação da responsabilidade da liderança (Erikson, 1980).

## 2. Noção de Estilo de Vida em Adler e Giddens

Para Adler (1959), o homem pode apenas ser entendido enquanto totalidade, considerando a comunidade fundamental, algo mais amplo que a família onde nos comportamos de modo distinto. A direcção de uma vida encontra-se ligada a um processo de contínua adaptação activa às exigências de um mundo exterior. Desde a infância que o indivíduo procura a perfeição, a maturidade, a superioridade ou a evolução, através da lei do

movimento (impulso vital que surge no começo da vida). São cruciais as influências inatas, do ambiente e da educação no desenvolvimento.

Segundo Adler (1959), a importância da família na infância é determinante para o futuro psicológico e relacional do sujeito. Desta forma determinadas situações que ocorreram na infância, como erros da mãe podem inibir o desenvolvimento do sentido de comunidade, fundamental para o indivíduo se movimentar em sociedade.

É na infância do sujeito que este inicia a construção do seu estilo de vida, forma encontrada pelo indivíduo para perseguir o objectivo Ideal, pelo qual se define a si próprio, os outros e o modo como as relações devem ser, determinando os seus pensamentos, sentimentos e acções (Adler, 1959). Segundo Giddens (2000) o estilo de vida do indivíduo comporta uma série de práticas rotineiras que por um lado preenchem necessidades utilitárias, mas que também fornecem material para a narrativa pessoal do *self*, implicando a sua mudança através de uma pluralidade de escolhas. Todo o indivíduo tem a possibilidade da escolha podendo exercer a sua capacidade de criar, não se submetendo inteiramente à hereditariedade, ambiente e centenas de factores que influenciam a sua vida (Giddens, 2000; Adler in Vries, 1951).

De acordo com Adler (1959), a memória tem como função adaptar as impressões que o indivíduo regista ao estilo de vida pré-estabelecido, usando-as segundo fins do mesmo. Este processo que o autor chama de digestão de impressões forma parte do estilo da vida, havendo tantas formas de memória como de estilos de vida. Através das memórias mais precoces podemos chegar aos interesses principais do indivíduo, parte integrante do seu estilo da vida, pelo qual determinamos a lei individual de movimento do sujeito. Procurou demonstrar a relação entre as recordações infantis e o estilo de vida, e a influência que as memórias mais precoces (relativas à situação familiar ou social) vão exercer no papel social e grupal do indivíduo (por exemplo, através dos comportamentos de cooperação e de oposição nas relações de poder).

Para Adler (1959), é essencial o sentimento de comunidade para o indivíduo se movimentar na sociedade. Este sentimento mostra-se dotado de um poder mais directo com o amor, que acompanha satisfações intensas de natureza corporal e anímica. Aparece nas relações entre duas pessoas do sexo oposto e também na amizade, envolvendo a exclusão de questões de desigualdade, dívidas recíprocas e sentimentos hostis. A deficiente aptidão para preparar uma tarefa a dois, a ausência de consciência de igualdade e de capacidade de entrega caracterizam as pessoas cujo sentimento de comunidade não se desenvolveu. Aproximando-se deste conceito, Giddens (2000), defende que o *self* moderno conecta-se de forma profunda

através da “relação pura”, que permite a satisfação pessoal dos parceiros. Não é ancorada em condições externas da vida social e económica, implicando reciprocidade e assentando no compromisso. Ligada à relação pura encontramos o projecto reflexivo do *self*, uma constante interrogação no que diz respeito aos ganhos e dor que a relação pode infligir. Permite atingir a intimidade dependendo na confiança mútua entre parceiros. A identidade do *self*, é negociada através de processos de exploração do *self* e de desenvolvimento da intimidade com o outro, que criam histórias partilhadas. Também para este autor, observa-se nos domínios da sexualidade, amizade e casamento, despida de deveres tradicionais e obrigações.

### 3. Gilligan: O *Self* no Feminino

Gilligan (1994) examina as limitações de várias teorias, e conclui que de uma forma geral, a teoria do desenvolvimento pela qual o indivíduo vai progredindo para um estado de independência criando um *self* autónomo e moral, não expressa as preocupações e experiência das mulheres. Uma concepção mais alargada da adulez resulta da integração daquilo a que chamou “a voz feminina” na teoria desenvolvimental. Chama a atenção para uma forma diferente de construir o *self* e a moralidade já que as teorias existentes focam-se somente em diferenças sexuais sedimentadas por uma tradição patriarcal masculina.

Na teoria desenvolvimental de Gilligan, a identidade liga-se fortemente à conexão com o outro, ao contrário da teoria de Erikson, onde a experiência é marcada por passos para uma grande independência, e a separação torna-se um modelo e uma medida de crescimento (Erikson, 1964, cit. por Gilligan, 1994).

Para esta autora (1994), estando a percepção do *self* feminino mais difusa uma vez que está muito ligado às relações, e os seus dilemas morais presos a juízos contextuais, a solução encontrada por muitos autores, foi considerar as mulheres como desviantes ou deficitárias no desenvolvimento da moral, encarando como indesejáveis os atributos do *self* feminino. Segundo Gilligan (1994), o *self* feminino tem um entendimento social e moral diferente do *self* masculino, surgindo atributos como a gentileza, a compreensão dos sentimentos dos outros, uma forte necessidade de segurança e a expressão fácil de sentimentos ternurentos (Broverman et al., 1972, cit. por Gilligan, 1994).

A vulnerabilidade feminina, visível na dificuldade em realizar juízos morais e lidar com a responsabilidade consequente, observada em estudos anteriores (como o de Kohlberg e

Kramer, 1969), encontra as suas raízes no facto de durante séculos as mulheres terem sido excluídas da participação directa na sociedade, ancorando a sua sexualidade na passividade e dependendo da protecção e suporte masculino (Gilligan, 1994).

De acordo com Gilligan (1994), os juízos da mulheres são indissociáveis de sentimentos de empatia e de compaixão, em que é fulcral a preocupação e o cuidado com os outros, ao contrário do sexo masculino onde é fundamental a assumpção imparcial e independente no julgamento e na acção. Assim, a linguagem moral é diferente para ambos os sexos, e, no caso do sexo feminino, a responsabilidade moral é exercer cuidado para com os outros e evitar magoar, acção considerada egoísta e imoral.

A sequência desenvolvimental do juízo moral feminino inicia-se num primeiro nível que a autora chamou de orientação para a sobrevivência individual, sendo o *self* o único objecto de preocupação. Na transição para o segundo nível, surgem pela primeira vez as palavras egoísmo e responsabilidade, esta última a base de equilíbrio entre o *self* e o outro. Há uma evolução no sentido da participação social, no primeiro nível moral é vista como uma série de sanções impostas pela sociedade, no segundo o julgamento moral assenta em normas partilhadas e expectativas. A mulher afirma-se como membro da sociedade ao adoptar valores sociais. O *self* vale pela sua capacidade de cuidar e proteger o outro, sinónimo de bondade. O tacto, a gentileza e a facilidade em expressar sentimentos permitem responder sensitivamente e receber em troca o cuidado que preenche a sua forte necessidade de segurança (Gilligan, 1994).

Segundo Gilligan (1994), é quando a convenção da bondade feminina legitima apenas os outros como recipientes de cuidado moral, que a desigualdade entre o *self*, o outro e a violência psicológica gerada, levam ao desequilíbrio que inicia a segunda transição. A relação entre o *self* e o outro é reconsiderada num esforço para perceber a confusão entre conformidade e a capacidade inerente de cuidar, e estabelecer um novo equilíbrio que dissipe a tensão entre o egoísmo e a responsabilidade. Num terceiro nível, o *self* torna-se o árbitro de um julgamento independente, que tem em conta convenções e necessidades individuais, sobre o princípio moral da não-violência. O cuidado torna-se um princípio universal.

#### 4. A Teoria da Personalidade e a Personologia

A abordagem autobiográfica tem as suas raízes em duas tradições intelectuais diferentes, a teoria da personalidade e a personologia (Howard, Maerlender, Myers, & Curtin, 1992).

As origens do estudo científico da personalidade podem situar-se nos finais do século dezanove, quando encontramos os inícios da psicologia como ciência. Apenas depois de 1930, a personalidade foi reconhecida como um conceito a compreender na psicologia (Pervin, 1998).

De acordo com Pervin (1998), actualmente a teoria da personalidade pode definir-se como a investigação sistemática das diferenças individuais e do funcionamento organizado da pessoa como um todo, dando especial relevo aos elementos que a compõem; os traços, as cognições e os motivos da conduta. Os traços de personalidade referem-se a regularidades amplas ou consistências da conduta dos indivíduos e são utilizados usualmente nas descrições de personalidade. Para os teóricos desta área eles constituem-se como elementos básicos, tipos comuns a vários indivíduos, que servem para descobrir as diferenças individuais da personalidade.

Os métodos eleitos na teoria da personalidade, são de enfoque nomotético, ou seja, procuram leis gerais e empregam os procedimentos das ciências exactas. Segundo Marceil (1981), numa posição nomotética genuína, os indivíduos são vistos como possuidores de estruturas inatas e unitárias de personalidade que os tornam mais ou menos iguais e constituem os traços de personalidade. Para Allport (1962), os métodos estatísticos e as previsões pertencentes a este tipo de abordagem, não têm em conta certas particularidades genéticas e experiências de vida. As dimensões a estudar têm um nível muito elevado de perfeição objectiva, sendo por exemplo, normativas na população à qual o sujeito pertence, e muitas vezes apenas interessam ao investigador ou à instituição, podendo não ser relevantes para o sujeito participante.

De acordo com Barresi e Juckes (1997), a personologia é a ciência das pessoas, destinada a organizar e interpretar a vida do ser humano individual. O conceito de pessoa pressupõe a continuidade da experiência que comporta princípio, meio e fim. Estamos sempre sujeitos a transformações na nossa história, alterando a estrutura da nossa experiência e actividades, reinterpretando o passado e antecipando desenvolvimentos futuros numa história na qual somos figuras centrais.

Howard, et al. (1992), revela que a personologia, pesquisa focada no estudo de vidas completas, se separa da pesquisa no campo da personalidade focada nos traços. Este isolamento leva a diferentes caminhos para validar os temas de vida, e para validar os traços.

As autobiografias na personologia e as medidas de comportamento e questionários na teoria da personalidade.

Segundo Barresi e Juckes (1998), os estudos mais recentes acerca de vidas de indivíduos tornam a narrativa a metodologia mais central e promissora neste tipo de abordagem. Porque a personologia se foca no estudo do ser humano como pessoa, é crucial ter em consideração a perspectiva na primeira pessoa do singular. Uma vez que as pessoas experienciam as suas vidas com uma estrutura igual à das histórias, sobre as quais podem facilmente proporcionar narrativas, é natural que os personologistas estudem as pessoas em termos de narrativas estruturais.

A narrativa é o meio natural de expressão da estrutura da experiência pessoal inerente. Não só a narrativa realizada na primeira pessoa é uma fonte de informação acerca do indivíduo, e a narrativa feita em terceira pessoa realiza uma descrição sumária de uma vida, como as estruturas das narrativas podem ser usadas como instrumentos teóricos que permitem formular interpretações científicas. Alguns avanços recentes na personologia desenvolveram o conceito de guião e do indivíduo como actor, tornando central o uso teórico e metodológico da narrativa nestas abordagens (Barresi & Juckes, 1998).

De acordo com Marceil (1981), o método ideográfico procura compreender um acontecimento particular na natureza ou na sociedade, estando ligado à história e à biografia. Assim uma ciência da individualidade, como a personologia, deve ser essencialmente ideográfica, esclarecendo a singularidade, a identidade e a vontade individual. O enfoque é ipsativo, constituindo o indivíduo por si só, um universo dentro do qual ocorrem variações na conduta.

Para Allport (1946, 1962), a psicologia estava excessivamente submetida aos objectivos e procedimentos das ciências naturais. Assim, chama a atenção para a importância dos métodos com intenção ideográfica, como estudos de caso, documentos pessoais e entrevistas entre outros. Defendeu a contribuição mútua, do método nomotético e ideográfico, no estudo e descoberta da personalidade humana.

Segundo Allport (1962) e Marceil (1981), a abordagem ideográfica reflecte a particularidade da personalidade e da experiência individual. É ideal para compreender a singularidade do indivíduo e alguns dos seus métodos como a autobiografia e a análise de documentos pessoais, permitem aceder a estruturas de pensamento e perceber quais os temas e intenções dominantes naquela vida humana, informação altamente reveladora mas sem qualquer referência a normas gerais ou dimensionais.

As características únicas da vida individual não podem ser generalizadas, e é o processo ideográfico que permite aceder ao documento pessoal, revelador da informação da estrutura, dinâmicas e funcionamento da vida mental de um indivíduo (Allport, cit. por Burgess, 1943). O procedimento nomotético, empregue na teoria da personalidade, leva a generalizações pela comparação de alguns casos, sendo relevante para poucos aspectos de vidas concretas, como se pretende na personologia. Para um nível maior de poder científico, a psicologia deve adoptar também, a orientação ideográfica, já que a compreensão, predição e controle da vida mental, estão muito mais completas quando o organismo singular é compreendido em termos da sua peculiaridade especial, do que quando são exclusivamente aplicadas probabilidades nomotéticas (Allport, 1946, 1962; Burgess, 1943).

McAdams (2006), debruçando-se sobre o fim último da psicologia da personalidade, conclui que esta passa por fornecer um trabalho integrativo que permita entender o Homem como um todo, possibilitando a compreensão das características típicas da espécie humana (em que é que o indivíduo é igual às outras pessoas), as diferenças individuais em características comuns (o que é que o indivíduo tem em comum com algumas pessoas), e o padrão único da vida individual (em que é que o indivíduo não é igual a nenhuma outra pessoa). Propõe então o Big Five, cinco princípios para uma nova ciência integrativa da personalidade.

O primeiro princípio diz-nos que a vida humana é uma variação de um design evolutivo geral. Para entender a individualidade psicológica deve-se começar pela natureza humana, identificando o que é comum a todas as pessoas e que é produto da evolução humana. O estudo científico do Homem tem que ter como base a teoria da evolução, procurando as características específicas da espécie considerando o como e o porquê da sua evolução (McAdams, 2006).

O segundo princípio afirma que as variações num pequeno conjunto de traços disposicionais implicados na vida social constituem o aspecto mais estável e reconhecível da individualidade psicológica. A extroversão e a depressividade são exemplos de traços disposicionais. Os traços são as dimensões mais gerais a estabelecer diferenças entre as pessoas, tornando-se o primeiro nível da personalidade. Pressupõem consistência interindividual e continuidade no comportamento, ao longo do tempo e de diferentes situações. Dizem-nos como o indivíduo se ajusta e liga ao mundo social, são uma assinatura reconhecível, que a pessoa tende a expressar numa série de situações e ao longo de um período de tempo relativamente longo (McAdams, 2006).

Segundo o terceiro princípio, além dos traços as vidas humanas variam com respeito a uma série de adaptações características incluindo: tarefas de vida, mecanismos de defesa, skills específicos, valores e uma série de outras adaptações desenvolvimentais, sócio-cognitivas ou motivacionais que estão contextualizadas num papel, tempo ou lugar. Constituem um segundo nível de personalidade e são por exemplo, os valores e os objectivos. São um domínio da individualidade humana mais ligado à motivação e à cognição do que os traços e também mais moldados por influências culturais e ambientais. Têm mais tendência a mudar ao longo do tempo permitindo ao indivíduo adaptar-se às exigências de um ambiente social que muda constantemente, particularizando a individualidade humana (McAdams, 2006).

O quarto princípio refere que além dos traços e das adaptações características, as vidas humanas variam no que respeita às histórias de vida integrativas ou narrativas pessoais, que os indivíduos constroem para obter identidade e sentido no mundo moderno. É o terceiro nível da personalidade, em que cada história de vida é única. O indivíduo constrói a sua vida como se esta fosse uma história que o ajuda a moldar o comportamento, a estabelecer uma identidade e a integrá-lo na vida social moderna, dando-lhe unidade, propósito e sentido (McAdams, 2006; McAdams et al., 2006).

O último princípio afirma que os três níveis de personalidade são de diferentes formas, afectados pela cultura. Há uma influência modesta nos traços, afectando a forma como são expressos; mostra uma influência mais forte nas características disposicionais, já que as culturas variam nos objectivos, crenças e estratégias valorizadas e revela a sua influência mais forte e profunda nas histórias de vida, providenciando um cardápio de temas, imagens e tramas para a construção psicossocial da identidade narrativa, a identidade narrativa é construída pela apropriação de histórias da cultura (McAdams, 2006).

De acordo com McAdams (2006), a personalidade é então uma variação única no design geral evolutivo da natureza humana, expressa através de um padrão de traços disposicionais, adaptações características e histórias de vida diferenciadas segundo a cultura em que se insere o indivíduo, estando de acordo com o seu *self* e cultura.

## 5. A Identidade e a Narrativa

McAdams (1996), sugere que o *self* do indivíduo é composto por características pessoais dos três níveis de personalidade, sentimentos, acções, pensamentos, histórias de vida, interesses pessoais e alguns traços de personalidade.

O *self* desenvolve-se ao longo do tempo, integrando, no homem moderno, diferentes valores, papéis e capacidades. Através das histórias de vida que definem o *self*, o indivíduo dá sentido à sua existência, integrando narrativas do mesmo, que reconstróem o passado e antecipam o futuro, provendo a sua vida de identidade, significado e coerência (Giddens, 2000; McAdams, 1996, 2006; McAdams et al. 2006).

Giddens (2000), debruçando-se também sobre a questão da identidade nas sociedades modernas, considera a autobiografia como o âmago da identidade do *self* na vida social moderna. A criação de uma história de vida pessoal que distingue o indivíduo visualizando-o como um todo, um meio de intervir no passado sob forma de uma experiência emocional correctiva que permite a abertura a novas possibilidades futuras. A linha de desenvolvimento do *self* comporta integridade pessoal pela integração de experiências de vida dentro da narrativa de desenvolvimento do *self*. O indivíduo é, em primeira instância fiel a ele mesmo.

Assim, é possível compreender a identidade através da narrativa, tendo em conta simultaneamente a unidade e a multiplicidade do *self* como parte da subjectividade humana (Raggat, 2006). Segundo Pasupathi (2006) as duas formas de contar histórias (reflexiva e dramática), acompanham diferentes tipos de comunicação, ligando-se a diferentes objectivos e funções da narrativa e dando-nos pistas do *self* que o narrador está a construir naquele momento. Num estudo realizado por ST. Aubin, Wandrei, Skerven e Coppolillo (2006), as diferenças individuais na ideologia pessoal (inseparável da identidade) são reveladas na história de vida, onde o *self* se define.

Segundo McAdams (1996, 2006) a história de vida é uma construção psicossocial, retirando os seus significados da cultura e pressupondo sociabilidade humana, um contexto social no qual um narrador narra perante um outro. As suas funções passam por entreter, instruir, admoestar e inspirar a audiência para a qual são contadas. Assim para ser entendida, é essencial a existência de coerência no relato, possibilitando explicações causais acerca da vida do indivíduo, revelando sentimentos, pensamentos e desejos e reflectindo a riqueza da experiência vivida e acções socialmente válidas, ou seja, contadas através de uma perspectiva moral reconhecível.

De acordo com McAdams e colaboradores (2006), as diferenças individuais na estrutura e conteúdo das histórias de vida, representam aspectos mensuráveis e significativos da personalidade. Assim a identidade narrativa (forma como integra a sua vida e lhe dá

significado ao longo do tempo e do contexto social), pode revelar não só a continuidade da personalidade como também a mudança desenvolvimental do sujeito, visível principalmente na jovem adultez, onde é esperada e exploração de vários papéis ocupacionais e ideológicos na sociedade, consolidando aquilo que Erikson (1980) denominou de identidade do *ego*. Este conceito é o ponto de partida de McAdams (2001) para a história de vida como modelo da identidade, pelo qual é no final da adolescência e princípio da adultez, que ao ser confrontado com o problema da Identidade *versus* Difusão da mesma, que o indivíduo procura integrar os seus diversos papéis, talentos e envolvimento sociais de forma a dar há sua vida um sentido de unidade e propósito psicossocial. Identificou a adolescência como o primeiro tempo de formação da identidade, uma fase de questionamento provocada por mudanças corporais. É um período de moratória psicossocial, em que o indivíduo pode encontrar um nicho em alguma secção da sociedade (Erikson, cit. por McAdams, 2001).

Enquanto Erikson (1980) confina a formação da identidade a um único estágio psicossocial, McAdams (2001) considera a existência de continuidade no trabalho identitário, ao longo dos anos da adultez. No mundo moderno o *self* é um projecto reflexivo sempre desenvolvido e melhorado, complexo, multifacetado e sujeito a mudanças ao longo do tempo. Segundo Giddens (2000), esta reflexão é contínua, formando uma trajectória coerente de desenvolvimento desde o passado até ao futuro antecipado, havendo uma tomada de consciência das várias fases do ciclo vital.

Assim, para McAdams (1996) a história é revista e organizada. Há moratórias psicossociais, períodos em que ocorrem mudanças na identidade ligadas a mudanças de vida, como por exemplo o divórcio ou a menopausa (Erikson, 1963, cit. por McAdams, 1996). É feita uma avaliação narrativa, até ao fim da vida continuamos a rever e a reconstruir a nossa história para fazer face às mudanças e preocupações da vida. Perto do fim da vida, pode tornar-se mais importante a revisão do que a reconstrução da história (McAdams, 1996).

Debruça-se à semelhança de Erikson, sobre as histórias de vida generativas, visíveis em indivíduos que se distinguiram como estando constantemente preocupados com o bem-estar da geração seguinte. No protótipo deste tipo de história o protagonista vê-se desde cedo como possuindo uma vantagem ou bênção familiar precoce, que contrasta com a dor e infortúnio dos outros, sendo sensível ao seu sofrimento. O *self* está comprometido a viver de acordo com determinados valores e crenças pessoais que se mantêm constantes ao longo do tempo. Os encontros que terá ao longo da sua vida serão uma partilha de infortúnio, desapontamento e até tragédia, mas que por vezes trazem bons resultados, em parte devido aos esforços do indivíduo. Este género de história de vida sustenta um discurso em que o *self*

se mostra cuidador, generoso e responsável para com a vida social (Colby & Damon, 1992, cit. por McAdams, 1996).

## 6. Formulação do Problema

Foi procurado um sujeito participante para este trabalho que, para além de ser mulher e idosa, reúne outras características que fazem com que possa ser considerada desfavorecida, vivendo numa situação de pobreza, em que está patente uma dinâmica de privação e de falta de recursos. Segundo Costa (2005), neste nível de pobreza a privação é múltipla, sendo visível nos diversos domínios das necessidades básicas, como vestuário, alimentação, condições habitacionais e de trabalho (actividade no domínio da economia informal), educação, formação profissional, cultura, participação na vida social e política entre outras. Estas carências promovem mudanças na personalidade, na medida em que se ensaiam regras de sobrevivência, baixam o nível de aspiração e modificam as relações, o círculo de convivência torna-se restrito à família e vizinhos que vivem em condições semelhantes, podendo surgir fortes tensões e rupturas familiares.

Segundo Becker (in Shaw, 1930) a maior vantagem em realizar uma história de vida é possibilitar uma “conversa entre classes”, proporcionando uma voz proveniente de uma cultura e situação, normalmente não conhecidas pelos intelectuais. Desta forma é -nos dada uma visão do processo social, como um processo observável de interacção simbólica mediada.

Assim, optando pelo método ideográfico, sem recurso a normas gerais ou dimensionais, procurámos esclarecer a identidade singular da participante, recorrendo somente ao relato da sua vida. Este, foi examinado através das categorias de McAdams (1997) para a compreensão da estrutura e conteúdo de histórias de vida, verificando-se, se elas revelavam as facetas do sujeito em investigação, dando conta do desenvolvimento da sua identidade.

McAdams (1997) propôs que a estrutura e o conteúdo das histórias de vida de adultos fossem compreendidas de acordo com as seguintes categorias.

O tom narrativo, manifestado através de uma tonalidade ou de uma atitude emocional quando se conta a história. É influenciado pela vinculação presente na infância do sujeito. As

histórias otimistas tomam a forma de comédia e romance, ao passo que a tragédia e a ironia espelham um tom pessimista.

A imagética, as metáforas e os símbolos, as imagens que o narrador nos dá, os cheiros e sabores que nos fornece e que tornam a história singular na sua textura.

As Linhas temáticas, que reflectem os objectivos das personagens e os planos para a sua obtenção, estando ligados à motivação humana. Tem dois temas básicos, a iniciativa, a que pertence o poder (domínio do individual sobre o ambiente), e o tipo de comunhão, a que pertence o amor (ligada a motivações como o amor, a reconciliação e o carinho).

O *Setting* ideológico, a criação de uma espécie de estância moral pela qual o indivíduo se julga e julga os outros, revelando a posição ético-religiosa e política da pessoa.

Os Episódios nucleares, cenas particulares que sobressaem na história e que afirmam a continuidade ou a mudança do indivíduo ao longo do tempo. São pontos altos, baixos, de começo e de viragem.

Os *Imagos*, personificações idealizadas do *self*, que funcionam como personagens principais na narrativa, tendo uma série de características, papéis e experiência. Ligam-se às linhas temáticas existentes em determinada fracção da história.

A finalização generativa, o guião generativo, a parte da história de vida onde aparece a preocupação de como criar e desenvolver um legado do *self* para ser oferecido às gerações seguintes, uma vez que a ideia da morte se vai tornando mais presente. Idealmente dá um final à história sugerindo um novo começo, estendendo-se a gerações futuras para além das limitações temporais e espaciais de uma única vida, sobrevivendo ao *self*.

## Método

### 7. Considerações Metodológicas

O método de pesquisa na produção da história de vida conhece quatro impulsões diferentes que se enriquecem paradoxal e mutuamente (Clapier-Valladon, 1982).

De acordo com Barresi e Juckes (1998), uma das origens da história de vida, pode ser encontrada em Freud, o primeiro psicólogo a usar as narrativas para perceber o desenvolvimento das motivações conscientes e inconscientes do indivíduo. A abordagem teórica de Freud pode ser encontrada nos estudos de caso individuais e nas biografias psicanalíticas.

Outra influência importante, citada por Poirrer e colaboradores (1999), foram os trabalhos da Escola de Chicago, cujos projectos estavam centrados nos emigrantes recentemente instalados nos Estados Unidos, não assimilados e perturbadores da ordem, na vontade de reconduzir os desviantes à ordem estabelecida. São as chamadas preocupações neopopulistas ligadas a um comprometimento social e político. Segundo Becker (Shaw, 1966), o departamento de sociologia da escola de Chicago em 1920, promove uma perspectiva em que a compreensão de como um indivíduo se comporta só é adquirida percebendo a perspectiva do actor. Assim compreendem-se os efeitos das estruturas de oportunidade, as subculturas delinquentes, normas sociais etc. Foram realizados estudos ecológicos acerca da sucessão de grupos étnicos em Chicago e da distribuição da delinquência juvenil, doença mental e outras formas de patologia. Um grupo organizado por Robert Park, algures após 1916, percebeu que os assuntos que estudavam estavam intimamente ligados à cidade onde estavam. Baseavam-se no conhecimento que tinham de Chicago, tendo em conta peculiaridades locais dos anos vinte, ao mesmo tempo que contribuía com mais uma pequena peça para o mosaico da teoria da cidade e para um maior conhecimento da mesma. Quase todos os estudos feitos por esta escola se basearam em documentos pessoais, entrevistas, resultados de questionários ou histórias de vida. Estes estudos iam completando um mosaico de grande complexidade e detalhe, tendo como sujeito do estudo Chicago, que podia ser usado para testar uma grande variedade de teorias (Shaw, 1966).

Clapier-Valladon (1982) refere que a terceira impulsão é delimitada à tradição antropológica, cujos investigadores de terreno recorrem a histórias directas em primeira-mão,

de informadores de todos os géneros, não necessariamente etnólogos profissionais, mas missionários, administradores ou antropólogos por vocação. A entrevista oral e etnográfica é considerada com um método promotor de documentos incontestáveis mas nunca negligenciando os factores subjectivos e relacionais nem o método de questionamento.

Por último, a reflexão epistemológica, considera que o objecto das ciências humanas é apreender a realidade histórica e individual, o conhecimento daquilo que tem um papel activo na génese do particular e a determinação das suas regras e fins do seu desenvolvimento; a biografia aparece como a expressão típica de um processo de individuação que dá há psicologia um objectivo de compreensão. Permite compreender as estruturas, as contradições e a dialéctica da vida pessoal, pelas quais se forma e se transforma a personalidade singular e decorre a sua actividade (Clapier-Valladon, 1982).

Segundo Legrand (1992), o objecto da psicologia é o estudo da vida concreta e dramática do sujeito que surge numa história singular sob a forma da biografia, descrevendo os eventos singulares que se desenrolam entre o nascimento e a morte. O método apto a liberar os materiais necessários à construção de uma ciência da biografia é o método do récita de vida, pelo qual um indivíduo concreto e singular conta a sua vida em primeira pessoa ou por escrito. Encontramos no construtivismo o conceito primordial deste tipo de abordagem, segundo o qual se procura compreender pela interpretação o mundo complexo da experiência vivida sobre o ponto de vista do actor social que a viveu (Schwandt, 1995).

A aproximação biográfica é bastante prometedora nas ciências humanas, já que recolhe informação personalizada e material muito complexo com múltiplas possibilidades e diversas facetas. A história oral é um campo rico e dinâmico de investigação, pelo qual se foram preservando os traços de diversas culturas e cuja abordagem científica coincide com o desejo do indivíduo em contar-se (Poirier et al. 1999; Clapier-Valladon, 1982).

A biografia é realizada de um modo exaustivo e todos os seus documentos são constituídos a partir de entrevistas. Nas histórias de vida o investigador leva a efeito entrevistas exaustivas com uma pessoa, sendo o objectivo coligir uma narrativa na primeira pessoa do singular (Bogdan, 1994; Clapier-Valladon, 1982). As entrevistas são de estilo não-directivo constituindo uma situação social cuja relação criada influencia aquilo que é dito. É privilegiada a expressão, o narrador exprime-se sem nenhum constrangimento nem restrição, nos seus pensamentos e sentimentos, o que permite evitar os enviesamentos das racionalizações e garantir a fiabilidade do discurso (Blanchet, 1982; Legrand, 1992; Burgess, 1997; Poirier et al. 1999).

A metodologia qualitativa é a ideal para realizar uma história de vida, já que os dados recolhidos são ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas. As questões a investigar são formuladas com o objectivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade. É privilegiada a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, sendo essencial um contacto aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais. É de importância vital o significado, interessando o modo como as pessoas dão sentido às suas vidas, a perspectiva participante, que ao ser apreendida ilumina a dinâmica interna das situações. Analisam-se os dados em toda a sua riqueza, respeitando tanto quanto possível, a forma em que foram registados ou transcritos. São analisados de forma indutiva, ou seja, a direcção de uma teoria sobre um objecto de estudo, só se começa a estabelecer após a recolha de dados e o passar de tempo com os sujeitos. O processo de condução de investigação qualitativa reflecte uma espécie de diálogo entre os investigadores e os sujeitos, dado estes não serem abordados de forma neutra (Bogdan, 1994).

Atkinson (1997) define a narrativa como uma forma de acção social, e não como reveladora de uma visão individualizada e hiperautêntica do *self*. É fundamental ter em conta o contexto, a acção e a interacção sociais e não apenas versões individualizadas da experiência.

O movimento actual das histórias de vida liga-se à preocupação de se aproximar cada vez mais do real concreto ao qual corresponde um esforço de reflexão conduzida no plano metodológico, que opõe autores com posições diferentes. É sempre necessário ter presente que a realidade objectiva é representada subjectivamente, o narrador exprime a imagem que julga ter, “mais ou menos falseada pelo prisma da sua visão de si mesmo”, o eu nunca autêntico, é produto de racionalizações e arranjos que o interessado efectua. Na elaboração de histórias de vida, é preciso ter em conta a desnaturação na medida em que o enunciado foi produzido em função da oralidade e é desqualificado ao ser separado do seu enquadramento, assim são necessárias condições específicas na produção de um discurso que justificam as exigências de um registo integral. É então fulcral ter em conta que o contexto é um complexo, o enunciado é tonalizado, gestualizado e dramatizado, directamente em função do sistema sociocultural no qual se exprime e do narratário ao qual se dirige. (Poirier et al. 1999).

## 8. Descrição da Participante

A participante voluntária deste estudo tem 83 anos e pertence ao género feminino. Tem seis filhos, vários netos e alguns bisnetos e é viúva desde os sessenta e um anos. Não aparenta ter deterioração cognitiva grave, confirmada por informador (uma amiga íntima). Mantém um certo grau de autonomia. Não lhe é administrada medicação psicofarmacológica, somente analgésicos. Vive há dez anos num prédio de habitação social na zona alta de Lisboa, com dois filhos, um deles alcoólico, a nora e um neto. Viveu sempre em *barracas*, antes de lhe ser dado o apartamento de habitação social. Morou em Alcântara e na Musgueira. Actualmente vive da reforma de cerca de duzentos euros, numa situação bastante precária, tendo muitas carências ao nível das necessidades básicas, como a alimentação e ausência de água quente. Decorre um processo em tribunal por não pagar a renda do apartamento há vários meses.

A zona onde habita é maioritariamente rodeada de outros prédios de habitação social, com uma população de etnias e faixas etárias diversificadas. Na mesma zona, mas em ruas um pouco mais distantes, existem também habitações novas para a classe média.

A selecção da Sr.<sup>a</sup> Alice residiu no facto de ser uma pessoa idosa do sexo feminino, manifestar um funcionamento cognitivo razoável e viver com dificuldades económicas graves. Manteve em todos os encontros uma apresentação cuidada, apesar de em quatro, das cinco entrevistas efectuadas vestir a mesma roupa (uma camisa e uma saia comprida, estando sempre bem penteada e cuidada em termos de higiene pessoal).

A Sr.<sup>a</sup> Alice é de estatura baixa e “rechonchuda”. Os seus olhos são bastante expressivos. Mostra-se bastante curiosa pelo estudo, ficando muito contente por alguém querer “fazer um livro da sua vida”. Diz-me que há uns anos uma amiga quis escrever a sua história, mas acabou por morrer sem o fazer.

Mostra muita vontade em ser ouvida, exprimindo-se com facilidade e descontração. Ao longo dos nossos encontros, predominou um sentimento de tristeza enquanto me contava episódios por ela vividos. As temáticas de precariedade, fome e maus-tratos foram dominantes lamentando-se muito do seu sofrimento e vida difícil. Este estado de espírito alternava, por vezes, com algum sentido de humor, ao lembrar-se de episódios mais caricatos ou ao falar dos netos, dos quais tem muito orgulho.

Encontrámo-nos na sua sala de estar, bastante arrumada e impecavelmente limpa, mas desprovida de qualquer objecto de valor sentimental: não existem livros, fotografias ou qualquer coisa que lhe pertença. Os vasos, taças e copos que enfeitam a sala, pertencem à nora e ao filho, todas as suas coisas estão no seu quarto. É lá que vai buscar as fotografias de

família e de alguns amigos para me mostrar. Há um ecrã plasma muito grande na sala, mas a Sr.<sup>a</sup> Alice diz-me que nunca o liga, apenas vê televisão quando a nora o deixa ligado. Passa a maior parte do tempo em casa de uma das filhas ao lado da sua. Não faz refeições com o filho e a nora mas sim sempre com esta filha. Revela que sofre com alguma frequência maus-tratos físicos e verbais por parte deste filho. Senti que apesar de morar nesta casa, a Sr.<sup>a</sup> Alice não a sente como sua, diz-me que não vai viver com uma das filhas porque o seu filho solteiro é alcoólico e tem frequentemente ataques epilépticos.

No plano relativo à saúde física diz-nos ter alguns problemas de mobilidade, provocados por dores nas costas e numa das pernas. Por vezes tem alturas de fraqueza, pois nem sempre tem a possibilidade de realizar refeições. Tem algumas dificuldades posturais, coxeando ligeiramente, mas realiza algumas actividades quotidianas e tarefas domésticas (limpezas, cozinhados, tomar conta da bisneta...). Suspeita que tem cancro na pele, pois vai várias vezes com uma das filhas ao hospital retirar sinais.

Com a continuidade das entrevistas, a relação que estabelecemos foi-se tornando cada vez mais íntima e sólida. A Sr.<sup>a</sup> Alice sentia que eu a ouvia e que podia assim partilhar as suas adversidades. A narrativa que revelou foi pouco factual e muito investida de emoções. Por vezes os acontecimentos eram contados com idealizações de si própria perante os sofrimentos e adversidades intensas.

## 9. Procedimento e Instrumentos de Recolha da História de Vida

Para Politzer (in Legrand, 1992), o método destinado a liberar os materiais necessários na abordagem biográfica, é o método do récita dramático em primeira pessoa. A ciência da biografia constrói-se através da articulação da teoria com a prática, o récita de vida é uma metodologia qualitativa de pesquisa e a sua prática uma prática de intervenção (Legrand, 1992).

Na história de vida única, que vai necessariamente gerar uma certa familiaridade entre narrador e narratário, a entrada na matéria deve realizar-se sob a forma de relação interpessoal privilegiando-se uma atitude de atenção, baseada na compreensão. A escuta empática como orientadora do investigador para as experiências dos outros e para a sua construção de significados (Josselson, 1995). A escuta do informante, é uma escuta activa feita no quadro de um diálogo, o narratário colabora directamente na produção da narrativa mas controlando

minimamente o processo de narração e deixando ao narrador uma liberdade de expressão máxima. (Poirier et al. 1999). Na história de vida, pede-se ao indivíduo que se conte, é a singularidade que é considerada numa perspectiva reveladora de um certo vivido social. Procura chegar-se à forma como as pessoas dão sentido às suas vidas, às experiências do ponto de vista do informador (Bogden & Bicklen, 1994).

Para Bogdan e colaboradores (1994), uma das estratégias mais representativas da investigação qualitativa é a observação participante na qual a fonte directa de dados é o ambiente natural e o investigador o instrumento principal. Os materiais registados mecanicamente são revistos pelo investigador na sua totalidade, e o instrumento chave-análise consiste no entendimento que este tem desses materiais.

Segundo Burgess (1997), a observação participante permite aceder aos significados que os sujeitos atribuem às situações sociais. Sendo realizada em contexto naturalista, complementa a investigação, permitindo a recolha de dados ricos e pormenorizados de características próprias do sujeito, dando-nos acesso aos conceitos que usa no dia-a-dia.

Na recolha da história de vida, recorreremos ao uso de entrevistas não estruturadas, o carácter flexível deste tipo de abordagem permite aceder à perspectiva pessoal do sujeito evitando que este se molde a questões previamente elaboradas (Bogdan, 1994). Segundo Zweig (in Burgess, 1997), o entrevistador que aborda o sujeito através de entrevistas não estruturadas, é visto pelo entrevistado como um amigo e confidente que mostra interesse, compreensão e simpatia pela vida da pessoa.

Foi então preferido o estilo de conversa ao de inquérito. Procurámos seguir, no sistema intervenção do narratório, as três funções essenciais para manter o equilíbrio e a eficácia da situação de entrevista: a produção, pela qual o entrevistador tem um efeito de estimulação directa sobre os processos de enunciação; a confirmação, que permite manter o equilíbrio na relação, promove a fiabilidade do discurso e facilita a enunciação reforçando sentimentos de completude; e a orientação, que tem como objectivo a pertinência do discurso ao nível do seu conteúdo e da sua lógica (Blanchet, 1982).

Com o objectivo de aprofundar algumas temáticas que não tinham sido espontaneamente abordadas pela participante, recorreremos, na última entrevista, a uma abordagem semi-directiva, encorajando a participante a falar acerca de alguns temas. Segundo Poirier et al. (1999), o entrevistador deve precisar cada uma das informações e reflexões fornecidas pelo sujeito e orientá-lo para temas que não foram espontaneamente abordados, assegurando-nos de que nenhum campo da memória tinha sido negligenciado.

A história de vida única caracteriza-se sempre a partir de entrevistas repetidas uma vez que é necessário deixar o entrevistado contar-se ao seu próprio ritmo. A repetição das entrevistas é condição necessária para o aprofundamento da informação e seu controlo (Poirrer et al. 1999).

Foi utilizado um diário de campo como instrumento auxiliar, onde eram registados contactos telefónicos para marcar os encontros, questões a ser colocadas na entrevista, descrições ambientais do espaço onde nos encontrávamos, a duração de cada entrevista, impressões subjectivas, fotografias que o sujeito disponibilizou, comportamentos não verbais do mesmo e conversas tidas com familiares (nora e neto). Segundo Fernandes (2002), este instrumento não só ordena o dado descritivo como as cognições e sentimentos que se produzem no contacto social.

Para registar a história de vida recorreremos ao uso de um gravador digital de som, em boas condições fónicas e com as respectivas pilhas.

Tive conhecimento da situação da Sr.<sup>a</sup> Alice através de uma amiga comum. Foi realizado um primeiro contacto telefónico a 22/1/07, no qual foi combinado um encontro num café a 25/1/07 para explicar o âmbito e o objectivo do trabalho e perceber qual a disponibilidade da participante para a realização das entrevistas. A Sr.<sup>a</sup> Alice mostrou-se desde logo interessada em realizar as entrevistas em casa dela uma vez que tem algumas dificuldades em deslocar-se e também para poder mostrar-me fotografias de família. Esclareci também que provavelmente só iniciáramos as entrevistas uns meses mais tarde e que realizaria um novo contacto telefónico quando essa altura chegasse. Realizámos um consentimento informado, que permite que o sujeito compreenda as intenções do estudo, esperando-se que o investigador seja claro quanto às suas finalidades, evitando sugestões ambíguas para o sujeito (Warren, in Cunha, 2005). Assim, garantimos a confidencialidade das informações recolhidas tornando anónimos todos os registos relativos a identificações de pessoas através do uso de pseudónimos e abreviaturas quando surgisse a referência determinados locais. Foi requisitada a permissão para utilizar um gravador de som. A participante concordou com a utilização dos materiais.

Neste primeiro encontro estive a sós com a Sr.<sup>a</sup> Alice. Descrevemos o modo como iriam decorrer as entrevistas, de forma não-estruturada, deixando à participante liberdade para “se contar”. Mostrámo-nos disponíveis para que a calendarização e o horário dos encontros fossem decididos pela Sr.<sup>a</sup> Alice ficando acordado que seriam combinados telefonicamente. Ficou também acordado que lhe seria entregue, uma vez concluído o trabalho, o resultado final da história de vida.

Neste primeiro contacto, a Sr.<sup>a</sup> Alice mostrou-se desde logo colaborante, começando, nesse mesmo dia a falar da sua vida, principalmente de problemas de saúde e da situação de alguns filhos e netos. Incitámos a participante a começar a contar a sua história de vida pelas suas memórias mais precoces, tentando de seguida fazer uma organização cronológica da sua existência.

Após alguns meses do mesmo ano, contactei novamente a Sr.<sup>a</sup> Alice e combinámos iniciar as entrevistas no dia a seguir no seu local de residência.

Foram realizadas cinco entrevistas (16/10/07; 23/10/07; 30/10/07; 31/10/07 e 16/11/07), com a Sr.<sup>a</sup> Alice no seu local de residência, com a duração aproximada de 90 minutos cada. A excepção foi a 3<sup>a</sup> entrevista, que durou apenas cerca de 20 minutos por a Sr.<sup>a</sup> Alice se encontrar indisposta. As primeiras quatro entrevistas não foram estruturadas, tendo uma postura de escuta activa feita no quadro de um diálogo para facilitar a criação de uma relação interpessoal de confiança com a participante. Devido à necessidade em abordar alguns temas e aprofundar outros, a última entrevista foi efectuada de forma estruturada, sob a forma de algumas questões fechadas com o objectivo de direccionar a entrevista para esses temas.

Deparámo-nos com algumas dificuldades, nomeadamente a dificuldade da participante em precisar datas e a sua idade ao longo dos vários acontecimentos de vida descritos. Por outro lado, foi pouco abordado espontaneamente pela Sr.<sup>a</sup> Alice o período da sua infância, daí advindo a necessidade de optar por uma estrutura mais directiva na última entrevista efectuada. Devido a um problema informático na instalação do *cd* do gravador utilizado, a primeira entrevista foi integralmente apagada. Este problema foi contornado explicando à participante o sucedido, que espontaneamente voltou, nas entrevistas posteriores, a abordar os temas “eliminados”.

## 10. Procedimentos e Instrumentos de Análise da História de Vida

Após as entrevistas repetidas nas quais se recolheu a história de vida, foi efectuada uma transcrição integral do seu conteúdo, de modo a preservar o seu carácter personalizado. Desta forma, foram transcritas interjeições, repetições, expressões singulares, erros de linguagem e comentários. Os comentários feitos pelo narratário foram separados por um parágrafo e cor diferente (azul), assim como a intervenção única da nora (verde). Registaram-se também comportamentos não verbais, como gestos, risos e pausas dentro de parênteses.

Depois de realizada a transcrição total, procedeu-se à supressão das repetições inúteis, das intervenções do entrevistador, algumas correcções de linguagem e correcção da pontuação, de forma a tornar o texto mais legível e polido. Procurámos manter a linguagem quotidiana natural do interlocutor, mantendo certas peculiaridades verbais e também algumas interjeições.

Seguidamente procedemos à reunião e ordenamento da narrativa, de forma cronológica e temática, já que houve alguma dificuldade em precisar datas. A apresentação definitiva da história de vida o texto apareceu na primeira pessoa, de modo a aproximar o leitor da sinceridade e subjectividade da narrativa. Por fim, constituiu-se um *corpus* definitivo das memórias autobiográficas da participante sobre o qual incidiu a análise de conteúdo cronológica e temática (Poirier et al. 1999).

Segundo Bardin (1997), a técnica da análise de conteúdo “aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens...” (Bardin, pp.38, 1997).

Segundo Vala (1986), a análise de conteúdo, incide nas mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas. É uma técnica de tratamento da informação que permite realizar inferências sobre a situação em que se produziu o material objecto de análise. O analista deve construir um modelo capaz de permitir inferências sobre uma ou várias dessas condições de produção, desmontando o discurso e produzindo um novo. É a técnica privilegiada para tratar material de histórias de vida, já que num nível descritivo de fenómenos, é visada a descrição tão exaustiva quanto possível de, por exemplo, um caso ou acontecimento, podendo mostrar a importância dada pelo sujeito a variados temas relacionados com a sua trajectória de vida.

Para o mesmo autor, a análise de conteúdo pressupõe primeiro a delimitação dos objectivos e definição de um quadro de referência teórico orientador da pesquisa, seguida da constituição de um *corpus*, e finalmente da definição de categorias e de unidades de análise.

Os procedimentos de análise organizaram-se em redor de um processo de categorização. De acordo com Vala (1986), as categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos agrupados segundo os seus componentes comuns sob um título genérico.

Assim foi realizada uma análise cronológica seguida de uma análise categorial temática com as categorias criadas por McAdams (1997), para compreender a estrutura e conteúdo das histórias de vida de adultos.

A análise cronológica efectuada, aproximou-se daquilo a que Poirier e colaboradores (1999) definiram como perfil biográfico, contendo não só informação mais subjectiva referente à vida pessoal da participante (relações sociais, familiares e afectivas), mas também informação predominantemente factual referente à sua vida profissional. Segundo estes autores, o objectivo desta etapa é situar o sujeito na massa de informação do *corpus*, dando forma à sua vida a partir de “elementos dispersos e dados disseminados”.

A análise categorial temática foi efectuada através de um sistema de categorias *a priori*, tendo-se partido para esta com uma perspectiva teórica definida, a perspectiva de McAdams (1996), utilizando as suas pré-categorias (tom narrativo, imagética, linhas temáticas, *setting* ideológico, episódios nucleares, imagos, desenrolar generativo, avaliação e finalização generativa) como grelha de análise.

Vala (1886) diz-nos que, “pôr em funcionamento um procedimento fechado, é começar-se a partir de um quadro empírico ou teórico de análise de certos estados psicológicos, psico-sociológicos ou outros (...) observam-se esses textos através de um determinado quadro teórico... pré-estabelecido e que não pode ser modificado”.

A análise de conteúdo foi em seguida sujeita a juízos independentes, com um juiz familiarizado com a análise de conteúdo, a história de vida e a teoria de McAdams. Segundo Krippendorf (1980) é necessário assegurar a fidelidade da informação obtida no decurso de uma pesquisa, pela qual se adquire uma base de confiança que permite garantir que os resultados representam algo real. A fidelidade é expressa em função da concordância entre codificadores, juízes ou observadores em relação a determinados termos que podem ser categorias descritivas como no presente trabalho.

## Resultados

### 11. Análise Cronológica

Infância:

#### Relações familiares e afectivas

A Sr.<sup>a</sup> Alice nasceu em 1924 no Barreiro. A pessoa que mais enaltece na infância é o padrasto, com quem estabelece uma ligação especial e por quem foi criada desde cerca dos dois anos. É para ela como um pai e caracteriza-o como sendo bondoso e muito seu amigo.

“...depois levou-me para o pé do meu padrasto (...) não sei se era com dois se com três anos (...) A minha mãe juntou-se com esse senhor que ele era de Lisboa. (...) O meu padrasto gostava muito de mim e adorava-me e eu adorava o meu padrasto, chamava-lhe pai.” (p.128)

O padrasto da Sr.<sup>a</sup> Alice fica muito deprimido com a morte de um filho, começando a beber e acabando por contrair tuberculose. É a pequena Alice, com apenas onze anos que presta todos os cuidados ao padrasto doente que acaba por morrer.

“E então o menino morreu, não bebia começou a beber (...) não comia, chorava de noite e de dia pelo miúdo apanhou uma tuberculose ... (...) nessa altura eu tinha onze anos... (...) Eu é que o lavava, eu é que traçava as fraldas, os lençóis, eu é que tratava dele. (...) Quando puseram o caixão dele (...) eu atirei-me para cima do caixão: “Eu quero ficar ao pé do meu pai!”” (p.129)

Em relação à mãe apenas refere que esta lhe batia, ao contrário do padrasto.

“...nunca me tocava com um dedo menina, nem gostava que a minha mãe me batesse.” (p.129)

Refere os avós maternos. Revela que o avô gostava muito dela, apesar de ter expulso a sua mãe de casa ao saber da sua gravidez. A avó, pelo contrário, albergava a filha e a neta à revelia do marido.

“Durante a gravidez, o meu avô que Deus tem pôs a minha mãe na rua que não a querias lá em casa... (...) *ópois* eu comecei a desenvolver-me o meu avô começou a gostar de mim. Depois levou-me para o pé dele tinha eu um anito.” (p.128)

“Então eu nasci e a minha avó meteu a minha mãe lá em casa e a mim sem o meu avô saber, e... mas depois de noite eu chorei muito (...) e o meu avô ouviu e tornou a pôr a minha mãe na rua.” (p.128)

Apesar de ter tido vários irmãos que faleceram, a Sr.<sup>a</sup> Alice, apenas faz referência a um deles que faleceu de causa desconhecida, e cuja morte esteve na origem da depressão e doença do padrasto.

“O meu irmão morreu (...) aos chafariz, foi muito bem para lá. Quando veio para cá (...) já vinha morto da cintura para baixo...” (p.129)

### Percurso Escolar

A Sr.<sup>a</sup> Alice não teve quaisquer estudos, nunca tendo frequentado a escola.

Pré-adolescência/adolescência:

### Relações familiares e afectivas

Neste período da sua vida a Sr.<sup>a</sup> Alice, após ter voltado para o Barreiro, onde vivia com a avó materna, tios e primos, muda-se para Vendas Novas para casa do pai com quem fica durante um ano.

“... eu estava no Barreiro nessa altura, ainda era pequena, tinha doze para treze anos (...) estava a viver com oito primos e com a minha tia e com a minha avózinha, que Deus tem... (...) Levou-me para o pé dele e lá estive a morar um ano em Vendas novas.” (p.95)

Relata que nasceu de uma relação fortuita entre os pais, fruto de uma violação. Nunca fora, até esta altura assumida pelo pai biológico.

“O meu pai biológico *enganou* a minha mãe numa padaria que tinha no Barreiro. A minha mãe ficou grávida e ele queria-se casar mas o meu avô nunca quis (...) Depois quis-me *aperfilhar* e a minha mãe também não quis.” (p.95)

A Sr.<sup>a</sup> Alice que nunca tinha conhecido o pai, recorda-se do episódio em que este a veio buscar a casa da avó.

“...depois eu abria a porta e o homem pôs-se a olhar para mim muito sério... (...) Que ele já sabia que eu era a filha.” (p.95)

O pai é descrito como uma pessoa abastada mas maldoso e alcoólico, com quem a Sr.<sup>a</sup> Alice tem uma relação conflituosa, opondo-se ao mesmo sempre que pode.

“Disse ao meu pai que não queria estar com ele que não gostava dele.” (p.129)

“...mas ele era muito mau, muito bêbado... (...) Se a agente estava assentada no banco levávamos pancada...” (p.96).

É quando vive com o pai que conhece a sua irmã, com quem actualmente não mantém uma relação próxima. Ao contrário da Sr.<sup>a</sup> Alice, a sua irmã estudou e é actualmente advogada.

“...tinha a minha irmã, para levar aos estudos, e...que ela é advogada...” (p.96)

Outras pessoas da sua família também se mostraram importantes, como é o caso da avó materna, com quem viveu no Barreiro, que vendia roupa em segunda mão de senhoras abastadas. Recorda-se deste tempo como sendo já uma altura de grandes dificuldades em que eram muitas as carências.

“...passei muitos martírios nessas alturas também, passei muita fominha, para o pé da minha avó e da minha tia que tinha oito filhos! (...) a minha tia coitadinha ... de sábado para domingo não se deitava, a lavar roupa e a enxugar num fogareiro para a gente ao domingo vestir-se de lavado...” (p.130)

Quando deixa a casa do pai em Vendas Novas, fica inicialmente com a sua mãe, sofrendo à semelhança do pai, de maus-tratos, o que a leva a mudar-se para casa da avó, revelando mais uma vez uma atitude de oposição para com as figuras parentais. Descreve alguns episódios de violência que justifica, com o seu comportamento pouco adequado.

“... mas eu não queria estar com a minha mãe queria estar com a minha avó (...) que a minha mãe era má, batia-me muito também... (...) Porque eu era muito má (...) Andava sempre à pancada com os rapazes (...) ela *alevantava-me* ao ar pelos cabelos e deixava-me cair no meio do chão...” (p.130)

Aos dezasseis anos é sexualmente molestada por um homem de vinte e cinco, que viria a ser o seu primeiro marido, já que é obrigada a casar-se.

“E então quando estou debruçada no berço da menina a brincar com a menina sinto agarrada e tapada (...) ...ele não queria casar comigo (...) Naquele tempo quando os filhos eram enganados e eram os casamentos obrigados...” (p.131, 97)

Deste casamento não guarda boas recordações, contraindo com dezasseis anos uma grave doença venérea ficando internada, o que lhe permite afastar-se desta união indesejada.

“...e então ele estava estragado das mulheres e estragou-me (...) Era a doença das mulheres prostitutas, estive muito mal tinha dezasseis anos (...) com um biombo à espera que eu morresse...” (p.97)

“ *Ópois* ele quis-me ir lá ver e eu disse: “Mãe se ele vier cá e ele entrar aqui na enfermaria eu atiro-me da janela abaixo do hospital”.” (p.97)

“Então depois ele arranhou outra mulher, outra rapariga...” (p.132)

### Percurso laboral

Tem aulas de modista em Vendas Novas, oferecidas pelo pai.

“Tinha um criado para me levar à modista para eu aprender, que ele estava a pagar...” (p.95)

Enquanto adolescente trabalhou com a mãe numa fábrica de cortiça.

“...depois estava a trabalhar na fábrica de cortiça da altura...” (p.132)

Recorda-se da fábrica ter fechado e passou a trabalhar na Cuf.

“...que ouve da fábrica de cortiça que eu trabalhei, fechou, fui trabalhar para a Cuf...” (p.132)

Adultez:

### Relações familiares e afectivas

A pessoa mais significativa da sua adultez é o marido, que conhece aos vinte e cinco anos, nove anos depois de se ter separado. Mudam-se para Lisboa.

“...depois ao fim de nove anos, nove anos e tal não chega a dez anos, conheci o meu marido que era, enviuvou, gostei dele, ele gostou de mim, depois viemos para o Barrei...para Lisboa.” (p.97)

Revela ter sofrido muito com o marido por este ter tido amantes. Descreve exaustivamente os inúmeros episódios de conflito que ocorreram devido às constantes infidelidades conjugais.

“Sofri muito... e com o meu marido também! (...) e uma ocasião chegou-me a dizer que vivia comigo e não gostava já de mim gostava era da amante...” (p.98)

“...uma vez estava eu muito grávida, e ela também na maternidade para ter um filho que diz que é dele (...) e então estava ela à janela e eu depois conheci-a já depois de lhe dar a tarefa (...) eu sem comer pós filhos e ele ia carregado de coisinhas para ela!” (p.98)

“... eu estava lá com um monte de pedras ao pé de mim ... quando ele aparecesse para lhas atirar. (...) Uma vez dei-lhe com uma que levou oito pontos na cabeça...vinha com os bolos eu amachucava os bolos todos, eu estava com...uma vez veio com uma boneca que a tipa tinha mandado à minha filha mais velha, parti-lhe a boneca toda na cabeça dele!” (p.100)

Caracteriza o marido como uma pessoa de muito bom coração que não se importava que a Sr.<sup>a</sup> Alice ajudasse os outros.

“...o meu marido que tinha muito bom coração, não era contra eu ir tratar de funerais pela santa casa...” (p.89)

Paradoxalmente, continua afirmar ter sofrido bastante no casamento e confessa ter sido vítima de graves maus-tratos físicos, narrando novamente vários episódios de violência.

“Com pedras, corria-me, batia-me, era muito mau para mim, muito mau menina! Sofria muito, um dia deu-me uma tarefa tão grande ... mandou-me pelo olival abaixo que toda a gente julgava que eu tinha tido um desastre de eléctrico. Fiquei numa miséria...fui internada e tudo...” (p.101)

Conta que todos aqueles com quem morava tinham que dar os seus ordenados ao marido, principalmente a Sr.<sup>a</sup> Alice, que se via muitas vezes forçada a pedir-lhe mais dinheiro por não poder alimentar os filhos.

“...dava-me vinte escudos por dia, para comer ... éramos oito pessoas não é? (...) Eu ia ao vazadouro onde ele estava a trabalhar pedir-lhe mais alguma coisinha, corria-me à pedrada! ... mas eu trabalhava, tinha que lhe dar o dinheiro a ele.” (p.101)

Menciona várias vezes os filhos que eram cinco e ainda crianças nesta altura. Chegou a pedir esmola no eléctrico com todos eles.

“Eu cheguei a andar a pedir esmola com os meus filhos. (...) era assim: dois ao colo, um *assentado* ao meu lado e dois atrás de mim naqueles bancos da frente.” (p.111)

Teve alguns abortos e filhos que morreram à nascença.

“Tive os filhos também mortos. Tive um filho morto, tive um mês dentro de mim. (p.105)

### Percurso laboral

Nesta altura da sua vida tem vários empregos. Nunca tendo uma posição passiva, apesar das inúmeras dificuldades que sofria. Trabalhou como doméstica em casa de outrem.

“...eu estava a servir em casa da mãe dele ali na Avenida Visconde Valmor...” (p.108)

Como peixeira com a filha.

E então eu andava a vender peixe no Conde Barão (...) andava na rua a fugir à polícia como as outras andavam dantes...” (p.90)

Esteve empregada num hospital, após ter tido um aborto.

“Foi quando tive esse filho que fiquei empregada nesse hospital na M. ...” (p.106)

Quando se muda por um ano para a Trafaria, trabalha também como doméstica.

“...comecei a trabalhar em casa delas (...) lá um senhor de um café, tinha um quarto e morava lá a pagar. Mas depois comecei a trabalhar em casa dele e deixei de pagar.” (p.126)

Foi cozinheira num restaurante.

“Eu estive a trabalhar num restaurante, as pessoas diziam, eu tinha que fazer sempre sopa...” (p.126)

### Relações sociais

É esta a altura onde as suas actividades de cuidadora para com aqueles com quem partilhava dificuldades são mais prolíferas. Criou crianças negligenciadas.

“...o pai foi preso (...) a mãe como já era de qualidade foi para a vida tornar-se prostituta... (...) levei os meninos para o pé de mim e o meu marido isso era contra ... quantas vezes o comer que era para mim ... e eu passava por baixo da mesa à escondidas para os meninos... (...) ... fui inscrevê-los para a escola...” (p.89)

Ajudou a sua avó doente.

“A avó dele tinha salvo seja, um cancro, coitadinha, e já dava as injeções de morfina a ela própria. (...) ...quando não tinha dinheiro ia à farmácia, as senhoras de farmácia do calvário lá em Alcântara já me conheciam, eu trazia a receita e depois ia pagar.” (p.91)

Auxilia um senhor sem família e sem abrigo que acaba por ficar a viver consigo durante cerca de três anos.

“... uma dessas noites muito frias muito de chuva, batem-me à porta da barraca. (...) O homenzinho quase esteve comigo três anos! Não sabia da família não sabia de ninguém. (p.92)

Ajuda um antigo presidiário, que vive com a sua família durante cerca de cinco anos.

“Outra vez foi um senhor também que esteve preso muitos anos ... (...) Também lá esteve com a gente perto de cinco anos também.” (p.93)

Revela que era admirada pelo prior de Alcântara devido à sua personalidade caridosa e de ajuda ao próximo. Foi o prior que a ensinou a baptizar as crianças moribundas em vez de as levar à igreja.

“Até o senhor prior de Alcântara me admirava... (...) abateram as barracas por causa da ponte sobre o Tejo, andei com cinquenta famílias, e foi o prior que me mandou chamar para eu ir com elas... (...) Tenho muitos afilhados mortos... E ele depois ensinou-me: “Quando eles estiverem assim mal a morrer não vens cá Alice. Em casa arranjas um pano branquinho...”” (p.94)

Conhece senhoras que decidem ajudar os desalojados. A Sr.<sup>a</sup> Alice cai nas boas graças destas por ser sempre generosa com os outros apesar do pouco que tinha para ela própria.

“...elas iam lá, depois levar coisas (...) e eu dizia assim: “Não dona Fátima e dona Helena, não porque eu dou graças a deus não sou sinistrada... Dê a elas que se sobrar para mim, se sobrar alguma coisa que coiso...”. Elas gostavam de mim por causa disso”. (p.94)

Relata que antes do 25 de Abril conheceu muitas pessoas ricas e influentes que a ajudavam, enquanto pede esmolas com os filhos no eléctrico. Revela que após o 25 de Abril perde estas ajudas pois a situação social e económica dos seus benfeitores altera-se.

“A mulher do Sr. Doutor juiz, que era uma senhora muito minha amiga e o Sr. Doutor juiz também era... (...) Essa senhora ajudava-me muito mas quando foi o 25 de Abril o doutor foi *seneado*... (...) Depois do 25 de Abril para os pobres foi pior, porque os pobres eram ajudados por muita gente que deixaram de ajudar. “ (p.110)

É também enquanto pede no eléctrico que conhece a dona Isabel, que será sua amiga até agora. É uma pessoa muito importante no círculo social da Sr.<sup>a</sup> Alice, referindo-a várias vezes ao longo da história.

“E então ela conheceu-me no eléctrico, e já era tarde (...) e depois esteve a falar comigo, perguntou-me se eu queria ir com ela lá a casa dela (...) começou-me a ajudar. (p.109)

Conhece uma condessa que também a auxilia e que se torna madrinha da sua filha.

“...e então apareceu uma senhora que era a senhora condessa Teresa Santana (...) então ela disse: “Gostaria de ser madrinha dela pela igreja” e eu disse: “Se a senhora gostava de ser madrinha dela pela igreja também pode ser pelo registo, que eu não tenho ainda madrinha” (...) também começou-me a ajudar...” (p.113)

Já na Musgueira, recorda-se de ter ajudado uma menina cega, filha de mãe alcoólica muito negligente com os filhos.

“Essa menina também era ceguinha (...) ... a menina nasceu assim, a menina levava os dias inteiros com uma tampa no ouvido e com a mão ... (...) O comer que a mãe dava há menina era sopas de café, a *alga* que dava há menina, a menina conforme fazia o xixi, apanhava o xixi e bebia...” (p.123)

“Depois levei a menina ao médico particular (...) Pus a menina a andar, a menina a comer...” (p.124)

É também a Sr.<sup>a</sup> Alice que ajuda os irmãos da menina cega, levando-os ao hospital quando precisavam.

“...essa irmã dela, também deu-lhe uma dor da barriga e eu fui com ela. (...) Outro miúdo também filho dela, a mesma coisa, também fui interná-lo (...) A outra irmã dela que era a Isa, também esteve muito malzinha... (...) Ali a clara, a irmã dela que também teve um calo na mão, fui com ela para o hospital...” (p.126)

Velhice:

### Relações familiares e afectivas

O marido da Sr.<sup>a</sup> Alice adoeceu com um cancro no esófago. A Sr.<sup>a</sup> Alice visita-o diariamente. Este acaba por falecer, tinha a Sr.<sup>a</sup> Alice sessenta e um anos, o que apesar de lhe causar tristeza também lhe traz alguma esperança.

“Então eu trazia lá a sopinha, passava tudo para ele beber com uma palhinha! (...) ... ia todos os dias de manhã ver como é que ele estava...” (p.118)

“Eu tinha sessenta e um anos (...) ... comecei logo a gritar, a chorar, meti tudo para trás das costas, apesar de tudo era pai de dez filhos não é?” (...) era feliz quando o meu marido morreu, digo assim: “Graças a Deus, vou ser feliz na vida...” (p.119)

Vive com um filho com quem tem muitos conflitos, relatando maus-tratos deste para consigo.

“Ele é muito ordinário (...). A gente mal se fala (...). Não sei o rapaz, não sei o que é que foi, tomou-me raiva! (...) ...ele aleijou-se e ele vai assim: “Por causa desta grande...aleijei-me! e digo assim: “A mãe não estava ao pé de ti filho como é que fui eu que te aleijei?!” Dá-me um *granda* soco...”. (p.102)

Revela ter estado presa aos sessenta e nove anos por culpa deste filho que era traficante. Não querendo acusar o filho acaba por ficar detida durante cinco meses. Após este tempo é libertada e absolvida e o filho é preso durante cinco anos.

“Já estive presa por causa dele... (...) ...mas estava eu sozinha em casa e o material estava lá... (...) ...e qual é a mãe que acusa um filho? Só uma mãe que não seja boa não é? E eu pensava: “Como sou velha não tenho cá muito tempo e ele tem”, ele esteve lá cinco anos.” (p.103, 104)

A sua nora é descrita como muito trabalhadora realizando limpezas em vários sítios. Parece ter uma relação amistosa com esta, mas ao mesmo tempo de desconfiança, questionando-se se terá sido ela a causadora das suas desavenças com o filho através de um bruxedo.

“A minha nora é boa para mim... (...) ela trabalha no Colombo a limpar o salão de cabeleireiro, o escritório e depois vai para a patroa. (...) não sei porquê ele era tão meu amigo e mudou! A mulher é uma loucura para a mulher! (...) Será que ela com ciúmes fez alguma...eu não me acredito mas às vezes...sei lá...” (p.102)

Tem um neto deste filho que também vive consigo e que confessa adorar.

“...tenho o meu neto que adoro, o filho dele que mora aqui comigo. (...) Vai trabalhar, anda com o carro dos correios...” (p.91)

O outro filho com quem também vive é fonte de muitas preocupações. É alcoólico e tem ataques de epilepsia potenciados pelo consumo e pelas ressacas do álcool. Recebe uma reforma quase irrisória que gasta somente em bebida e tabaco. O desespero da Sr.<sup>a</sup> Alice levou-a a pedir à assistente social para lhe ser retirada a reforma.

“Porque este meu filho é um alcoólico crónico... (...) Sem vinho é uma jóia. (...) Agora com vinho é muita mau! (...) Eu disse à assistente social para lhe tirar o rendimento mínimo. O rendimento mínimo dele é só para o vinho e para o tabaco, mai nada! (...) Ele tem ataques epilépticos alcoólicos. “ (p.101,102)

Menciona os netos.

“...não sou má avó, adoro os meus netos todos, faço por eles tudo o que posso. Fico como encarregada de educação deles...” (p.102, 103)

Mas demonstra a sua preferência por uma neta que gostava de viver consigo, algo impossível devido ao alcoolismo e epilepsia do filho. Compra-lhe os remédios e acompanha-a sempre que a Sr.<sup>a</sup> Alice precisa.

“É uma santa! Só tenho pena, ela queria-me ao pé dela mas por causa deste filho, do que tem os ataques é que eu não vou. (...) anteontem esteve cá, foi-me comprar o remédio que eu já não tinha...(...) seu eu um dia o coração me puxasse para jogar e me saísse, enquanto os outros levavam mil, ela levava cinco mil! (...) E então essa minha neta é uma jóia, não fala com o tio, parte dos sobrinhos não lhe falam!” (p.103)

A sua filha, mãe desta neta referida anteriormente, vive na costa da Caparica. Preocupa-se com a mãe visitando-a quase todos os dias desde que esta está doente. Também sofre maus-tratos do marido.

“Eu não disse à minha filha a seguir à mais velha que mora na costa, se eu lhe dissesse ela era um homem... (...) ... ela agora desde que eu estou assim doente, vem cá quase todos os dias quase o mais o meu neto, mas ela também sofre muito com o marido também é um malandro, rompeu o *tumpum* dentro do ouvido com um soco...” (p.102)

Menciona outra filha, que vive com dificuldades financeiras e está desempregada à espera de receber o rendimento mínimo. Realiza com ela algumas refeições uma vez que esta é sua vizinha.

“A minha filha tem muita dificuldade também, tem tanta dificuldade que lhe vão dar o rendimento mínimo. (...) o meu filho é que faz as refeições para ele e eu quando tenho como. A minha filha é que faz, eu às vezes vou ali à minha filha, que não trabalha...” (p.118)

Outra das suas filhas encontra-se presa por ter agredido o marido e a amante. Revela que passado um mês irá sair da prisão durante o dia para trabalhar num restaurante.

“Tenho uma filha presa porque deu uma tarefa à amante do marido, deu-lhe uma facada na cara e está presa. Mas hoje vem a casa seis dias e vai trabalhar para um restaurante, vai para a rua, vai dormir à prisão, mas já sai para o mês que vem. “ (p.127)

Refere um neto que vai para a faculdade.

“E tenho o meu neto, fez o 12º desistiu, e agora vai para a faculdade privada... (...) ele gostava de ser jornalismo da bola. (...) Arranjou lá uma namorada, é alto, muito bonito, é magro que ele não quer ser gordo! (...) É muito sossegadinho, é muito vaidoso...” (p.106)

### Percurso laboral

Não há referência a qualquer trabalho nesta altura da sua vida, excepto algumas actividades domésticas que continua a realizar, como cozinhar.

“Faço o comer para as minhas filhas (...) gosto muito de fazer comer, faço uma sopinha muito bem feita...” (p.127)

### Relações sociais

Fazem parte do seu círculo social pessoas a quem recorre para a auxiliarem nas suas diversas carências. É o caso de crentes da Igreja Universal do Reino de Deus.

“Deu-me assim umas coisinhas da cozinha comer e isso. (...) começou-me a ajudar, a trazer roupinhas para os miúdos, roupinhas para mim (...) Mas não, ah pagou-me a renda essa irmã, que eu já devia duzentos e tal contos de renda, já estava em tribunal...” (p.114)

Continua amiga da dona Isabel, a sua eterna protectora.

“... a dona Isabel também é muito minha amiga não desfazendo...essa então não se fala. Já me tem pago a luz, a *alga*... (...) ... tem sido mesmo uma mãe para mim. Toda a confiança que faz em mim... (...) Só isso para mim é tudo da vida.” (p.122)

Refere a existência de um rapaz que era como um neto para si, namorado de uma das suas netas. Era toxicod dependente e acaba por morrer com Sida.

“...foi namorado de uma neta minha (...) Começou-me a chamar avó e eu comecei-lhe a ter amizade, veio para o pé da gente... (...) ...eu ia todos os dias da Musgueira a S. José, vê-lo lá carregada e tudo...” (p.122)

## 12.Análise Categorical Temática

### Infância precoce – Tom narrativo

O contexto instável que marca os seus primeiros anos de vida, começa de certa forma, com a sua concepção forçada, seguindo-se vários acontecimentos desagradáveis que poderão ter influenciado negativamente a construção da narrativa da sua vida.

É visível na sua infância precoce uma vinculação insegura com as figuras principais desta época da sua vida. A Sr.<sup>a</sup> Alice é inicialmente rejeitada pelo avô e de certa forma também pela mãe, que sai de casa para se juntar com aquele que viria a ser o seu padrasto. Com o pai a sua relação foi inexistente até à altura da pré-adolescência. A ligação com a mãe

é sempre fonte de insegurança, sofrendo maus-tratos, optando por viver a maior parte da infância com os avós.

Esta vinculação insegura pode ter contribuído para um tom proeminentemente negativo e pessimista ao longo da história de vida, que surge desprovida de esperança e de finais felizes, povoada de tragédias, infortúnios e provações. Poderá também ter contribuído para uma sensação do mundo enquanto um espaço inseguro e ameaçador.

É apenas enquanto descreve a sua infância com o padrasto, que substitui a figura paterna e que parece ser a única pessoa com quem estabelece uma ligação de carinho, que o tom narrativo surge mais romanceado e optimista, provavelmente por ter sido uma altura da vida em que foi feliz.

“Sofri muito muito muito, e continuo a sofrer...continuo a sofrer menina, continuo...continuo a sofrer muito.” (p.101)

## Imagética

Surgiu a dificuldade em identificar símbolos e metáforas no récito de vida da participante, uma vez que a descrição dos relatos é bastante manifesta e directa.

## Infância – Linhas Temáticas

Durante a infância é visível o tema da comunhão na relação com o padrasto. Sobressai o amor que sente por ele e a satisfação em ser correspondida. Ao nascer um irmão, surge uma necessidade de poder já que sente ciúme e não pretende partilhar a atenção do “pai”. A comunhão sobrepõe-se uma vez que o “amor era igual” para com os dois filhos.

“O meu padrasto gostava muito de mim e adorava-me e eu adorava o meu padrasto, chamava-lhe pai. Entretanto nasceu um irmão meu, o amor era, fiquei com muito ciúme, mas o amor era igual não haviam diferenças...”. (p.128)

Em oposição, já próxima da adolescência procura a autonomia de ambas as figuras parentais através de comportamentos de oposição. Ao viver com o pai biológico queria voltar para a família materna, afastando-se deste provavelmente por ter sentido o seu desinteresse nela como filha nos anos da infância. No que respeita à mãe, apesar de a visitar todos os fins-

de-semana enquanto vive com o pai, prefere, ao voltar para a sua cidade-natal, ficar ao cuidado da avó.

“Disse ao meu pai que não queria estar com ele, que não gostava dele. “Porque é que tu não gostas do pai? Porque o pai não gostou da minha mãe quando ela andava grávida de mim também não gostava de mim.”” (p.129, 130)

“...não queria estar com a minha mãe, que a minha mãe era má, batia-me muito também...”. (p.130)

Domina, no seu primeiro casamento a oposição para com o marido, já que está presa a uma união que nunca desejou.

“...e então eu estava lá em casa dele e eu não queria, chorava muito, não queria...”. (p.132).

É na sua relação com o companheiro, pai de todos os seus filhos, que estes temas aparecem contrastando. Por um lado, é uma esposa obediente apesar dos maus-tratos de que é vítima. Por outro, procura ter algum domínio no seu casamento, tentando proteger aquilo que considera como seu, revoltando-se com o comportamento infiel do companheiro, reagindo também com violência e chegando a abandonar a sua casa mostrando uma posição de rebeldia para com as agressões de que era vítima. Com o passar do tempo os comportamentos de oposição e de procura de poder no casamento vão-se sobrepondo aos de amor e de comunhão, acabando por em idosa já não realizar quaisquer tarefas habituais de esposa.

“...(que eu gostava muito de lhe perguntar a ele o que é que havia de fazer para o comer) ...”. (p.100)

“Uma vez disse para ele: ”Então mas quem põe a mesa sou eu, quem lava a roupa sou eu, eu é que faço ao coisas, eles têm que me dar o dinheiro é a mim!””. (p.101)

“...deixa-me estar assim, a tua filha faz-te o comer, lava-te a roupa, deixa-me estar sossegada.”. (p. 120)

De um modo geral predomina o tema da comunhão, o projecto que guiou a Sr.<sup>a</sup> Alice ao longo da sua vida foi a ajuda ao outro, não só familiares como os filhos e os netos, mas também para com todos aqueles que lhe eram próximos e que precisavam de auxílio. Esta parece ser a sua forma de interacção social, apoiando aqueles com quem partilhava dificuldades.

Centrando-nos sobre a história, concluímos que a Sr.<sup>a</sup> Alice vê a sua vida adulta dividida principalmente entre as vicissitudes na relação com o marido e as suas actividades de cuidadora e de caridade, que parecem dar sentido há sua existência.

A ausência de iniciativa da Sr.<sup>a</sup> Alice no que respeita a ambições ligadas a uma profissão ou a desejos individuais, tem que ser aliada ao papel reservado à mulher na sociedade naquela altura e às condições sócio-económicas em que cresceu e viveu.

“ Olhe minha senhora (não conhecia a senhora), se a senhora não se importar eu tenho necessidade, mas eles têm mais do que eu, eu dou-lhe o meu embrulho, não se importa não?”. (p. 94)

### Adolescência – *Setting* Ideológico

É na adolescência que menciona pela primeira vez a sua crença na caridade e na ajuda ao próximo, ao revelar que dava pão aos pobres. A Sr.<sup>a</sup> Alice é católica, o que não é de estranhar tendo em conta o peso cultural desta religião na sociedade portuguesa desta altura. Considera essencial agir de acordo com os valores cristãos, referindo várias vezes que ajudou muitas pessoas tão ou mais carenciadas que ela e como isso sempre foi importante para si. Esta questão ideológica, ligada à temática da comunhão, é fulcral no modo como a Sr.<sup>a</sup> Alice vê a sua história e o seu papel no meio social, ocupando em força e em extensão, um papel de destaque ao longo da narrativa.

Em adolescente questionou o quadro de valores da mãe, sendo uma “Maria-rapaz”, preferindo as actividades e brincadeiras do sexo oposto. Provocava e irritava deliberadamente a mãe apesar dos castigos corporais que recebia em troca. Nesta altura, roubava pão e leite com os amigos, mas talvez não tanto pela rebeldia do acto ilícito mas mais pela fome que passava.

Relativamente ao 25 de Abril, não revelou nenhuma posição moral ou política mencionando apenas que não facilitou a vida dos pobres como ela, pois deixaram de receber ajudas de pessoas abastadas, que foram saneadas com a revolução.

“... porque havia lá muitos pobrezinhos e eu quando tinha pão, carcaças e isso dava aos pobres, dava, sempre fui assim menina, sempre fui assim. Diz que das esmolas se faz a caridade.” (p.96)

“Eu também sou católica, não quero outra é a minha. Não vou à igreja, se for a um funeral ou isso vou, se...por qualquer coisa vou a um casamento ou isso vou mas ir assim de propósito à igreja não mas tenho a minha igrejinha, o nosso senhor do sagrado coração de Jesus assim grande em pedra à minha mesa de cabeceira, tenho a nossa senhora de Fátima grande à cabeceira. Tenho a minha religião mas não é de andar em igreja.” (p.120)

“...nunca tive tantos sacrifícios na minha vida, depois do 25 de Abril é que eu comecei a ter mais, antes do 25 de Abril eu tinha muitas ajudas...” (p.111)

## Episódios nucleares

O primeiro episódio que sobressai na vida da Sr.<sup>a</sup> Alice, é a morte do padrasto, não só pela valência fortemente negativa que tem (tendo estabelecido com ele um laço positivo, que de certa forma não tinha com ninguém), mas também por ter sido um ponto de viragem na sua vida, voltando para o Barreiro onde vive com a família materna.

“ Quando puseram o caixão dele (...) eu atirei-me para cima do caixão: “Eu quero ficar ao pé do meu pai!” (p.129)

Recorda-se vivamente do episódio em que conheceu o pai, enquanto vivia com a família numa quinta no Barreiro. Vem procurá-la e leva-a para Vendas Novas onde fica um ano.

“...eu abri a porta e o homem pôs-se a olhar para mim muito sério... (...) Que ele já sabia que eu era a filha.” (p.95)

Descreve o episódio da violação de que é vítima aos dezasseis anos. O cariz traumático e a consequência deste acontecimento na sua vida, o casamento forçado a que foi sujeita, tornam-no num episódio de viragem.

“E então quando estou debruçada no berço da menina a brincar com a menina sinto agarrada e tapada (...) Naquele tempo quando os filhos eram enganados e eram os casamentos obrigados...” (p.131)

A contracção de uma doença venérea, através do seu primeiro marido, foi um dos acontecimentos mais difíceis que atravessou, tendo corrido risco de vida. Apesar disto, esta doença permite-lhe separar-se do marido, negando-se a vê-lo, funcionando também como um ponto de viragem.

“ Era a doença das mulheres prostitutas, estive muito mal tinha dezasseis anos (...) com um biombo à espera que eu morresse (...) “*Ó pois* ele quis-me ir lá ver e eu disse: “Mãe se ele vier cá e ele entrar aqui na enfermaria eu atiro-me da janela abaixo do hospital”.” (p.131, 132)

É de salientar o 25 de Abril, apesar de não haver referência ao acontecimento em si, constitui um ponto de viragem para a Sr.<sup>a</sup> Alice já que refere várias vezes que perdeu quase

todas as ajudas que recebia, não só de pessoas mais abastadas, como de colégios e liceus de onde recebia esmolos.

“Depois do 25 de Abril para os pobres foi pior, porque os pobres eram muito ajudados por muita gente que deixaram de ajudar.” (p.110)

A morte do marido constitui-se como outro momento nuclear marcando o fim de uma longa e atribulada etapa da sua vida. É fonte de tristeza mas também de esperança, inaugurando um período que é visto como uma possibilidade de felicidade.

“...era feliz quando o meu marido morreu, digo assim: “Graças a Deus, vou ser feliz na vida...” (p.105)

Constitui-se como um momento muito baixo da sua vida, a altura em que esteve presa, pelo seu potencial de degradação humana e pela envolvimento da relação com o filho. Descreve esta época como uma altura de muita angústia em que, devido à sua idade avançada, esteve sempre muito doente.

“Já estive presa por causa dele... (...) Estive muito mal lá, tive uma infecção do pulmão com quarenta de febre. Estive no hospital de Cascais internada. Tinha sessenta e nove anos! E não sabia o que era uma prisão! (...) ... depois do julgamento fui absolvida!” (p.103; 105)

### Jovem adulez – *Imagos*

São várias as *imagos* exploradas pela participante ao longo da sua vida, influenciadas pelo espírito de iniciativa ou de comunhão que foi revelando nas suas relações com os outros.

No que respeita à posição que ocupa no seu casamento é a esposa dedicada e obediente, que suporta agressões e infidelidades, realizando todas as tarefas domésticas sem nunca questionar a sua posição.

“Eram os vizinhos cá fora: “Ricardo não lhe bata que ela não é merecedora! Ela farta-se de minar para os filhos e para ti!”” (p.101)

Por outro lado, torna-se gradualmente numa esposa resistente/combatente e uma sobrevivente. A sua orientação para a comunhão não a torna passiva, e ao longo da sua vida,

não deixa de se revoltar e de actuar sempre que uma situação negativa a atinge. Trabalha arduamente para ajudar no sustento da família, chegando a pedir esmola em eléctricos.

“O meu marido era muito mau, dava-me vinte escudos por dia para dar de comer a oito pessoas... (...) Eu cheguei a andar a pedir esmola com os meus cinco filhos pequeninos...” (p.111)

Por querer ajudar todos os que precisam, crianças, vizinhos e até mesmo animais e pessoas já falecidas, é a cuidadora, desde sempre sensível ao sofrimento dos outros. Esta *imago*, pode ser considerada como a mais marcante e como a que mais transversalmente atravessa a sua vida. Liga-se também à visão social do que é bom e desejado e à linha temática da comunhão.

“Em Alcântara veio o meu nome no jornal, nas primeiras páginas: “Toma conta de crianças, cães e gatos.”” (p.92)

Outra *imago* bastante consistente ao longo da sua história é a de mártir, com uma vida povoada de infortúnios e de adversidades e aguentando maus-tratos das figuras parentais, do marido, já na velhice de um dos filhos.

“Dias difíceis que eu tive na minha vida, para criar os filhos e depois os netos...” (p.116)

#### Meia-aduldez – Desenrolar generativo

Parece existir a exploração de imagos complementares assumindo uma posição mais feminizada na imago de esposa obediente, estereótipo normativo para a época, e uma posição mais masculinizada (resistente/combatente), quando se procura emancipar do marido, enfrentando-o e trabalhando fora de casa para ajudar no sustento familiar.

Sobressai a sua forte generatividade, presente no facto biológico de ter tido vários filhos, mas também na ajuda incondicional que deu a outras pessoas e crianças que necessitavam, criando crianças desfavorecidas como se fossem seus filhos. Confessa também ter tido a oportunidade de contar a sua história a uma amiga que pretendia fazer um “livro da sua vida”, o que apesar de tudo, não parece ter uma intenção generativa.

“...eu morava em Alcântara a tomar conta de crianças abandonadas e...” (p.89)

“...são todos meus filhos, e já morreram cinco.” (p.111)

“Tinha uma irmãzinha da (pronto isto já é da Musgueira), queria que eu fosse fazer um livro com ela contar a minha história, depois essa irmã teve uma trombose, morreu coitadinha. Se eu fosse fazer um livro dizia assim estas coisas.” (p.95)

### Adulterez tardia – Avaliação narrativa

A Sr.<sup>a</sup> Alice não está satisfeita nem com a vida que teve nem com sua situação actual, não tendo esperança num futuro melhor. Partilha por vezes os seus problemas e preocupações com a dona Isabel. Revela várias vezes as dificuldades e angústias por que foi passando, provavelmente o que mais temia era a fome, principalmente que os seus filhos e netos sofressem desta. Já em idosa continua a fazer sacrifícios e a sua situação é precária e as preocupações constantes, em como pagar a renda e os medicamentos, se conseguirá comprar comida etc. Os seus problemas de saúde dificultam a sua mobilidade e logo a possibilidade de obter apoio junto de outras pessoas. A Sr.<sup>a</sup> Alice vive o dia-a-dia e preocupa-se com o aumento da sua reforma, única fonte de alento para a sua situação actual.

A sua vida parece ser sentida como fortemente influenciada pelo destino, ao qual foi respondendo consoante as necessidades e provações apareciam. Não parece haver um esforço avaliativo da sua existência, estando centrada em lidar com as dificuldades e problemas que o dia-a-dia ainda lhe coloca.

“Quem me emprestava já morreu, se eu me chegar ao pé de uma pessoa e pedir dinheiro emprestado, não pode ser muito, mas pedir dez contos, às vezes para os remédios, vem o meu dinheiro pago e fico sem dinheiro.” (p.107)

“... a advogada já me tinha posto a pagar um mês que vinha, um mês atrasado, como é que eu podia pagar, não chega a quarenta contos que eu tenho de reforma. (...) Agora como é que eu podia pagar alga, luz, renda, gás, às vezes acaba a bilha de gás.” (p.115)

“Dias difíceis que eu tive na minha vida, para criar os filhos e depois os netos...Passei tanta fominha para criar os meus filhos menina! (...) ... para os meus netos também. Às vezes a minha vizinha a dar-me de comer e eu a ver se eles deixavam um bocadinho de comer para mim. (...) E eles coitadinhos também tinam, comiam tudo e eu pronto, mais um dia que eu vou para a cama com chá.” (p.116)

“Eu esperava agora com a idade, ao menos ter uma velhice sem saúde. Já não me apetece sair, eu tinha se eu fosse, a casa de senhoras que me ajudavam, eu trazia sempre dois, três contos. (p.116)

“Ontem recebi uma carta para ser aumentada, e hoje recebi outra carta que é para me aumentarem a minha reforma.” (p.107)

### Finalização generativa

Pode-se considerar que a sua generatividade é maioritariamente positiva. Tem vários filhos e netos com quem tem uma boa relação. Revela que um dos seus netos é fonte de muito orgulho já que vai prosseguir os estudos na universidade. É apenas com um dos filhos que tem problemas relacionais, sofrendo abusos físicos e verbais por parte deste. O seu filho alcoólico é ainda muito dependente da Sr.<sup>a</sup> Alice, o que a impossibilita de melhorar a sua qualidade de vida saindo de casa.

Ao longo da vida foi marcando as pessoas que auxiliou, apesar de não se sentir recompensada, já que continua a ter inúmeras dificuldades.

“...não sou má mãe, não sou má avó, adoro os maus netos, faço por eles tudo o que posso. Fico como encarregada de educação deles...” (p.102, 103)

“A gente mal se fala, se a gente não fala ele também passa ao pé de mim se lhe der para falar fala, se não lhe der para falar não fala também.” (p. 91)

“...tenho este filho, não me bate, mas nado sempre com medo que ele me caia, de vez em quando vêm-me chamar que ele está com os ataques...” (p.105)

“Só tenho pena, ela queria-me ao pé dela mas por causa deste filho, do que tem os ataques é que eu não vou.” (p.103)



## Discussão

A Sr.<sup>a</sup> Alice é idosa, ocupando uma posição de certa forma desprezada na sociedade actual, onde os mais velhos não têm lugar nem papel. Agravando esta condição, pode dizer-se que sofreu daquilo a que Bock (1991) chama de “exploração de dona de casa e da mãe”, acumulando ao longo da sua vida, empregos e tarefas familiares. Esteve sempre dependente do marido, aceitando os valores sociais dominantes centrados no homem, presentes na época em que viveu.

Pode observar-se que existe também aquilo que Costa (2005) denomina de exclusão social de domínio territorial, na medida em que a participante habitou, durante grande parte da sua existência num bairro de lata.

De acordo com Cardoso e Perista (1994), os bairros degradados em Lisboa eram formados por casas demasiado pequenas para a dimensão da família que a habitava e com falta de condições mínimas de habitabilidade e de conforto (perda de privacidade, ausência de condições sanitárias e de infra-estruturas básicas, dotação da habitação de água e de luz). O realojamento das populações que vivem neste tipo de bairros, é feito nas margens das zonas centrais de acessibilidade, de acordo com uma lógica urbanística que promove a segregação social, como é o caso da Sr.<sup>a</sup> Alice, que habita actualmente num prédio de habitação social, circundado por prédios com o mesmo fim. A classe média vive em casas mais distantes e mais próximas dos transportes públicos e colectivos.

Quanto ao contexto sócio-histórico em que a Sr.<sup>a</sup> Alice nasceu e viveu, sabemos que no início do século XX, Lisboa sofre de uma crescente pressão demográfica que faz emergir uma série de problemas sociais, proliferando os bairros de lata. A Sr.<sup>a</sup> Alice é uma das vítimas desta situação, já que tinha uma fraca capacidade económica. A intervenção do regime salazarista é tímida, no sentido de melhorar as condições de habitabilidade das classes trabalhadoras, e nos finais dos anos 50, inícios do 60, sofre-se de uma enorme carência de alojamentos. A generalidade da população destes bairros manifesta uma enorme dependência em relação ao emprego a Lisboa, tendo as mulheres residentes de bairros degradados em grande peso nos trabalhos ligados a serviços pessoais e domésticos, à semelhança do que aconteceu com a Sr.<sup>a</sup> Alice. Sabemos também que nas sociedades ocidentais entre a época de 1910-1970, era típico predominar uma família dual em que o pai trabalhava a tempo inteiro e a mãe a tempo parcial, conciliando a maternidade com as tarefas laborais (Cardoso e Perista, 1994).

A análise da história de vida foi enquadrada por um biograma, (Manita & Da Agra, 2002; Tinoco e Pinto, 2001) que garantiu a visualização simultânea dos diversos episódios ocorridos da Sr.<sup>a</sup> Alice (Figura 1) ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento (Tinoco & Pinto, 2001).

Figura 1. Biograma. INF = Infância; ADL = Adolescência; AD = Aduldez; VLH = Velhice.

INF	ADL	AD	VLH	Pré-categorias	Temáticas emergentes
				Tom narrativo	Vinculação insegura
				Linhas temáticas	Vinculação afectiva
					Autonomia
					Casamento
					Actividades de cuidadora
				Setting ideológico	Caridade e ajuda ao próximo
				Episódios nucleares	Morte
					Ligação paternal
					Violação/casamento forçado
					Doença
					Prisão
				Imagos	Esposa dedicada e obediente
					Resistente/combatente
					Cuidadora
				Finais	Mártir
					Ausência de esperança
					Dificuldades Diárias
					Tensões relacionais familiares

Debruçando-nos sobre o biograma, observamos que o tom narrativo existente (McAdams, 1997), pessimista e trágico, se encontra aliado a uma vinculação fortemente insegura, sendo a infância da Sr.<sup>a</sup> Alice marcada por uma grande instabilidade e rejeições, surgindo desde logo temáticas negativas de perda, morte, privações, doença e maus-tratos físicos daquela que deveria ter sido a sua principal ligação nesta altura (a mãe). A sua vinculação é orientada, ainda na infância, para o padrasto, com quem estabelece o vínculo mais significativo, vivenciando, no final desta época, a sua morte. A ligação ao pai é breve, conhecendo-o na adolescência e não tendo tido contacto posterior com o mesmo.

O terceiro estágio de desenvolvimento teorizado por Erikson (1980), Iniciativa *versus* Culpa, ocorre por volta dos três anos e caracteriza-se por um grande espírito de iniciativa que leva à rivalidade para com o progenitor do mesmo sexo. Poderá haver uma ligação ao facto da Sr.<sup>a</sup> Alice manter uma ligação de rivalidade com a mãe, pouco a referindo na altura da infância, e exaltar as qualidades do padrasto e a ligação que tinha com o mesmo.

No que respeita às linhas temáticas (McAdams, 1997), há uma certa procura de autonomia das figuras parentais, ainda na fase da infância através de comportamentos de oposição e de rebeldia, surgindo o seu primeiro casamento quando é adolescente, ligado ao episódio nuclear da sua violação. Esta união é efémera e a Sr.<sup>a</sup> Alice casa-se novamente em adulta, altura em que experimenta a maternidade. Na velhice a temática da morte é vivenciada novamente com a morte do companheiro.

De acordo com Erikson (1980), é apenas depois da aquisição de um forte sentimento de identidade que a intimidade com o sexo oposto se torna possível (estádio Intimidade *versus* Isolamento). Provavelmente não estaria pronta para a intimidade com o seu primeiro marido, afastando-se deste casamento. Ao encontrar o segundo companheiro, deverá ter atingido o estágio referido anteriormente, empenhando-se na criação da próxima geração e preparando-se para o estágio seguinte: Generatividade *versus* Estagnação. Neste estágio, os esforços dos indivíduos podem não só ser dirigidos para a progenitura mas também para formas de preocupação altruísta e de criatividade. Esta fase da sua existência é onde se observa uma maior produtividade laboral, tendo tido diversos empregos. É também a época em que prolifera o apoio dado a pessoas necessitadas. Gilligan (1994), diz-nos que no caso do sexo feminino, o *self* está fortemente ligado às relações e a responsabilidade moral passa por exercer cuidado para com os outros e evitar magoar.

As suas actividades de cuidadora e de auxílio àqueles que lhe eram próximos e também carenciados, não podem ser separadas da sua *imago* de cuidadora e daquilo que marca o seu *setting* ideológico (McAdams, 1997): a forte crença na caridade e ajuda ao próximo, que é mencionado primeiramente na adolescência, mantendo-se constante até à velhice. Segundo Adler (1959), as recordações infantis do indivíduo influenciam o seu estilo de vida. Já nas memórias mais precoces da Sr.<sup>a</sup> Alice surgem temáticas de dificuldades nas relações familiares, de doença (na infância, onde assiste à enfermidade do padrasto, e na altura da adolescência, quando corre risco de vida, pela contracção de uma doença venérea), de perda e de maus-tratos, que podem ter tido alguma influência no papel social e grupal que adoptou ao longo da sua vida através de comportamentos de cooperação (auxiliando outros nas suas dificuldades), e de oposição nas relações de poder (as suas relações familiares futuras surgirão também pejadas deste tipo de temáticas problemáticas, perpetuando-se ao longo da sua existência).

O Ideal (Adler, 1959) que persegue liga-se à generosidade, determinando os seus pensamentos, sentimentos e acções ao longo da história. Foi um projecto de comunhão (McAdams, 1997) que deu sentido há sua existência. Assim, a Sr.<sup>a</sup> Alice começa a definir o

seu estilo de vida já na infância, influenciada pelo ambiente de dificuldades que a rodeia, ligado a uma forma de se relacionar com os outros que funciona como um sistema de ajudas, fazendo sempre parte da sua rotina, servindo para preencher necessidades utilitárias e como forma de sobrevivência (Adler, 1959; Giddens, 2000).

Considerando a sequência desenvolvimental de Gilligan (1994), a Sr.<sup>a</sup> Alice, parece situar-se algures entre o segundo e o terceiro nível de desenvolvimento, já que o *self* vale pela sua capacidade de cuidar e de proteger o outro, visível na sua relação com os filhos e nas suas relações sociais, tornando-se sinónimo de bondade, talvez procurando receber em troca algo que preencha a sua necessidade de segurança.

As *imagos* (McAdams, 1997) exploradas na adultez, de esposa obediente e dedicada, apesar das contrariedades do casamento (infidelidades e maus-tratos constantes), também não se podem separar da mentalidade da época, segundo a qual os direitos dos homens eram ainda diferentes dos das mulheres, que mantinham uma grande dependência na figura patriarcal masculina (Bock, 1991). Neste sentido, também a *imago* de resistente/combatente faz sentido, inscrevendo-se numa lógica de sobrevivência, tentando transpor as muitas dificuldades que a assolavam.

Estas *imagos* mantêm-se constantes na velhice, onde a ausência de esperança, as dificuldades diárias e as fortes tensões relacionais com o filho também estão presentes. Parece haver integridade do *ego* (Erikson, 1980), apesar das constantes dificuldades que ainda a atingem (dificuldades económicas, doença e alcoolismo de um dos filhos e violência de outro). Está presente o sentimento de ter gerado outros, coisas e ideias, adaptando-se, como pôde, aos triunfos e decepções da vida.

De acordo com McAdams (1997), a história da Sr.<sup>a</sup> Alice pode ser considerada generativa: mostrou-se constantemente preocupada com o bem-estar da geração seguinte e sempre sensível ao sofrimento dos outros. O seu *self* esteve comprometido a viver de acordo com os valores em que acreditava partilhando os infortúnios e tragédias, que foi superando devido aos seus esforços. A sua infância marcada por maus-tratos, seguida de um casamento com um marido mal-tratante, e presentemente os abusos físicos e verbais por parte de um dos filhos, tornam evidente, nesta história um certo fatalismo, onde se destaca uma repetição geracional.

## Conclusão

Este trabalho teve como objectivo principal analisar e estudar a trajectória de vida da Sr.<sup>a</sup> Alice com base nas diferentes teorias do desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida, com o intuito último de conhecer algumas facetas do sujeito em investigação, e em última instância, apreender a sua identidade.

Apesar das diferentes perspectivas enquadradas nesta análise (Adler, 1959; Erikson, 1980; Gilligan, 1997; Giddens, 2000), que abordam o desenvolvimento humano enquanto um conjunto de fases normativas cujas transições permitem a resolução de crises e tarefas desenvolvimentais, debruçámo-nos principalmente, sobre a concepção de McAdams (1996, 2001, 2006) acerca da história de vida como reveladora da identidade narrativa. Deste modo, esta perspectiva foi tomada como referência principal para a análise do curso de vida da Sr.<sup>a</sup> Alice.

Segundo McAdams (2001, 2006), as histórias de vida definem o *self* do indivíduo, dando sentido há sua existência, provendo-a de significado, identidade e coerência. A história de vida fornece-nos aspectos significativos da personalidade que revelam a mudança e a continuidade da mesma.

O método de investigação que utilizámos para realizar o estudo e análise do curso de vida da Sr.<sup>a</sup> Alice foi o método das histórias de vida que teve como finalidade organizar e dar sentido aos elementos subjectivos da sua existência (Atkinson, 2001).

Após a recolha do material, ele foi submetido a análise de conteúdo: análise cronológica, onde abordámos o desenvolvimento nas diversas etapas e em várias áreas (relações familiares e afectivas, percurso escolar e laboral, relações sociais); análise categorial temática, sendo utilizadas as categorias de McAdams (1997) para a compreensão da estrutura e conteúdo da história de vida de adultos; e, apresentação do biograma que salientou, graficamente, informação auto-biográfica significativa, permitindo uma melhor compreensão dos dados resultantes da narrativa (Manita & Agra, 2002; Tinoco & Pinto, 2001).

Assim, regendo-nos por uma metodologia puramente qualitativa, a abordagem ideográfica, procurámos, sem qualquer recurso a normas gerais ou dimensionais, chegar à singularidade e identidade individual (Allport, 1962; Marceil, 1981) de um sujeito, que tem como particularidade pertencer a uma minoria desfavorecida, sofrendo de exclusão social

(Costa, 2005). Becker (Shaw, 1966) diz-nos que já em 1920, a escola de Chicago, se focava em minorias de todos os tipos (diferentes etnias, delinquentes, doentes mentais), através da crença na compreensão da perspectiva do actor. O apreender da experiência vivida sob o ponto de vista de quem a viveu (Schwandt, 1995), nunca resvalando para segundo plano factores contextuais envolventes. Houve, paralelamente o conhecimento de alguns valores da uma arquitectura social na qual viveu a participante, apreendendo a sua realidade individual e de certa forma, histórica, de classes sócio-económicas desfavorecidas existentes naquela época e na actualidade.

Podemos concluir que chegámos a factores subjectivos e relacionais presentes na vida concreta e dramática deste sujeito, tendo adquirido algum conhecimento acerca da sua identidade, revelada através da história de vida, onde partilhou acontecimentos e exprimiu sentimentos e pensamentos. A abordagem qualitativa (contacto aprofundado do investigador com o sujeito no seu contexto natural, fomentação da sua expressão máxima, diálogo entre ambos como forma de acção social, com atitude de simpatia e de atenção) revelou-se frutífera para esclarecer a particularidade da experiência individual, considerando a participante como figura central da sua história, nunca recorrendo a generalizações, uma vez que as características únicas da vida individual se distinguem pela sua singularidade (Allport, 1962).

Houve assim uma aproximação à compreensão do indivíduo e da sua identidade, tendo o récita de vida fornecido explicações causais acerca da existência da participante, reflectido pensamentos, sentimentos, desejos, experiências e a sua perspectiva moral perante o mundo envolvente (McAdams, 1996, 2006).

## Referências Bibliográficas

- Adler, A. (1959). *El sentido de la vida*. Barcelona: Luís Miracle, Editor. (Original publicado em 1935)
- Adler, A. K. (1994). Socialist influences on adlerian psychology. *Individual Psychology*, 50 (2), 131-141.
- Allport, G. W. (1946). Personalistic psychology as science: A reply. *Psychological Review*, 53 (2), 132-135.
- Allport, G. W. (1962). The general and the unique in psychological science. *Journal of Personality*, 30 (3), 405-422.
- Atkinson, P. (1997). Narrative turn or blind alley? *Qualitative Health Research*, 7, 325-344.
- Atkinson, R. (2001). The life story interview. In Gubrium, J. F. & Holstein, J. A. (Eds.), *Handbook of interview research: Context & method* (pp.121-140) CA: Sage Publications.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barresi, J. & Juckes, T. J. (1997). Personology and the narrative interpretation of lives. *Journal of Personality*, 65 (3), 693-719.
- Blanchet, A. (1982). Épistémologie critique de l'entretien d'enquête de style non directif. Ses éventuelles distorsions dans le champ des sciences humaines. *Bulletin de Psychologie*, 358, 187-194.
- Bock, G. (1991). Pobreza feminina, maternidade e direitos das mães na ascensão dos estados-providência. In G. Duby, & M. Perrot (Eds.), *História das mulheres no ocidente. Vol.5: O século xx* (pp.435-477). Porto: Edições Afrontamento.
- Bogdan, R. C. & Bicklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Lisboa: Porto Editora.
- Burgess, E., W. (1943). Review of the use of personal documents in psychological science. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 38 (1), 115-116.

Burgess, R. C. (1997). *A pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta.

Cardoso, A. & Perista, H. (1994). A cidade esquecida. Pobreza em bairros degradados de Lisboa. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 15, 99-111.

Clapier-Valladon, S. (1982). Le recit de vie. Une nouvelle orientation de la recherche en sciences humaines. Pour une contribution de la psychologie. *Bulletin de Psychologie*, 361, 717-722.

Costa, A. B. (2005). *Exclusões sociais* (5ªed.). Viseu: Gradiva Produções Lda.

Cunha, A. (2005). *Crescer e envelhecer de uma forma especial...: história de vida de uma centenária*. Dissertação de mestrado em psicopatologia e psicologia clínica, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle*. New York: W.W. Norton & Company.

Erikson, E. H. (1986). Problem of ego identity. In M. H. Stone (Eds.), *Essential papers on borderline disorders: One hundred years at the border* (pp. 229-242). New York: New York University.

Fernandes, L. (2002). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: As facetas da escrita etnográfica. In T. H. Caria, (Org.), *Experiência etnográfica em ciências sociais* (pp.23-40). Porto: Edições Afrontamento.

Giddens, A. (2000). Trajectory of the self. *Identity: A reader*, 248-266.

Giddens, A. (2004). *Sociologia* (4ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gilligan, C. (1994). In a different voice: Women`s conceptions of self and morality. *Harvard Educational Review*. 47 (4), 1-37.

Gottschalk, L., Kluckhohn, C., & Angell, W. (1945). The use of personal documents in history, anthropology and sociology. *Social Science Research Council Bull*, 53, 185-187.

Howard, G., Maerlender, A. C., Myers, P. R. & Curtin, T. D. (1992). In stories we trust: studies of the validity of autobiographies. *Journal of Counseling Psychology*, 39 (3), 398-405.

Josselson, R. (1995). Imagining the real. Empathy, narrative, and the dialogic self. In Josselson, R. & Lieblich, A. (Eds.), *The narrative study of lives* (pp. 27-44). Thousand Oaks: Sage.

Krippendorff, K. (1980). *Content analysis: an introduction*. Newbury Park: Sage.

Legrand, M. (1992). L'approche biographique: Théorie, méthode, pratiques. *Análise Psicológica*, 4 (X), 499-514.

Levinson, D. J. (1986). A conception of adult development. *American Psychologist*, 4 (1), 3-13.

Manita, C. & Da Agra, C. (2002). The study of psychological self-organization processes in deviant pathways: Contributions of the biogram method. In S. Brochu, C. da Agra, & M. Cousineu (Eds.), *Drugs and crime deviant pathways* (pp. 33-49). Hampshire: Ashgate.

Marceil, J. C. (1981). Idiográfico e nomotético: Dimensiones implícitas. In A. Fierro (Eds.), *Lecturas de Psicología de la Personalidad* (pp. 55-71). Madrid: Alianza Universidad.

McAdams, D. P. (1996). Personality, modernity and the storied self: A contemporary framework for studying persons. *Psychological Inquiry*, 7 (4), 295-321.

McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5 (2), 100-122.

McAdams, D. P. (2006). The problem of narrative coherence. *Journal of Constructivist Psychology*, 19 (2), 109-125.

McAdams, D. P. & Pals, J. (2006). A new big five: Fundamental principles for an integrative science of personality. *American Psychologist*, 61 (3), 204-217.

McAdams, D. P., Bauer, J. J., Sakaeda, A. R., Anydoho, N. A., Machado, M. A., Magrino-Failla, K., White, K. W. & Pals, J. L. (2006). Continuity and change in the life story: A longitudinal study of autobiographical memories in emerging adulthood. *Journal of Personality*, 74 (5), 1371-1400.

McLean, K. C. (2008). Stories of the young and the old: Personal continuity and narrative identity. *Developmental Psychology*, 44 (1), 254-264.

Pasupathi, M. (2001). Silk from sows`ears: Collaborative construction of every self in every stories. In D. P. McAdams, Ruthelleb, & A. Lieblich (Eds.), *Identity and story: Creating self in narrative* (pp. 129-150). Washington: American Psychological Association.

Pervin, L. A. (1998). *La ciência de la personalidad*. Madrid: Mcgraw-hill.

Poirrer, J., Clapier-Valladon, S. & Raybaut, P. (1999). *Histórias de vida: Teoria e prática* (2ª ed.). Oeiras: Celta.

Raggatt, P., T., F. (2006). Multiplicity and conflit in the dialogical self: A life narrative approach. In D. P. McAdams, Ruthelleb, & A. Lieblich (Eds.), *Identity and story: Creating self in narrative* (pp. 129-150). Washington: American Psychological Association.

Schwandt, T. A. (1994). Constructivist, interpretivist approaches to human inquiry. In Denzin L. (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 118-137). Thousand Oaks: Sage.

Shaw, C. R. (1966). *The Jack Roller: A delinquent boy`s own story* . Chicago: University of Chicago Press.

ST. Aubin, E., Wandrei, M., Skerven, K. & Coppelillio, C. M. (2001). A narrative exploration of personal ideology and identity. In D. P. McAdams, Ruthelleb, & A. Lieblich (Eds.), *Identity and story: Creating self in narrative* (pp. 129-150). Washington: American Psychological Association.

Tinoco, R. & Pinto, S. (2001). Abordagem biográfica das toxicodependências – o biograma como instrumento de intervenção clínica. *Toxicodependências*, 7 (1) 17-22.

Vala, J. (1986). Análise de conteúdo. In A. Silva, & J. Pinto (Eds.), *Metodologia das ciências sociais* (pp.101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Vries, S. (1951). *Some basic principals of individual psychology*. Consultado em 8 de Janeiro de 2008 através de <http://ourworld.compuserve.com/homepages/hstein/basic.htm>

## Anexos

## Anexo A

## História de vida

## Montagem do texto na primeira pessoa.

Durante a gravidez, o meu avô que Deus tem pôs a minha mãe na rua, não a queria lá em casa. Eu nasci, e a minha avó meteu-nos em casa sem o meu avô saber. De noite eu chorei muito, o meu avô ouviu e tornou a pôr a minha mãe na rua. Comecei a desenvolver-me e o meu avô começou a gostar de mim. Depois levou-me para o pé dele, tinha eu um ano, adorava-me. Entretanto a minha mãe juntou-se com o meu padrasto, que era de Lisboa. Morava na Picheleira, já tinha a vida organizada e foi-me buscar aos meus avós. Já não trabalhava na fábrica de cortiça, porque não precisava. Ele era encarregado das oficinas gerais da câmara de Alcântara. O meu padrasto gostava muito de mim, adorava-me e eu adorava-o, chamava-lhe pai. Entretanto nasceu um irmão, fiquei com muito ciúme, mas o amor era igual, não haviam diferenças. Ele era muito meu amiguinho, se eu estava na rua a brincar e ele vinha do trabalho eu fugia logo para casa, ele chegava a casa e dizia para mim: “A menina, quando o pai chegar não foge, está a brincar, continua a brincar, beija o pai, se o pai entender que vai para casa vai para casa, se você tiver que aqui ficar a brincar, fica a brincar, porque as pessoas vêm a menina fugir quando o pai vem, dizem que ele é mau”, e não era, nunca me tocava com um dedo, nem gostava que a minha mãe me batesse.

Entretanto o meu irmão morreu de repente com cinco anos. Tinha irmãos da minha mãe, que teve doze filhos, eu fui a primeira mas morreram todos e fiquei só eu. A gente ia buscar água ao chafariz, o meu irmão foi muito bem para lá, quando veio para cá já veio com o andar preso. Perdeu o andar, já vinha morto da cintura para baixo. Correu tantos médicos e nunca souberam o que ele tinha. A minha mãe andou com o menino numa mulher curandeira, que dizia que o corpo dele, antes de morrer, abrir-se-ia todo em buracos, e foi verdade. O meu padrasto começou a beber, não comia, chorava de noite e de dia pelo miúdo e apanhou tuberculose, apanhou pulmões e intestinos. Depois foi internado no sanatório da Ajuda, esteve no Caramulo, e foi para casa. A minha mãe foi internada para ser operada à barriga, nessa altura eu tinha onze anos, estava quase a fazer os doze. Eu é que o lavava, traçava-lhe as fraldas, os lençóis, eu é que tratava dele. Ele com muito respeito, muita vergonha, mas não tínhamos mais ninguém. Graças a Deus, nunca apanhei nenhuma doença pulmonar. O funeralzinho dele foi no alto de S. João. Quando lhe puseram a cal eu disse assim: “Ai, dizias

que eras tão amigo do meu pai, estás-lhe a pôr tanta cal!”. Quando puseram o caixão dele, não haviam urnas naquela altura, eu atirei-me para cima do caixão: ”Eu quero ficar ao pé do meu pai!”.

O meu pai biológico *enganou* [violou] a minha mãe, numa padaria que tinha no Barreiro. A minha mãe ficou grávida e ele quis-se casar mas o meu avô nunca quis, e como as pessoas respeitavam os pais dantes.... Depois quis-me *aperfilhar* [assumir legalmente como filha] e a minha mãe também não quis. Ele tinha duas padarias em Vendas Novas, uma mesmo defronte do quartel, e outra do lado da praça. Quando o meu pai soube que o meu padrasto morrera, veio-me buscar. Foi ao Barreiro, eu estava no Barreiro nessa altura, ainda era pequena, tinha doze para treze anos, não o conhecia (havia uma senhora que morava ao meu lado, que era a ti Francisca, que conhecia o meu pai, por causa da padaria). Eu estava viver com oito primos, com a minha tia e com a minha avózinha, que Deus tem, que vendia roupa das senhoras ricas aqui do Barreiro, em segunda mão, pois quando elas não queriam, não davam, vendiam. Quando bateram à porta todos queríamos ir ver quem era. Abri a porta e o homem pôs-se a olhar para mim muito sério, perguntei: “O que é que o senhor quer, é a minha avó, para comprar roupa? Depois pensei: “Olha olha! O homem parece que é parvo, está a olhar para mim, não fala nem nada!”. Porque ele já sabia que eu era a filha. Levou-me para o pé dele e lá estive um ano em Vendas Novas. Tinha um criado para me levar à modista para eu aprender, íamos de charrete, levava a minha irmã aos estudos, conheci-a quando vivi com ela. Eu estava de luto pelo meu padrasto, que era como se fosse meu pai, ia vestida de preto, ele tirou-me o vestido preto, meteu-o no forno e queimou-o, o que para mim foi uma mágoa muito grande.... Disse ao meu pai que não queria estar com ele que não gostava dele. “Porque é que tu não gostas do pai?”. “Porque o pai não gostou da minha mãe, quando ela andava grávida de mim, também não gostava de mim”. Vinha todos os domingos, ao Barreiro e a Lisboa ver a minha avó e a minha mãe. A minha mãe quando morreu o meu padrasto, veio *servir* [trabalhar como doméstica] para Lisboa. Nessa altura o meu pai queria *aconselhar-se* [viver com] com ela, mas já era casado na Galiza, (também tenho irmãos na Galiza), e então eu disse: “ Se a mãe casar com esse homem, eu fujo! Vou para Lisboa, vou para a má vida!”. Nunca olhei para ele como meu pai.

Estive com ele um ano, mas ele era muito mau e muito bêbado, queria-me vir embora para a minha mãe. Tinha-mos um criado para nos levar a uma ribeira com um terreno muito grande, o caseiro de lá gostava muito de mim. Tinha um primo que também gostou muito de mim, era rico e muito bonito mas eu não queria, nem nunca o meu pai soube nada da minha vida que eu nunca lhe contei nada. Quando ele chegava o criado que lá estava em casa, que

fazia os recados à mulher que vivia com ele cá em Lisboa em Vendas Novas, dizia: “Ai menina, o pai já vem embriagado, meninas estejam sossegadinhas”. Se estávamos sentadas no banco levávamos pancada. Tinha um primo que era sócio do meu pai na padaria ao pé da praça, que me levou para casa dele. O quartel era por baixo de onde eu morava, a sentinela estava por baixo da minha janela. Eles gostavam muito de mim só que eu depois fui proibida de ir para a padaria, porque havia lá muitos pobrezinhos e eu quando tinha pão, carcaças e isso dava-lhes. Sempre fui assim, diz que das esmolas se faz a caridade.

Tenho família ali na Mouraria, tenho um primo que é dono de um restaurante, que é galego, tem uma fábrica de fazer bolos. Ele morreu, eu estava a trabalhar num restaurante e os meus primos souberam que estava lá e foram lá. Disseram: “A prima fez mal, não estava *aperfilhada* do tio mas tinha direito porque nós sabíamos que era filha dele, você é tal e qual a cara da tia Adélia”, que era uma tia galega.

Voltei para o Barreiro, para o pé da minha avozinha, do meu avô, da minha tia que tinha oito filhos! Fui criada com eles. Nessa altura também passei muitos martírios, passámos muita fominha em pequeninos e de pé descalço. O meu tio era pescador, a minha tia coitadinha de sábado para domingo não se deitava, a lavar roupa e a enxugar num fogareiro para a gente ao domingo se vestir de lavado. Não queria estar com a minha mãe, queria estar com a minha avó, porque a minha mãe era má, batia-me muito! Porque eu era muito má, não era menina eu era Maria-rapaz. Pedra que eu atirasse com a mão esquerda era cabeça partida certa. Andava sempre à pancada com os rapazes. Morava numas águas furtadas na picheleira, a minha mãe dizia-me assim: “Vai buscar um pacote de sal, chegas à rua não perguntas o que vais buscar!”. Eu sabia que era um pacote de sal mas punha-me: “Ó mãe, ó mãe!”. Enquanto ela não vinha à janela eu não deixava de chamar mãe. “O que é que a mãe me mandou buscar, foi sal não foi?”. E as minhas vizinhas: “Ai levas tanta pancada, e não tens vergonha, se sabes que era sal”. Ela depois dava-me tanto! Eu tinha um tio que morava por baixo que era chefe da polícia, ela levantava-me ao ar pelos cabelos e deixava-me cair no meio do chão. E ele batia com o cabo da vassoura cá para cima e dizia: “Ó mulher você mata a rapariga!” Andava sempre toda negra que ela dava-me com colheres de pau, cotovelos e tudo. Eu também era muito má, só queria andar com rapazes, quem queria saber pela menina Alice, não perguntava pela mãe da Alice, perguntava pela mãe da maria-rapaz que toda a gente a levava à porta. E então eu ia à padaria tirar pão para comer, e quando já estávamos fartos, deitavam-nos fora, às bilhas de leite da rua, andavam as leiteiras pela rua, vazávamos leite para as medidas e toca a beber o leite. O tempo dessa altura faz-me lembrar mais ou menos este tempo agora, não pela pancada mas pela fome.

Quando foi o meu primeiro casamento, morava no Barreiro, tinha dezasseis anos feitos. Ele *enganou-me* e como não se queria casar-se comigo a minha mãe deu parte dele. Naquele tempo quando as filhas eram *enganadas*, as mães davam parte dos rapazes e eram os casamentos obrigados, o que era uma estupidez, era rara a pessoa que era casada obrigada que ficava a viver com o conjugue. O homem tinha vinte e cinco anos e eu dezasseis, eu morava numa quinta, havia lá casas baixinhas, quando morava no Barreiro morava-mos assim como a gente vê aí na província. Morava com a minha avó e outra vizinha que tinha uma menina. Eu adorava a menina, e ela pediu-me se eu tomava conta dela enquanto ela saía. Eu disse que sim, mas ela já estava combinada com ele, que estava dentro de casa escondido para me fazer mal. Quando estou debruçada no berço da menina a brincar sou agarrada e ele tapa-me a boca com a mão. Ainda lutei com ele cinco horas! Depois ele conseguiu. Depois levou-me para casa dele, para o bairro operário, o bairro dos trabalhadores da Cuf. Não queria estar em casa dele, chorava muito. A minha mãe soube quem ele era e onde morava. A mulher e ele foram presos e foram-me buscar debaixo de prisão. Depois como só tinha dezasseis anos acabei por gostar dele. Quando tinha dezasseis o meu marido estragou-me, apanhei a doença das mulheres prostitutas, estive muito mal, estive com um biombo à espera de morrer, abriram-se-me dois buracos nas virilhas, quando era para ir fazer xixi chorava que era dores horríveis. Ele esteve muito mal e lembro-me do pai dele dizer assim: “António, tu diz o que é que tens para a miúda se tratar também”. Eu comecei a querer andar e não podia, estava a trabalhar na fábrica de cortiça e diz assim o encarregado para a minha mãe: “Ó Adélia, tu hás-de ver o que é que a tua filha tem, que a tua filha não anda normal a miúda anda de perna aberta, não anda normal”. A minha mãe levou-me ao médico e foi quando ele lhe disse. Ele era muito bonito tinha vinte e cinco anos mas não parecia, tinha um cabelo lindo e cantava muito bem o fado mas eu não me iludi por isso. Estive dois meses e dezassete dias internada no hospital do Desterro, muito mal. Quando ele me quis ir ver disse à minha mãe que se ele entrasse na enfermaria me atirava da janela do hospital. Tomei muito medo dele, sofri muito.

Depois fui trabalhar para a Cuf, quando a fábrica de cortiça fechou. Ele arranjou outra mulher, então quem é que havia de ser a minha mestra, que me ensinou a trabalhar com o tear? A mulher que vivia com ele! Nunca tocámos no assunto, ela sabia quem eu era e eu sabia quem ela era. Ensinou-me a trabalhar no tear como se eu fosse uma aprendiz qualquer de lá. Depois nunca mais soube nada dele, já deve ter morrido.

Ao fim de nove anos e tal não chega a dez anos, conheci o meu marido que tinha enviuvado, gostei dele e ele gostou de mim. Viemos para Lisboa. A mãe dele morava na rua da Palmeira ao pé do Príncipe Real. Estive em casa da mãe dele muito tempo, ele trabalhava

com um tear, eu apanhava as malhas e a mãe dele fazia as camisolas. Trabalhava também para um casarão ali para o pé da Praça da Figueira. Estive a servir em Lisboa, na Avenida Visconde Valmor quatro anos, servi em casa de uma senhora.

Depois começou-se a dar-se mal com a mãe e viemos para Alcântara. Morei em Alcântara trinta e tal anos, antes de vir para a Musgueira. Ele conhecia aquelas pessoas e estivemos a viver em casa dessa gente, uns três nos e tal. Depois conseguimos arranjar madeira através de um juiz, e mandaram-me fazer a barraca Mas tínhamos que nos levantar às quatro, cinco da manhã para tirar o telhado da barraca, porque a câmara deitava-a abaixo! Não tinham dias certos, mas geralmente de oito em oito dias, às vezes de quinze em quinze para ver se nos apanhavam.... Uma vez fingi que estava de parto, que tinha acabado de ter uma criança. Já tinha tido a criança há três dias mas pus-me na cama e não deitaram abaixo a minha barraca. Porque eles não tinham pena, uma vez estava um menino com *os estertores da morte* [moribundo], de verão, mandaram pôr o menino na rua para deitarem a barraca abaixo! Se a gente tivesse armas, tinha-mos matado aqueles polícias! Mas depois houve um processo que todas assinámos e acho que esses guardas foram condenados por isso. Nessa altura deitavam abaixo e a gente levantava. Eles tornavam a deitar abaixo, a gente tornava a fazê-las. Era assim. Chateei-me e fui-me embora para a Trafaria com o meu marido e dois filhos, que na altura só tinha dois. Estive lá a morar um ano, fui para lá de verão acampar, as senhoras começaram a ver as minhas manobras a trabalhar e perguntaram-me se eu queria trabalhar em casa delas. Tinha um quarto num café de um senhor e morava lá a pagar, mas depois comecei a trabalhar em casa dele e deixei de pagar. Depois voltei para Alcântara outra vez. A minha barraca estava lá, deixei lá as minhas coisas porque as pessoas tomavam conta.

Sofri muito com o meu marido que Deus tenha, que começou a ter amantes. Uma ocasião chegou-me a dizer que vivia comigo e não gostava já de mim, gostava era da amante. Esteve oito dias fora, depois chegou e disse que não conseguia estar ao pé dela, que só me via a mim, as oliveiras e os filhos. Eu estava muito grávida, e ela estava também na maternidade para ter um filho que dizia que era dele. Foi pela Páscoa, eu nesse dia não tinha comer para dar aos meus filhos, tinha uma panela com água ao lume, para as vizinhas julgarem que era comer, para não saberem a minha vida.... Eu dizia aos meus filhos: “Vocês, se perguntarem se têm fome, digam que não... porque há um ditado que diz que santos à porta não fazem milagres”, porque elas quando davam um prato de sopa já toda a gente sabia. Fui lá ter com ela à maternidade e dei-lhe uma tarefa muito grande. Escondi-me com o meu filho ao colo, ela estava à janela e eu disse-lhe: “Hoje não tens a visita dele, tens a minha!”. Eu sem comer para dar aos filhos e ele ia carregado de coisinhas para ela! A primeira coisa que faço é dar-lhe um

grande pontapé na mão. O meu marido tinha muita vergonha do escândalo, e já não foi vê-la, voltou para trás. Ia com um amigo nosso que era dono de uma taberna e de uma carvoaria, na rua da Cruz em Alcântara. Eu sou *barreirense* [adepta do clube de futebol do Barreiro] e ele era do Belenenses, ele ia ver o jogo ao Belenenses depois da visita. Eu vinha com o menino ao colo e com uma barriga grande e disse-lhe: “Olha agarras o teu filho, já tenho um dentro de mim e tu não levas nenhum”. Quando chegou à Praça da Figueira, mandou parar um táxi e entrou para trás do táxi com o amigo para eu ir ao lado do *chauffeur*, e eu disse: “Não, não, vem para aqui e eu vou para o pé de ti porque eu sou tua mulher, não sou casada contigo, mas sou tua mulher, sou mãe dos teus filhos”. Quando chegou a Alcântara, onde eu morava, mandou parar o táxi para eu sair. Eu disse: “Não, eu sigo para o Restelo, vais-me pagar um bilhete que eu vou ver a bola, olha calha bem que é o teu clube com o meu”. E eu fui ver, quando chegou o intervalo vim-me embora, fui pôr o menino a casa e fui ter com ela à maternidade, dei-lhe outra tarefa, e disse-lhe: “Olha, eu vou-me embora, mas amanhã estou cá outra vez!”. No outro dia fui falar com a assistente social, e disse-lhe: “Olha, as senhoras ou proíbem a visita do meu marido aqui, ou têm escândalo todo o dia, mas se eu for presa eu tenho cinco filhos, os meus filhos vêm todos para aqui, para senhoras olharem por eles que eles não têm pai competente”. Foi proibida a visita dele. Mas dei-lhe uma tarefa tão grande! Eu também estava grávida, quero lá saber! Se eu matasse o dela ela também matava o meu....

Pois então ele era encarregado de um vazador, e apanhava a sucata e punha-a no quintal. Uma vez deu-me assim uma pancada no coração, de mexer naquela lata. Lá estava a morada dela, num postal que ela lhe tinha escrito. Ele escondia ali as coisas. Outra vez, ele trabalhava numa obra com um rapaz lá da rua da Cruz. Um dia chego-me ao pé dele e disse-lhe: “Ó João, o Ricardo telefonou-me agora, para lhe ir levar o almoço, mas desligou o telefone e eu não perguntei onde é que ele está e agora como é que eu vou levar o almoço se não sei onde é?”, ele passou-me logo na morada, que era o que eu queria. Ele estava com ela, foi quando ele me deixou oito dias, estava com ela ao pé do hospital do Rego, tinham uma casa no quintal, a morar alugado. Subi aquilo com o miúdo ao colo, aquele monte por cima do pé da linha de comboio. Ele estava na cama e disse-lhe: “Olha estás doente, estás de parto? Olha que graça!”. Entrei lá dentro e ela disse-me: “O que é que esta...quer daqui?”, “Ai eu é que sou!”. Dei-lhe uma tarefa tão grande, tão grande.... A primeira vez que lhe dei uma tarefa era tudo contra mim, as pessoas lá da rua não sabiam. A segunda vez é que como expliquei tudo já foram a meu favor. Ela atirou-me com um sapato, eu agarrei o sapato, com o miúdo ao colo, e arranquei-lhe sola do sapato com os nervos. Queriam-me tirar o miúdo e dar-me um

pau para eu lhes dar e eu disse que não. Dei-lhe uma tarefa tão grande com uma mão! Eu era lixada para a pancada. Levei os meus filhos comigo, na altura já tinha os cinco filhos. “Quando chegarem ao pé do pai, põe-se todos a chorar, quero comer, quero comer, tenho fome!”. Não tinham fome, eram todos muito limpinhos, descalcei-os todos, pela vergonha da cara dele! Pus os miúdos todos a chorar “quero comer, tenho fome”. Lá dentro era tudo contra ela e eu então disse: “Ele agora escolhe com quem quer ir”, e ele escolheu, não ficou com ela, veio comigo e com os filhos.

Já estava uma queixa feita ao senhor comissário que morava de frente e que estava à janela e desceu: Olhe, venha cá, a senhora, essa senhora e o seu marido vamos ali à esquadra. Aqui o seu companheiro, diz que foi ele que a enganou, eles é que sabem. E a senhora tem cinco filhos dele, pode-o perseguir em todo o lado, esta senhora não pode, a senhora pode-o perseguir em todo o lado, não pode fazer é o escândalo que fez”. Ela era muito linda, tinha olhos azuis, branca, era linda, linda. Na altura ele ainda não tinha tido vida nenhuma com ela, foi a partir daí, quando lhe fui dizer que ele tinha mulher e filhos, que ele teve. Se ela fosse enganada antes de saber, eu até era capaz de a ajudar. Até era capaz de o largar, assim não. Então ficou tudo bem, ele veio-se embora comigo, com o filho ao colo. Começou a chorar agarrado a mim porque gostava muito dela, que eu desculpasse mas que ele a tinha enganado e que tinha muita pena dela. “E dos teus filhos?”, perguntei. Depois ele acabou por dizer: “Agora por fim estou com a mulher na cama, só vejo os filhos, tu e as oliveiras”. Esteve ao pé de mim mas também sofri muito com ele depois disso. De sábado para domingo eu perguntava: “Ricardo o que é que eu vou fazer para o comer?” Gostava muito de lhe perguntar o que é que havia de fazer para o comer. Dizia-me para fazer o que entendesse. Eu fazia um cozidinho à portuguesa, isso ao Domingo, que é quando a gente faz assim os comeres, e ele de sábado para domingo não me aparecia. Havia um alto muito grande em Alcântara, estava lá com um monte de pedras ao pé de mim para quando ele viesse, com embrulhos com bolos para mim, lhas atirar! Uma vez dei-lhe com uma que ele levou oito pontos na cabeça.... Amachucava os bolos todos. Uma vez veio com uma boneca, que a tipa tinha mandado para dar à minha filha mais velha, que gostava muito dela, parti a boneca toda na cabeça dele!

O meu marido era muito mau, dava-me vinte escudos por dia para comer, cinco filhos, eu, um senhor que se enforcou, éramos oito pessoas. Está bem que era muito nesse tempo. Eu ia ao vazadouro onde ele estava a trabalhar pedir-lhe mais alguma coisinha, corria-me à pedrada! Sofria muito, um dia deu-me uma tarefa tão grande, vinha eu de trabalhar, de fazer uns anos, mandou-me pelo olival abaixo que toda a gente julgava que eu tinha tido um

desastre de eléctrico. Fiquei numa miséria...fui internada e tudo... batia-me quando estava enraivecido de eu fazer estes escândalos. Quando perdia o Belenenses os meus vizinhos diziam-me assim: “Ai hoje vocês são desgraçados! Perdeu o Belenenses estão desgraçados...” Um dia chegou ao carro e eu disse: “Olha hoje o Belenenses perdeu, hoje vens caladinho”. Deu-me uma tarefa tão grande com um sapato, toda eu era sangue, a minha filha mais nova disse-me: “Ó mãe tu já não vês mãe já estás ceguinha”, e eu: “Não filha a mãe já não vê nada”. Eram os vizinhos cá fora: “Ó Ricardo não lhe bata que ela não é merecedora! Ela fartase de *minar* [trabalhar arduamente] para os filhos e para ti”. E depois a minha filha disse-lhe: “Pai toma uma faca e mata-me a mim e deixa a minha mãe!”. Houve outra vez que me deu um soco tão grande que eu urinei-me toda! Quando caí ele julgou que me tinha matado. Passei muito com ele. As pessoas diziam-me: “Ó mulher deixa-o!”. Eu ia para onde com cinco filhos? Cinco crianças pequenas eu ia deixá-los e ia para onde? Um dia fui para a Avenida Visconde Valmor, uma tia minha morava lá e lá estive um ano e tal. Ao fim de um ano ele foi-me lá buscar, eu não queria ir mas a minha tia disse: “Olha filha, não estás a chatear aqui a tia, mas se ele está a dizer que está emendado vai.”. Esteve emendado um tempozinho e depois voltou ao mesmo. Ele era daquele tipo que era assim, dava-me os vinte escudos, eu trabalhava, tinha que lhe dar o dinheiro que ganhava. Portanto ele dava-me e não me dava. Depois tive um filho com idade de trabalhar que também tinha que lhe dar o dinheiro. O velhote também lhe dava o dinheiro a ele. Tinha tudo que lhe dar o dinheiro. Uma vez disse para ele: “Então mas quem põe a mesa sou eu, que lava a roupa sou eu, eu é que faço as coisas, eles têm que me dar o dinheiro é a mim!”. O abono dos miúdos era para ele, era tudo assim. Sofri muito com ele, muita pancada também e o comer à retinha, às vezes, o que era vinte escudos, está bem que naquele tempo comprava-se um quilo de cachuchos a três mil e seiscentos o quilo. O queijo cabreiro hoje é oitenta e tal escudos o quilo, era a três e quinhentos o quilo! Mas também, pronto, o dinheiro vinte escudos não era nada, eu ia ter com ele ao trabalho, corria-me à pedrada! Batia-me e eu fugia e ia para casa de uma vizinha qualquer, metia-me na barraca dela, enquanto não lhe passava. Depois passando a lua, podia-me deitar ao lado dele que ele já não me fazia mal.

Uma vez um filho meu com três anos, ia atrás de mim, ele chamou o menino, o menino como não ouviu, levantou-o ao ar, deixou-o cair no meio do chão, caiu em cima de um monte de pedras, tivemos que ir com ele ao hospital. Andava com uma chapa debaixo do rabo, puxava a chapa e andava com o rabo. O meu filho com três anos, pesava oito quilos... era um macaquinho a chorar, o cabelinho dele, a cara dele muito engelhada, tinha uma barriga

muito grande, tinha barriga de água, era pulmões, tinha muitas complicações por isso é que ainda hoje ele é assim... passei muito...

Quando morava em Alcântara, na rua da Cruz haviam lá três crianças. O pai foi preso apanhou vinte e dois anos ele e o irmão gémeo pela primeira vez, a mãe como já era de *qualidade* [atraente] foi para a vida, tornar-se prostituta. Estive quatro dias sem ver os meninos, digo assim: “Não vejo o Armando nem o Vasco, não vejo os miúdos, então, será que ela veio buscar as crianças para as levar para algum lado...?”. Cheguei à porta e bati, ouvi uma voz: “Tia Alice!”, “Ai os meninos estão aqui dentro!” Já cheinhos de fome muito aflitos. Fui buscar os meninos e levei-os para a minha barraca. O meu marido tinha muito bom coração, não era contra eu tratar de funerais pela Santa casa, eu tirava subscrições e melhorava os funerais. Nunca gostava que fosse pela Santa casa porque era só o caixão sem a madeira. Nunca era contra que eu fosse para o hospital, às vezes ia a um sítio: “Ricardo deixas a tia Alice ir comigo ao hospital com o meu filho?”, “Se eu disser que não ela vai! E dizia eu: “Vou, vou”. Até o senhor prior de Alcântara me admirava, queria que eu fosse da conferência de São Vicente Paulo. Mas o meu marido era contra de eu levar os meninos para o pé de mim, quantas vezes o comer que era para mim, as minhas vizinhas já sabiam, e eu passava por baixo da mesa às escondidas para os meninos, até que ele se habituou que os meninos fossem para lá para casa. Nessa altura já tinha quatro filhos, tinha menos um, a mais nova. Andava a vender peixe no Conde Barão, São bento. Andava na rua, com a minha filha mais velha, com a caixa de peixe na mão a fugirmos à polícia, como as outras andavam dantes. Queríamos fazer qualquer coisa honradamente sem envergonhar a casa de ninguém. Eu tinha muita sorte na venda. E então comecei a ter lá os meninos, comecei a dar-lhes de comer, fui inscrevê-los para a escola. Em Outubro quando começaram as aulas, foram para a escola. Eu era visitada pelo director da prisão aqui de Lisboa, da penitenciária, porque estava com os meninos do presidiário. Levava-me compras todos os meses, era muito querida pelo senhor director por tomar conta dos meninos. Quando venho da venda, passado oito dias de terem começado a escola, vejo os três miúdos a chorar muito. Perguntei o que se passava e eles: “Vieram cá umas senhoras e uns senhores e levaram o Armando o Vasco e o luís, para um colégio. Eu chorei tanto, tanto, tanto, meus ricos meninos! Agarrada à roupinha deles. Um está na Inglaterra, o Armando, o outro foi um infeliz como o pai. Era esse medo que o meu marido tinha, eu criá-los e eles não serem bons. O outro nunca mais soube dele. O outro que está em Inglaterra, estava eu a trabalhar num restaurante do príncipe real, foi-me visitar, ele a mulher e dois meninos. Esteve a dizer ao dono do restaurante para me dispensar que gostava muito

que eu fosse comer à mesa com ele e com a família dele, queriam-me levar, ir e vir para ver a casa dele mas não podia com os filhos....

Estive a trabalhar dois anos num restaurante, porque conhecia uns vizinhos da Musgueira que moravam nos prédios e que sabiam que eu fazia festas, rissóis e essas coisas. As pessoas diziam que eu tinha que fazer sempre sopa, nem que fosse de folha de alface, uma cenourinha cozida, uma cebola grande, a sopa saía toda. Eu estava-me sempre a rir e diziam: “Tenho impressão que me está a cheirar que está cá a miss simpatia”. Chegava à janelinha, onde a gente punha os pratos, e diziam: “Eu disse logo! Está-me a cheirar a uma sopinha de alface, tinha que cá estar ela”. Depois começou-me a escrever, entretanto eu fui mudada para aqui, para a Musgueira, a morada desapareceu. Nunca mais soube do Vasco, ele é engenheiro não sei de quê. Está bem na vida, ajudou-me muito, nunca mais soube dele, já me disseram para ir ao cônsul da Inglaterra, por intermédio de conhecer o nome dele todo, para me dizerem onde é que ele está que ele também deve estar preocupado de não saber de mim. A avó dele tinha, salvo seja, um cancro, coitadinha, e já dava as injeções de morfina a ela própria. Quando não tinha, punha-se da caminha da janela dela: “Alice! Este malvado já me está a comer e eu não tenho injeção!”. Lá ia eu ao bairro de Salazar que era por cima, com a receita. Quando não tinha dinheiro ia à farmácia, as senhoras da farmácia do Calvário lá em Alcântara já me conheciam, eu trazia a receita e depois ia pagar. Às vezes deixava comer por fazer, o meu marido fazia, tratava dos miúdos... lá isso era verdade, era muito mauzinho para mim, mas vá lá isso nunca era contra.

Então outra vez, estava a chover daquelas noites, uma noite muito má, muito fria. Eu tinha muito bom coração e ainda hoje tenho, se tiver quatro carcaças e me baterem à porta, pedirem-me uma ou duas, eu dou e fico com duas para mim, eu sou assim, sempre fui. Batem-me à porta da barraca. Eu digo assim: “Quem será esta hora?”. Abri a porta era um velhinho, muito magrinho! Uma barba muito grande.... E eu digo assim: “Oh Ricardo, é um senhor que está aqui assim a perguntar onde é que há-de dormir”. Havia um buraco muito grande onde havia uma furna. “Olhe há ali um buraco muito grande onde dormem os ciganos”. O homem foi para lá, mas julga que eu que dormi? “Ai Ricardo nós temos roupinha da cama e o homenzinho sem nada! Ele tem uma tosse de fome! Uma tosse tão seca!” Nunca me esqueci, tinha sopa de feijão manteiga com cebola picada e batatinha aos quartos e cebolinhos, pastéis de bacalhau, nunca mais me esqueço do comer. “Deixa o homenzinho vir aqui dormir, está aqui este divã sem ninguém....Ele até me chamou um nome: ”Filha da curta! Sabes lá se o homem é bandido se não é!? Fazes essa figura!” Eu disse: “Olha eu sento-me aqui toda a noite. Eu não durmo, estou aqui a tomar conta do homenzinho olha”. Eu tinha um desses

fogões que tinha a caldeira, que tinham a água lá dentro, estava sempre cheio de água. Eu disse assim: “Olhe, como é que o senhor se chama?” e ele: “Bernardo”. “O senhor entre, tem fome?”, “Tenho muita minha senhora, tenho muita e frio”. Pus lá o homenzinho à vontade e ele primeiro lavou-se todo, não havia banheiras nem nada dessas coisas, eram alguidares grandes que era onde a gente se lavava. Tinha lá um pijama do meu marido que vestiu. Comeu duas vezes cheio um prato grande de alumínio muito fundo e pastéis de bacalhau. Depois o resto, Deus me perdoe, deitei fora, que eu sou muito nojenta. O homenzinho quase esteve comigo três anos! Não sabia da família, não sabia de ninguém. Um dia foi trabalhar para as obras, o construtor das obras era o sobrinho dele! Chegou-me a casa: “Olha filha, (já me tratava por tu e tudo, eu chamava-lhe tio, os meus netos chamavam-lhe avô...). Encontrei o meu sobrinho, e ele quer que eu vá para casa dele”. Vá Bernardo! Vá sim senhor!”. Foi para lá e visitou-me muitas vezes. Depois andou muito doente, ele como nunca me disse onde é que estava, também não lhe perguntei, se ele quisesse que eu soubesse dizia-me, então eu nunca lhe perguntei. Depois ele deve ter morrido que já era muito velhote, morreu. Em Alcântara veio o meu nome no jornal, nas primeiras páginas: “Toma conta de crianças, cães e gatos”. Os gatos e os cães não me largavam, os pombos às vezes quando me dão pão ou assim já muito rijo... Os pombinhos quando me vêm chegar à janela vêm logo a correr, a vizinha diz-me que qualquer dia vou presa, por ser proibido dar de comer aos pombos.

Um senhor esteve preso muitos anos por matar um homem que apanhou em flagrante, a fazer pouco de uma sobrinha. Apanhou uma data de anos porque matou à traição, se fosse cara a cara não apanhava. Quando saiu da prisão vinha com muito dinheiro que lá tinha juntado. Trazia uma placa de ouro. E então veio para casa de uma rapariga, cujo marido tinha estado preso com ele. O velho comprou-lhe em Alcântara uma pedra de peixe da praça. Enquanto o velhote teve dinheiro esteve lá. Acabou o dinheiro do velhote, tiraram-lhe o ouro todo e puseram-no na rua. O homem: “Ò Alice vê lá vê, roubaram-me tudo, agora põem-me na rua!”, e eu: “Ó Ricardo, deixa vir o tio Armindo cá para casa, quem comeu a carne roa os ossos. Olha antes quero que ele venha cá para casa sem nada, que viesse para cá com muito. Que assim sem nada não falam da gente”. Também lá esteve com a gente perto de cinco anos também. Depois morreu, enforcou-se. O meu marido era muito mau para mim e o tio Armindo dizia-me: “A partir de hoje não vais passar mal”. Porque o meu marido obrigava-o a dar-lhe o ordenado, trabalhavam juntos. Eu estava muito mal com crises que me davam muito grandes da cabeça, por causa de uma menina que morreu com três anos. E então digo assim: “E você não quer comer?”, “Ah a Teresa e a Maria do Carmo depois levam-me lá um

bocadinho de sopa”, que eu fazia sopinha todos os dias. Quando as minhas filhas lhe vão levar peixe frito e a sopa estava ele enforcado numa barraquinha que se arranjou para ele. Os melhores caixões que havia eram aqueles de veludo. Eu não tinha dinheiro fui pedir à minha tia se me emprestava, uma tia que tinha um lugar na praça do Saldanha. Ela na altura já não tinha o lugar, não tinha dinheiro mas tinha um cordão. “A tia empresta-te o cordão, vais pôr e depois vais buscar”. Naquele tempo valia oitocentos escudos o cordão, naquele tempo aos anos, o que é que não valia agora! Vendi o cordão e fiz-lhe o funeral. O funeral saiu da morgue, vinham os meus filhos todos com o coisinho preto dobrado: “Oh avô, oh avô!”, já eles lhe chamavam avô. Ele quando veio para ali morar disse:”O meu pai matou-se aqui eu também me hei-de matar. Mas eu julgava que era conversa dele.

Abateram as barracas por causa da ponte sobre o Tejo, andei com cinquenta famílias, falar com o director da ponte. Foi o prior que me mandou chamar. Foram todas comigo, ia uma pessoa de cada casa. O senhor prior, aqui da igreja de S. João de Brito e Alvalade que já morreu, disse: ”Ninguém fala! Deixem falar a Alice sozinha”. Eu falei e naquele tempo ainda levaram trinta contos cada uma! Ainda me deram cada uma, um conto. As senhoras da conferência Vicente Paulo diziam: “Oh senhor prior, senhor prior a Alice devia vir assistir às nossas reuniões” e ele disse: “Não, deixem andar a Alice como anda que anda de livre vontade dela, não é obrigada”. Eu ia com as crianças a morrer ao hospital, à igreja para os baptizar. Tenho muitos afilhados mortos. E ele depois ensinou-me: “Quando eles estiverem assim mal a morrer, não vens cá Alice. Em casa, arranjas um pano branquinho, seja o que for, seja velho seja novo, seja branquinho é o que é preciso! Uma coisinha com água e pões a mão na água e fazes assim: “Eu te baptizo” em nome do pai do filho e espírito santo”. Eles estavam baptizados. “Depois se for de livre vontade dos pais deles, vens cá com eles para fazerem a cerimónia de baptizado”. Morriam muitas crianças de fome e de doenças.

Iam lá levar coisas, roupas e comer às pessoas que a barraca abateu. Depois diziam-me: “Olha Alice, se quiseres escolhe tu primeiro alguma coisa que esteja aí para ti ou para os miúdos” e eu dizia assim: “Não, dona Fátima e dona Helena, não porque eu graças a Deus não sou sinistrada, não porque eu não me caiu a minha barraca. Dê a elas que se sobrar para mim, se sobrar alguma coisa que coiso...”. Elas gostavam de mim por causa disso. Foram lá umas senhoras pelo natal dar uma esmola e a última veio para mim. No tempo que iam dar coisa às escolas e às pessoas pobres. Apareceu um miudinho, que tinha o pai e a mãe tuberculosos. Veio a minha casa e disse: “Minha senhora o meu pai e a minha mãe estão tuberculosos e somos quatro irmãos”, e a senhora: “Olhe o último embrulho que tinha dei a esta senhora”, eu disse: “Olhe minha senhora (não conhecia a senhora), se a senhora não se importar eu tenho

necessidade, mas eles têm mais do que eu, eu dou-lhe o meu embrulho, não se importa não?”, e dei-lhe. A senhora ficou muito contente comigo por isso. Passado coisa de duas horas mais ou menos, vem a senhora com o porta-bagagem do carro cheio de tudo o que era bom para mim! Gostou muito da minha acção, diz: “Isto era para levar a outros lados, mas como gostei tanto da sua acção, é para si. E eu disse: “Olha, a senhora se não se importa, há uma coisa que é já aqui, que eu ensinei aos meus filhos, não se importa que eu dê para aqueles meninos?”, “Não senhor”. Foi assim.

Tive filhos mortos. Tive um filho morto, esteve um mês morto dentro de mim. Fui para o hospital, onde a parteira assistiu ao parto, as águas rebentaram pela boca, saiu a pele da criança tudo esfarelado pela boca. Fiquei com a cabeça, a mão e as tripas dele de fora! Já estava todo *esgalhado* [desfeito]. Foi quando tive esse filho que fiquei empregada nesse hospital na M. Até tirei fotografias com o Sr. Provedor. Eu via aquilo tudo muito sujo e comecei a limpar o gabinete do Sr. Provedor. A pôr flores e coisas assim e ele disse: “Quem é que me tem arranjado isto agora que isto está tão lindo, cheira tão bem e tudo?”. Uma senhora que estava lá que era a dona Catarina que era muito velhota: “Uma senhora que teve um bebé e está cá internada”, “Chame-a lá”. Depois perguntou-me se eu podia ficar lá empregada e fiquei, quando vim para Lisboa. Tinha hospital e tinha asilo. Uma vez um rapaz ficou-se debaixo de um comboio, eu é que estive a colocar-lhe os bocados lá para a capela. Hoje? Uuuugh! Eu não desço a escada à noite, mete-me aflição o patamar da escada. Naquela altura eu tinha coragem.

Entretanto houve um fogo muito grande na minha barraca e fiquei sem nada. Foi uma senhora do lado, muito velhinha, que acendia com vela, porque a gente não tinha electricidade. E ela tinha a parede colada com aqueles sacos com alcatrão, parecem papelão, daqueles grossos de cimento e essas coisas. Então pegou-me, a minha sorte foi que eu estava no chafariz, a gente não tinha lá água em casa, ia buscar aos chafariz, vim a correr, tirei a minha neta e o meu neto de lá, que estavam a dormir, morriam-me lá.... As caritas é que me deram a mobiliazinha do quarto, as roupinhas de cama, umas loiças. Várias senhoras também me deram loiça, deram-me coisinhas, muita coisa...compus a barraca, não era como estava antes mas...

O 25 de Abril roubou-me muitas amizades. Tinha um juiz que me ajudava muito, morava ali na Duque d’Ávila, já não mora que o prédio foi abaixo. Fizeram-me a minha barraca em Alcântara, foi saneado [perdeu as posses], quando foi o 25 de Abril, aquelas pessoas que eram más foram despedidas. Para eles, para o Sr. Doutor juiz e para a mulher dele, eu não era uma pobre, era uma pessoa amiga, entrava para dentro de casa e tudo. Uma

vez, eu estava na escada mais os meus filhos à espera, e quando o Sr. Doutor desceu do elevador disse: “Que está aqui a fazer senhora Alice?”. “Estava à espera que viesse o Sr. Doutor ou a senhora doutora para...”. “Então e a empregada não a mandou entrar?”. “Ela não me conhece...”. “Ah pois, pois, está bem”. Era uma empregada nova, não sabia as ordens que tinha para eu entrar. Depois disse-lhe: “Se esta senhora vier, não fica na escada, ela entra”. Ele mandou-me fazer a barraca toda de novo. A senhora ajudava-me muito mas quando foi o 25 de Abril, cheguei a casa dela e ela disse para mim: “Ó Alice agora eu preciso mais do que a senhora Alice, que o meu marido foi saneado”. E eu depois não fui lá mais. Depois a minha filha tinha um restaurante alugado, e eu fui-lhe dizer que a minha filha vivia bem e que estava com ela e ela ficou muito contente. Até estava para ir ao restaurante mas depois não foi.

Conheço a dona Isabel, a minha filha tem cinquenta e quatro anos e ela conheceu-me a minha filha tinha três anos, pelo eléctrico, eu vinha com os meus cinco filhos, tudo pequenino, tudo limpinho. Ela achou muita graça aos miúdos, disse que eram todos muito bonitos, ela ainda hoje diz: “Os seus filhos, a gente beijava-lhe a cabeça era sempre um cheirinho no cabelinho! E os seus netos é a mesma coisa”. Já era tarde, os miúdos ainda não tinham almoçado, e eu tinha ido a uma reunião mais uma senhora que tinha tido um acidente, para me darem umas coisas. Eu comia lá mas não comemos, e os meus filhos: “Ó mãe vamos embora, vamos para casa, tenho fome!”. A senhora ouviu. Saí no Chile para apanhar outro para Alcântara, ela chamou-me, descia também onde eu descia, e estive a falar comigo, perguntou-me se eu queria ir com ela a casa dela...por exemplo eu ou almoço, ou tem sopinha ou lanche, café com leite ou isso. Começou-me a ajudar. Depois estive muito tempo sem ir lá a casa da dona Isabel, estive bem uns quinze ou vinte anos, nunca mais lá fui! A minha vida melhorou, e escrevi-lhe um postal a dizer que a minha vida tinha melhorado e qualquer dia ia lá. Deixei de ir. Ao fim de vinte anos fui lá, ela conheceu-me logo. Estive-lhe a contar que os miúdos cresceram e a minha vida tinha melhorado.

Depois tinha esmolas dos liceus, que davam muitas esmolas, os colégios, pelo natal, davam muitas coisas assim, tinha de muito lado, o liceu Francês.... Tinha muitas esmolas daqui e dali e tudo acabou. Depois do 25 de Abril foi pior para os pobres, porque os pobres eram muito ajudados por muita gente que deixaram de ajudar. Ali o Duque de Palmela, da rua da escola Politécnica, eu ia aí a casa. O filho do Duque de Palmela, era e é que não morreu, padrinho do meu filho. Porque a minha mãe trabalhava na colónia por conta da igreja de Alcântara e os meus filhos estiveram lá todos. A minha filha nunca ia na camioneta, ia sempre no carro dele. Eram, pessoas que me ajudavam muito, nunca tive tantos sacrifícios na minha vida como depois do 25 de Abril, antes tinha muitas ajudas, tinha aquele senhor que é o

Vasco Martins que canta o fado, esse senhor também era meu amigo, chegou-me a levar o médico à cabeceira, que eu estava com princípio de uma pneumonia e estava muito mal...

O meu marido era muito mau, dava-me vinte escudos por dia para dar de comer a oito pessoas, eu, ele, o senhor que estava em minha casa e os meus cinco filhos, e se eu lhe pedia mais não me dava. Eu cheguei a andar a pedir esmola com os meus cinco filhos pequeninos, e foi aí que conheci estas pessoas. Às vezes apanhava o eléctrico, para o Carmo e depois para o Rossio, apanhava outro, havia várias pessoas então era assim: dois ao colo, um sentado ao meu lado e dois atrás de mim naqueles bancos da frente. Eles iam todos muito limpinhos, então as pessoas conheciam-me, esse senhor juiz, conheceu-me pelo eléctrico, desci nos caminhos-de-ferro e aquele senhor perseguiu-me. Fiquei com muito medo, porque na altura era proibido andar a pedir esmola porque íamos presas, íamos para a *mitra* [prisão]. E eu julguei: “Isto é um agente, anda-me a perseguir”, e entrei dentro de um restaurante que havia nos caminhos de ferro, e o senhor entrou também, e disse: “Ai *jasus* vou presa mais os meus filhos!”. Fiquei cheia de medo. Depois o senhor chamou-me e disse assim: “Estes meninos são todos seus filhos? Não é nenhum emprestado?”. E eu assim: “Não, por acaso são todos meus filhos, e já morreram cinco”. “Não se importa de ir ali comigo?”. “*Adonde* senhor?”, “Não esteja assustada que vai comigo a minha casa”. Levou-me a casa dele. Bem, mas enquanto não cheguei a casa dele não descansei! A senhora achou muita graça aos meus filhos que eles eram muito bonitos, e mandou-nos entrar. Depois foi escolher roupa e começou-me a ajudar todos os meses. A dar-me mercearia grande.

O senhor engenheiro Castro Morais é padrinho de casamento da minha filha mais velha, e de uma neta minha que está na costa, mas chateou-se comigo por causa de um caso que se deu, o meu genro, e o meu filho foram detidos, estava bêbados e encostaram-se um carro. Levaram-nos como se estivessem para roubar o carro. O senhor é que disse que não, porque o carro não estava mexido e eles saíram. Ficaram chateados comigo por o João se ligar a ele, aquela senhora dizia: “A Alice é uma pessoa que temos como nossa família e não como uma pobre”. Quando ela andava grávida, andava eu, depois ela teve um menino morto, eu tive um menino morto. Depois ela chateou-se comigo e eu nunca mais lá fui, não me rebaixei, também fui orgulhosa.

Quando tive a minha filha Maria, às seis da manhã, eram umas dez horas aparece-me o meu filho, marido da minha nora Estela, todo ele era sangue. Eu assustei-me. Outro miúdo tinha-lhe partido a cabeça. O parto recolheu-me, e fui internada em Magalhães Coutinho. Fui para essa maternidade para ser raspada. Diziam as mocinhas que estavam lá: “Ai vai sofrer

tanto que elas são tão más a raspar a gente!”. A mim não me fizeram mal porque eu tinha a menina, elas só tinham raiva a quem fazia desmanches. Apareceu uma senhora que era a senhora condessa a Teresa Santana que cantava o fado. A minha filha tinha uns olhos muito grandes, muito lindos com horas de nascida. Então a senhora passou e disse: “Ai que linda menina”. Era a única que estava naquela enfermaria, era tudo para os desmanches [abortos]. Então disse: “Já está baptizada ela?”. Eu disse: “Não, não está baptizada nesse estado”. Contei-lhe a situação, que tinha tido a menina há pouco tempo e ela disse: “Gostaria de ser madrinha dela pela igreja” e eu disse: “Se a senhora gostava de ser madrinha pela igreja também pode ser pelo registo, que eu não tenho ainda madrinha”. Ela ia pôr à minha filha Maria Teresa, mas como eu já tinha Teresa, ela foi ver à agenda qual era a santa do dia em que ela nasceu, era a nossa senhora do Carmo. Pôs-lhe Maria do Carmo. Também me começou a ajudar, o marido dela morreu, e ela depois também. A minha filha nunca conheceu a madrinha, porque a senhora morava ali nas amoreiras e mudou-se, perdi o contacto dela mas fui parva, podia ter ido à família dela. No caso do Sr. Engenheiro Castro Morais, tinha uma fotografia, de quando a minha filha casou, a minha família e a família dele, como se fosse tudo....

Eu cheguei a ter pelo natal muitas esmolos que repartia pelas outras vizinhas, eu tinha esmolos pelo natal que me davam comer o ano todo! Mas quando chegava o ano novo já não tinha nada! Um saco para uma, outro saco para outra, outro saco para outra. Punha roupas em cima da cama para ver quais eram as melhores para vestir aos meus filhos. E vestia as crianças de Alcântara também. Muita coisa que eu tinha. Foram saneados, foi a partir daí a minha vida mudou.

No outro dia estava no hospital do Pulido Valente, o meu filho estava lá internado, e, comecei a conversar com umas senhoras e eu disse: “Tem graça que eu tinha uma senhora que era a minha comadre que era a madrinha da minha filha que era a dona Teresa Santana”, e ela disse: “Então era minha tia”. A senhora deu-me a morada dela, não é que eu nunca mais soube onde pus a morada! Parece que foi pecado, para lá ir a casa dela e para me mostrar a fotografia. A minha filha conhecia-a pela televisão, mas assim pessoalmente não.

Na Musgueira conhecia uma menina que era ceguinha, já conhecia a família de Alcântara. A mãe era muito bêbada, o pai também e a menina nasceu assim. Levava os dias inteiros com uma tampa e com a mão em concha no ouvido, para ouvir o barulho. A mãe dava-lhe de comer sopas de café. A menina conforme fazia o xixi, apanhava o xixi e bebia. Não andava nem nada! Fui com a menina ao hospital, a mãe ficou cá fora apanhar caracóis e eu com a menina lá dentro, julgando que ela entrava comigo, para explicar as situações.

Chamaram o médico e diz ele: “A mãe desta menina é essa encomenda que aqui está”, que era eu. Passei uma vergonha nesse dia! Diz esse médico: “Ouça lá, a senhora não tem vergonha?”. E as enfermeiras assim: “Vergonha? Esta gente tem alguma vergonha de alguma coisa?”. “Então a senhora é uma alcoólica deixa vir uma criança para ser assim deste estado em que está!?”. Eu disse: “Doutor veja como fala, primeiro eu não sou mãe da menina, eu sou vizinha, eu trouxe a menina por uma obra de consciência, porque a minha religião é ajudar quem precisa, porque eu também preciso! Mas a mãe dela anda ali fora, vou chamá-la!”. Corri tudo à procura dela andava aos caracóis! Depois é que uma pessoa me disse: “Olha essa senhora foi para ali, ela parece que anda ali no meio do coiso a apanhar caracóis”, nos jardins de Santa Maria. Então fui lá, chamei-a e disse que o médico quer falar com ela, não disse porque era senão ela não ia. “Eu realmente achei que a senhora não tinha cara de bêbeda, cara de bêbeda tem esta!”. Mas eu chorei tanto e elas para mim: “Não chore”. “As senhoras ofenderam-me muito, percebe? Mesmo que fosse eu a mãe da menina, não tinham o direito de me ofender como me ofenderam”. “Então quer dizer, fica ofendida e nunca mais socorre ninguém por causa disso?”. “Não, socorro, a minha missão, é ajudar os meus e ajudar os que precisam, posso não lhes dar nada, mas ajudar das doenças”.

Depois levei a menina ao médico particular, que era o doutor Fernando, ao pé de Alcântara, que era muito meu amigo também, não levou nada. Deu vitaminas para a menina e antibióticos. Eu é que me levantava às seis da manhã para dar o antibiótico há menina, há meia-noite, às seis da manhã... Às vezes podia estar na cama mais um bocadinho, não estava. Pus a menina a andar e a comer, que a menina não queria nada que não sopas de café, estava habituada já àquilo. A dar-lhe água ao princípio era um castigo para a menina beber. A menina bonita! Já conhecia a minha voz à légua. Ouvia a minha voz vinha ela: “aaaaaannnn!”, com as mãozinhas agarrar-se a mim aos saltos, e uma força? Depois a mãe morreu, o pai morreu, e as irmãs puseram-na num lar, eu já não vejo e menina à três anos, agora estou farta de pedir à irmã dela e à sobrinha para me levarem a ver a menina, ela já não é menina mas para mim é sempre menina, é sempre menina. “Olha se é por causa de eu ir contigo e gastarem mais dinheiro em gasolina por causa do meu peso, espera que eu receba, que quando eu receber eu dou-te o dinheiro da gasolina e quero ir ver a menina”. Ela diz que a menina está bonita, mas tenho tantas saudades dela! Essa irmã dela, deu-lhe uma dor da barriga e eu disse: “Então Lara anda ali, á tua filha”, que a barraca dela era ao lado da filha. Estava com a garrafa de vinho e com patas de galinha cozidas a comer! Galinha cozida, assim de água e sal, que ela gostava muito de estar a comer aquelas coisas assim, por isso é que ela juntava dinheiro. E então: “Não tenho mais nada que fazer!”. Vi a rapariga tão mal que fui a uma

vizinha que tinha telefone e chamei a ambulância. Fui eu com ela para o hospital, nesse dia nem tinha dinheiro para comer, julgando que ela ia comigo! Antes não podiam entrar acompanhantes dentro das urgências, eu não entrei lá dentro mas estava lá uma médica minha conhecida que também tinha morado na Duque d'Ávila, andava a estudar ainda para médica, ela e o irmão, mas o irmão era para cancro e ela para clínica geral, e então ela disse: “Olha Alice, se tu demorasses mais um quarto de hora com a tua filha” (eu disse que ela era minha filha), “ela morria, que é uma *apêndice* [apendicite], mas já é uma *apêndice* muito adiantada que já tem que ser de barriga aberta”. Eu eram sete horas de noite disse: “Olha Clara, eu vou a casa ver se a tua mãe me empresta dinheiro, para o meu Ricardo ir fazer comer para os miúdos”. Fui lá a casa pedir à mãe dela dinheiro, fui dar o dinheiro ao meu marido que foi comprar o comer, ele é que ficou a fazer o comer para os miúdos. Eu cheguei a casa eram quase três da manhã! Ela ficou logo internada.

Outra miúda também filha dela, a mesma coisa, também fui interná-la. A outra irmã dela que era a Isa, também esteve muito *malzinha*. No tempo da Asiática, que era uma gripe muito má, eram proibidas as visitas aos hospitais, as pessoas podiam ter mal e levar para dentro para os doentes, fossem crianças fossem adultos, foram proibidas as visitas. Eu nessa altura andava muito doente, tinha uma mancha num pulmão e ia buscar ao sanatório da Ajuda, a *terromicina* [referência a vacina] para a tuberculose. Ia para ser internada que não havia meio de melhorar nem com a *terromicina* que era melhor que a *aprocilina* [referência a vacina]. E então fui com ela ao hospital para falar com o doutor. Estava cá em baixo e passou uma criança, muitos médicos e enfermeiras para dentro de uma casa muito escura. Disse assim para ela: “Esta criança vai é morrer”. Era a irmã dessa tal miúda. Falei com o doutor e mandaram-me subir a escada, ela ficou cá em baixo. Foram falar comigo três doutores, comecei a dar explicações porque sabia, estava dentro do assunto, então ele começou a dizer: “Quer ver a sua menina?”. “Quero”. Fui lá dentro mas fiquei cá fora. A mãe estava cá em baixo. “Senhor doutor salve-me a minha menina, que eu vou ser internada também, se eu morrer que a minha menina seja salva”. Eu gostava muito dela, era com se fosse quase minha filha, percebe? E então ele disse: “Olhe, já não há meio de descobrir, em princípio sei que ela tem barriga de água”. Tinha a mesma doença que o meu filho tinha, barriga de água, pulmões, muita doença. “A senhora contagiou-a”. E eu fiquei calada, não podia contagiá-la, porque ela tinha contacto comigo mas eu não era contagiosa, tinha era uma mancha no pulmão. E então: “Olhe, vem um médico de fora para ver a sua menina, a gente vai fazer tudo por tudo para a salvar”. E foi verdade, salvaram-na. Hoje é dona num restaurante, está rica, no outro dia disse-lhe: “Vocês são ingratas pá!”. Apanhei todas! A Clara, a irmã dela que também teve um

calo na mão, fui com ela para o hospital para o tirar, a mãe não ia com elas! Disse-lhes: “Vocês não quero que me dêem nada mas pelo menos no dia de S Pedro que faço anos, que é um dia que não é esquecido, é do dia de S Pedro, dia 29 de Junho, que eu faço anos ou pelo Natal, irem-me dar um beijinho! Não me dêem nada mas vão-me dar um beijinho! E comecei a chorar danada, “você tem razão tia Alice, tem razão”, “as razões, eu não vou lá com razão, vou lá com carinho!”, “ai desculpe”, “as desculpas não se pedem evitam-se!”. Eu assim para elas: “Não pensem que eu quero que vocês me vão dar dinheiro ou que me vão dar alguma coisa, não têm nada, eu quero que vocês me vão dar um beijinho, para eu me lembrar que vocês se lembram de mim...pelo menos as tuas duas irmãs, esta a Regina e a Clara, em cima do médico e de Deus agradecem-me a mim que fui eu que as levei para as salvar, isso é tudo da vida”. E o irmão dela, que é um grande bêbado, chamava-me mãe. A mãe tinha um grande ciúme, dizia: “Olha a mãe vai-se embora”, bem se ralava ele! Quando eu dizia: “Olha a mãe vai-se embora”, chorava! Fui morar para a Trafaria, chorava de noite e dia, noite e dia eu chorava pelo meu menino! É às vezes até finjo que não o vejo.

O meu marido queria comer e não conseguia, dizia: “Não queres ir para baixo mas vais!”. Tinha impressão que era uma pressão nervosa, que ele nunca foi doente. Depois ia às urgências ao Pulido Valente, até que o médico o mandou fazer um exame, fui à consulta com ele para saber o resultado, mas ele estava muito inquieto, que aquela doença fazia-o ainda pior que aquilo que ele era. Eu assim: “Tu estás muito mau pá, ainda estás pior que aquilo que eras, rabugento”. Não queria esperar, queria passar à frente das pessoas todas eu assim: “Oh Ricardo não pode ser!”. Depois ele foi lá dentro e veio: “A médica diz que eu tenho que ser internado, tenho que ser operado, tenho uma pressão nervosa”, ele julgava que era uma pressão nervosa. Depois fiquei lá com a médica e ela disse-me: “O seu marido tem um tumor”. Eu chorei todas as lágrimas, “Estás a chorar porquê?”. “Tu teres que ser operado, então não é de ter pena não?”. “Já viste, é só uma pressãozinha nervosa isto cura, porque já têm sido mais operados e ficam bons”, disse ele. Cheguei a casa, ele saiu à praça, que eu não lhe fazia comer, não lhe fazia nada, estive cinco anos a viver na mesma casa mas não dormia com ele, não fazia nada. Então disse às minhas filhas: “Ai minhas filhas, olha o pai”, contei, começou logo tudo a chorar, e eu disse: “Olhem não chorem que ele não sabe”. As filhas davam-se bem com ele, mas às vezes deixavam de lhe falar. O meu marido era uma pessoa muito educada, ignorava o escândalo, mas quando trabalhava no vazador, vinha para baixo bebia uma cerveja, depois ia com outro para cima, depois ia para baixo, e foi assim que ele se habituou, porque nem bebia vinho nem nada às refeições, habitou-se a ser assim. Eu não lhe fazia comer e ele é que lavava a roupa. Parece ele que estava a adivinhar, dois meses antes de

ficar doente chegou ao pé de mim e disse: “Vamos fazer as pazes”, eu: “Eu não, para quê, para voltar ao mesmo?! Não, deixa-me estar como estou, deixa-me estar assim, a tua filha faz-te o comer, lava-te a roupa, deixa-me estar sossegada”. “Anda, juntas a tua reformazinha com a minha, é *piquena* mas para os dois dá, eles já são grandes que se governem”. Eu não quis. Depois ele tornou outra vez: “Vens?”, eu dormia com a minha filha, estava deitada e ele foi bater à porta do quarto: “Então não vens dormir para o pé de mim?”. E eu não fui por causa do respeito, agora não há muito respeito mas havia. Não fui porque já não dormia com o meu marido há cinco anos e pensei assim: “Vou dormir com ele hoje, amanhã não encaro com os meus filhos, porque eles sabem que se dormir com o pai que fui fazer coiso não é?”. Quando soube o que ele tinha desafiado eu a ele! Eu assim: “Bem, ele pediu-me e eu sei que ele vai morrer vou-lhe fazer a vontade olha, seja o que Deus quiser. Os meus filhos já sabem que ele é meu marido e coiso”. Ele era muito católico, diz para mim: “Não filha, agora não, depois da operação está bem, que eu não quero fazer agora pecados”. Eu também sou católica, não quero outra é a minha. Não vou à igreja, se for a um funeral ou isso vou, por qualquer coisa vou a um casamento ou isso mas ir assim de propósito à igreja não. Tenho a minha igreja, o nosso Senhor do Sagrado Coração de Jesus assim grande em pedra à minha mesa-de-cabeceira e a nossa Senhora de Fátima. Tenho a minha religião mas não é de andar em igrejas. O meu marido quando era vivo, rezávamos o terço todos os dias com ele... todos os dias, e antes de comer rezávamos, era já hábito. O meu marido esteve preso sete anos e meio, eu não o conhecia, ele era muito vadio, perdia noites. Foi apanhado num banco no Rossio a dormir de madrugada, e quando as pessoas eram apanhadas assim iam presas, eram dados como vadios e como assaltantes. Lá dentro foi sacristão da igreja.

O meu marido queria engolir e não engolia, o comer saía fora porque o esófago estava apertado, estava fechado. Então eu trazia lá sopinha, passava tudo para ele beber com uma palhinha! Depois ainda passava tudo com o passador do chá. Ia levá-la ao Pulido Valente, eu lá disso não tenho remorsos, fazia sempre tudo por ele. Ele estava numa cama muito grande. Quem o operou foi o doutor Fernando, que a primeira fraldinha que sujou fui eu que lavei e também a roupa de parto da mãe dele, lá da Av. Visconde de Valmor, ele nasceu na Penha de França, eu ia lá todos os dias buscar a roupinha para lavar. Ele disse-lhe: “Santos, se você gosta de dobrada e bacalhau, só depois da operação!”, ele estava com muita fé de depois da operação comer todo contente. Morreu, passado quinze dias da operação. Estava um preto na enfermaria dele que fez a mesma operação que ele e demorou-se muito e ele assim: “Epá, aquele está a demorar-se tanto, já estou mas é com uma certo coiso...”, e eu assim: “Então estas coisas demoram muito!”. O homenzinho morreu também e ele pediu ao médico para

deixá-lo ir ao funeral, o médico disse que não, e ele foi na mesma! Tinha lá a roupa e foi. No funeral, onde foi o colega sepultado, foi sepultado ele também, mal sabia ele que ia para aquele coval. O médico veio ainda com a bata verde e disse: “Estou muito cansado, mas tirei-o!”. Há uma vizinha minha que mora aqui no prédio da minha filha que morava na Musgueira ao pé da gente e que depois nos disse, que ele tinha tido uma embolia cerebral porque se tinha enervado com a enfermeira. Porque diziam que eles depois da operação estavam ali oito dias, ele já estava há quinze nos cuidados intensivos. Fui vê-lo de manhã, ia todos os dias de manhã ver como é que ele estava e vinha-me sempre o enfermeiro ou essa minha vizinha, empregada ainda hoje do Pulido Valente. Naquele dia cheguei e ninguém me aparecia. Tinha estado de véspera a vê-lo, com os meus filhos, estava ele a ler muito bem... muito cansado, não falava, não podia falar mas... sentia-se que ele estava cansado. Bati à porta, depois vi tudo a fugir para trás de um taipal que tinha lá dentro coisas de reclames e disse: “Ai meu Deus não estou a gostar nada disto”, depois então lá veio a Inês, e outra colega dela falar comigo: “Venha cá”, eu assim: “Ai, diga-me de uma vez para sempre”. Eu tinha sessenta e um anos, tenho oitenta e quatro, isto foi há vinte e dois ou vinte e três anos. “Você preferia que o seu marido estivesse a comer só coisinha, se alimentar por uma sonda isso tudo?”. “Eu gostava, antes o queria ao pé de mim assim”, eu já me tinha esquecido do que ele me tinha aprontado, e diz ela assim: “Não queria não que era horrível para ele, ele com fé de ir comer, uma dobrada, um bacalhau assado e agora ser alimentado por uma sonda, está a ver o que era! Você também não pode ser egoísta”. Começaram-me a preparar, ela disse: “O seu marido morreu”, comecei logo a gritar, a chorar, meti tudo para trás das costas, apesar de tudo era pai de dez filhos. Elas vieram-me trazer a casa porque eu estava sozinha.

Tinha uma irmãzinha na Musgueira que queria que eu fosse fazer um livro com ela, contar a minha história, depois essa irmã teve uma trombose, morreu coitadinha. Se eu fosse fazer um livro dizia assim estas coisas.

Sofro muito porque tenho este meu filho. É muito ordinário, chega senta-se no sofá a ver televisão. A gente mal se fala, se a gente não fala ele também passa do pé de mim se lhe der para falar fala, se não lhe der para falar não fala também. Eu não me dou mal com ele! É ele! Às vezes digo isto, digo aquilo, quando falo para ele. O rapaz, não sei o que é que foi, tomou-me raiva! Não sei porquê, tenho o meu neto que adoro, o filho dele que mora aqui comigo. Ele vem para aqui para o pé de mim, ele não me nega, ver televisão. Vejo as duas novelas portuguesas e ele está ao pé de mim a ver. A minha nora é boa para mim. Ele era tão meu amigo e mudou. É uma loucura para a mulher! As minhas filhas dizem: “Será que ela foi fazer alguma coisa a ele?”, que ele andava sempre: “Mãezinha isto, mãezinha aquilo”.

Quando eu estava doente também não me largava e agora é assim. Será que ela com ciúmes fez alguma...eu não me acredito mas às vezes... sei lá... há coisas que a gente tem se calhar que acreditar. E então mudou como o dia da noite, no outro dia estava ali a arranjar o estore e eu ali sentada, estava o meu neto aqui ao pé de mim e ele aleijou-se e diz assim: “Por causa desta grande...aleijei-me!”, e digo assim: “A mãe não estava ao pé de ti filho como é que fui eu que te aleijei?!”. Dá-me um grande soco. Depois agarrou nos coisos e disse: “Faça-me aqui um...”. Eu não disse à minha filha mais velha que mora na costa, se eu lhe dissesse ela era um homem, porque ela via a judiciária a bater aos drogados, tinha muitas pena dos drogados e virava-se aos agentes à pancada! Agora desde que eu estou assim doente, ela vem cá quase todos os dias quase mais o meu neto, mas ela também sofre muito com o marido também é um malandro, rompeu-lhe o tímpano dentro do ouvido com um soco, fui com ela a semana passada para as urgências, os médicos não sabem se vale a pena ser operada ou não. A segunda vez, já não me lembro porquê também me deu um grande empurrão que eu fui, se não me agarrasse com as mãos, batia com a cara no alumínio. Não sei porquê, que ele não era assim! E mesmo assim passa: “Então filho?”, ainda sou assim para ele... podia dizer que eu era má, não sou má mãe, não sou má avó, adoro os meus netos todos, faço por eles tudo o que posso. Fico como encarregada de educação deles.

Tenho uma neta minha que anda a trabalhar nos produtos das pessoas para emagrecer e para engordar, que é uma santa, é uma santa! Tenho pena, ela queria-me ao pé dela mas por causa do filho que tem ataques é que eu não vou. Essa minha filha quis-me levar a Sesimbra, com um casal amigo, a mim também e ao João. Por causa dele, eu não saio daqui para lado nenhum. Porque este meu filho é um alcoólico crónico. Sem vinho é um santo, uma jóia. Quando eu estou doente leva-me uma torradinha à cama e um cházinho. Agora com vinho é muita mau! Não me bate que eu tenho pulso para ele. Fui com ele ao médico, passar a reforma dele para lhe tirar o rendimento mínimo. Disse à assistente social para lhe tirar o rendimento mínimo que é só para o vinho e para o tabaco. Recebe trinta e cinco contos, vai pagar a quem lhe fia. A assistente social disse: “Olhe dona Alice eu não lhe posso tirar porque ele tem doenças crónicas”. Há pouco tempo deu-lhe um ataque tão grande que ficou internado. Tem parte das células da cabeça apanhadas. Ele tem ataques epilépticos alcoólicos. Se deixar de beber não precisa de tomar os comprimidos, fica bem, que ele tem que tomar três comprimidos por dia. Mas agora o último ataque que lhe deu, foi porque durante uns tempos, apanhou uma data de bebedeiras seguidas, esteve dois dias sem beber, e o ataque deu-se porque estava com falta de álcool.

Era feliz quando o meu marido morreu, digo assim: “Graças a Deus, vou ser feliz na vida”, não fui, tenho este filho, não me bate, mas ando sempre com medo que ele me caia De vez em quando vêem-me chamar que ele está com os ataques, cai, todo ele é sangue... mas das pancadas não tem nada. Fizeram-lhe um taque à cabeça, não tem nada, tem é do álcool. No outro dia disse-lhe para ele ir tirar o IRS, os pais são obrigados a sustentar os filhos até serem menores, agora há uma lei que os filhos são obrigados a sustentar os pais quando eles não têm.

A minha neta esteve cá, foi-me comprar o remédio que eu já não tinha. Ela, tadinha também não pode. É casada, deve estar a pagar o andarzinho dela. Eu não jogo, o meu dinheiro não dá para jogar, mas se eu um dia o coração me puxasse para jogar e me saísse, enquanto os outros levavam mil, ela levava cinco mil! Eu tenho dito aos meus netos todos e às minha filhas, é uma santa, ela é que me tem acompanhado aos pensos. No outro dia levou-me para a casa onde ela trabalha, fiquei no carro, eu estava com dores: “Ó velhinha anda comigo”. Fui eu a encarregada de educação dela. Não pode ter filhos, tem quistos no ovários... tem um desgosto! Tanto que ela foi encarregada de educação e deixou de ser por não conseguir ter crianças. Não fala com o tio, parte dos sobrinhos não lhe falam, nem a minha filha lhe fala. E não sabe que ele que me fez essas acções e que me bateu, só que me tratou mal e me chamou....

Já estive presa por causa dele. Tinha sessenta e nove anos! E não sabia onde era uma prisão! Prenderam-me porque o material estava lá em baixo e eu estava sozinha em casa. Não tinha um retrato meu, não tinham nada tirado. Mas a consciência roeu-lhe e foi dizer que não era meu, que era dele e eu vim-me embora. Estive muito mal lá, tive uma infecção do pulmão com quarenta de febre. Estive no Hospital de Cascais internada. Apanhei a doença dos ossos lá. Eu era querida de toda a gente! Pelas pretas, pelas ciganas, pelas brancas, eu era avó delas todas., nunca me faltou lá nada. Não fechavam a minha porta, porque às sete e meia de verão e de Inverno são fechadas. Tive o princípio de uma congestão, estive mal, as guardas não me deixaram, toda a noite, deram-me coisas, sujei-me toda e elas ali ao pé de mim, eram todas muito minhas amigas. Mas foram. cinco meses e nove dias. O advogado officioso fez três papéis para a advogada me deixar aguardar julgamento em casa. A advogada disse sempre que não, porque eles queriam-me obrigar a dizer de quem era... e qual é a mão que acusa um filho!? Só uma mãe que não seja boa não é? E eu pensava: “Como sou velha não tenho cá muito tempo e ele tem”, ele esteve lá cinco anos. Estava lá uma senhora com oitenta e tal anos, uma holandesa! Foi apanhada com vinte quilos de coca! Vinha de lá para cá. Ela dizia para mim: “Mamã, se me for embora e me derem para eu vender eu continuo na

mesma"...com oitenta e tal anos...pintava-se, toda arranjada. Eu ia muito mal, andava sempre a tremer, até a doutora disse para a mulher polícia: "Esta senhora tem que cá ficar internada, que nós não podemos fazer exame nenhum, esta senhora tem quarenta de febre!". Fiquei internada, nem ficou a mulher polícia comigo nem nada. Elas ficam ao pé das presas, mas não ficaram ao pé de mim. Eu vinha cá fora, vinha com elas buscar os produtos para a loiça e para o chão, mesmo encostadinha ao muro, eu via as pessoas passar, se quisesse fugir tinha fugido. Não fugia, não era porque não tivesse vontade mas dizia: "Vou fugir para quê? Assim é pior". Ia ao Sr. Doutor António, que é bispo de uma igreja qualquer, já era um senhor de idade. As guardas ficaram tidas admiradas como é que o senhor doutor António, até mesmo com a própria juíza...depois as mulheres polícias é que me contaram: "Sra. doutora juíza venho aqui por uma doente que tenho com uma certa idade, a minha doente, está muito doente, está com muitos problemas, já teve uma infecção do pulmão que apanhou cá, traz uma pressão nervosa muito grande, está com doença de ossos. Se a Sra. doutora juíza não lhe der alta, alguma coisa que aconteça aqui que ela morra, levantamos um processo contra a Sra. doutora juíza". Ao outro dia fui chamada. Eu nem ouvia chamarem-me, uma colega minha: "Alice, estão-te a chamar para ires ao escritório, para te ires embora! Elas já sabiam, nem estava com vontade nenhuma, estava a pensar que era mentira, pensei: "Bem vou-me embora, o meu filho já não entra". Diz assim a dona Sara, a chefe: "Anda cá, senta-te aqui chorona, que andas sempre a chorar, és uma chorona". Eu não comia, não queria comer. "Tu queres ir para casa?", e eu disse: "É o que eu mais desejava dona Sara". "Então vai lá, vai lá arranjar as tuas coisas". Quando vai uma pessoa para a rua é tudo gritos: "Boa! Boa! Boa!", então agarraram-me ao colo, não havia meio de me largarem, era tudo comigo ao colo no ar, tudo contente de eu me vir embora porque elas estavam muito revoltadas de eu estar lá. Vim-me embora, mas com prisão em casa até ao julgamento, não podia sair à rua, estive um ano em casa. Depois do julgamento fui absolvida!

Depois um dia veio cá o Sr. Comissário e disse: "Olhe, depois da polícia vir, saia, não vá para longe daqui, mas saia". Mas eu não saía, estava sempre com medo. Era a prisão de mulheres em Tires. Está lá agora uma prisão feita de novo para as mães. Estão lá as crianças até aos três anos. Mas ao fim de três anos, é quando estão a precisar mais vêm para a rua! Deviam de lá estar até à idade de virem para a escola. Mas eu não acho bem também, não fizeram mal a ninguém...mas têm as educadoras, não estão lá dentro, estão no infantário. E depois à noite é que vão para o pé das mães. No outro dia fui lá ver uma rapariga amiga, e aquilo está tudo mudado. Agora o pavilhão três é de homens. Agora há o pavilhão um e o pavilhão dois. Mas meu Deus eu nunca julguei na minha vida, ao fim de tanto tempo... eu

dizia: “Graças a Deus não sei onde é que é uma prisão, nem sei onde é as *mónicas*” [prisão de mulheres em Lisboa]. Ele teve para ter cinco anos, mas só lá esteve quatro. Vinha a casa, os presos agora saem à quarta pena, por exemplo, apanha cinco anos, saem aos três anos e meio mas com apresentações às assistentes sociais, e vêm a casa. Agora há uma rapariguinha que há-de vir cá a casa seis dias, com ordem do juiz. Depois com ordem da directora é quarenta e oito horas.

Esmolas, hoje não tenho nenhuma, tenho uma irmã que vem aí, agora já há muito tempo que cá não vem, vinha-me trazer comer, arroz e umas coisas assim, pelo natal trouxe-me muita coisa. Se o colégio ao pé do Restelo estiver em obras não vem, porque ela levou as irmãs velhinhas todas para muito longe. Estas irmãs foi por conhecimento da assistente social do meu filho João, quando lá estava internado. Dava-me muita coisa, vinha aqui quase todas as semanas carregada com dinheiro, depois foi para fora... foi para madre.

Vou agora aos Algarvios, ao pé do governo civil, só pelo natal, dão-me um cestozinho de mercearia. Pelo natal dão assim essas esmolinhas. Agora o que tenho é o centro dos Algarvios, a irmãzinha, a dona Isabel., a dona Isabel também é muito minha amiga não desfazendo... essa então não se fala. Já me tem pago a luz e a água, muita vez.

A doutora Sandra, que agora está no colégio, tinha-me escrito uma carta mas foi devolvida, depois eu lembrei-me e fui ter com a menina porque ela é catequista ali da igreja Universal do Reino de Deus. Depois eu disse: “Oh doutora Sandra a menina não sabe o nome da escola onde a irmã estava?”, “Sei dona Alice...”, depois nunca me lembrei. Fui lá e falei com uma irmã que lá estava: “Olhe a irmã que dava as coisas não está cá, mas vou-lhe dar uma coisinha”. Deu-me assim umas coisinhas da cozinha, comer e isso. “Depois venha cá amanhã, que eu vou dizer à irmã que a senhora veio cá” e eu fui lá, e a irmã começou-me a ajudar, a trazer roupinhas para os miúdos, roupinhas para mim, coisinhas assim, começou-me a trazer assim uma coisinha. Pagou-me a renda, que já devia duzentos e tal contos, já estava em tribunal, eles não estavam cá a morar comigo, estava sozinha aqui na Musgueira. Já tinha ido à advogada, que me tinha posto a pagar um mês sim um mês não. Como é que eu podia pagar, não chega a quarenta contos que eu tenho de reforma. Ainda tiveram pena de dar vinte cêntimos, para completar os quarenta e dois contos. A segurança social até teve pena de me dar esses vinte cêntimos. Agora como é que eu podia pagar água, luz, renda, gás, às vezes acaba a bilha de gás. Fico aqui sem gás, é pelo gás da companhia, a minha nora agora vai pôr gás da companhia, depois tenho que lhe dar alguma coisa par lhe ajudar. A luz e a água não pago que ela não quer, pago é a renda. Atrasei-me, já estava em tribunal, já tinha ido à juíza e disse: “Oh senhora doutora juíza está-me a pôr para pagar os meses, assim, vai sendo a

mesma coisa, como é que eu tenho, se eu não posso pagar metade com é que posso pagar os dois terços?” Não é muita renda, bem, são quase dez contos, para mim é muito, já fiz uma carta para me derem outra casa mais pequena, se eles se forem embora. Eu devia duzentos e tal contos mas tinha que pagar oitenta logo de uma vez. A irmã veio aqui e disse-me que era uma casa muito bonita e então: “Nunca se deixe atrasar na renda”, “Ai irmã é isso mesmo que eu estou atrasada”. Não me queixei a ela, ela como falou....“Então quanto é que deve?”. Eu fui levar o papel que tinha da advogada que é ali ao pé do Marquês de Pombal, ela viu e disse: “Deixe ver que eu vou-lhe pagar isso”. Depois quando veio cá passado quatro: “Já está pago”, e eu disse: “Olhe irmã, obrigadinha, eu quando melhorar a minha vida eu pago-lhe! Ela começou-se a rir: “Mas já está tudo pago, paguei duzentos e tal contos já tem dois meses e tal adiantados pagos!”. Agora está-me sempre a perguntar: “Então a renda está em dia?” eu digo que sim mas não está. Já estive quase a oitenta contos. Quando receber os dois mesinhos do natal, já vou dar alguma coisa à conta...mas como é que eu posso estar a dar dezasseis contos se eu tenho não chega a quarenta, é que tenho que pagar, dois meses, o mês que vem e o mês atrasado, já me lembrei ir ao Luís Goucha, ver se eles me ajudavam pelo natal, mas tenho vergonha de estar a mostrar a cara. Ajudam muito, mas o que era eu lá ir... Esta gente toda, aqui dos prédios é tudo barraqueiras, tudo gente de barracas! Mas eu acho que eles tapam a cara. O nome tenho que dar, mas Alices há muitas.

Houve um ano pelo natal, que eu estava aqui, não tinha nada para comer, fomos todos cedo para a cama sem comer, eu e os meus miúdos. Diz a minha menina que tem dez anos: “Estás a chorar porquê?” eu disse: “Ai dói-me tanto a cabeça”, “És mentirosa! Não tens comer, a gente vai para a cama já não temos fome!”. Eram dez e tal da noite, o meu filho estava internado no Pulido Valente estava muito mal, ligado à máquina, eram dez e tal tocaram-me à campainha e eu assim: “Ai credo, quem será a esta hora?”. “Senhora Alice, é a assistente do Pulido Valente”, “Ai senhora doutora pela sua saúde!”, porque eu julguei que ela me vinha dizer que o meu filho tinha morrido. “Não tia Alice, não é nada com o João! O João está bem já lhe desligaram a máquina!”, “Ai doutora está a falar verdade?”, “Estou, abra lá a porta, mas vem uma pessoa comigo, ela pode entrar?” “Todas as pessoas que venham com a doutora podem entrar”. Era essa tal irmã, a primeira que se foi embora, veio carregada, bacalhau, muito bacalhau, bacalhau! Dois garrações de azeite, uma garrafa de óleo, um bolo-rei muito grande, broas de milho, broas de outras boas, eu disse: “Oh meu Deus! Deus mandou o menino Jesus para aqui!”. E deu-me cinquenta contos em dinheiro. Eu estava atrasada da luz e da água, e fui pagá-las. Entrou-me o menino Jesus pela minha porta dentro, uma alegria! Eles coitadinhos levantaram-se todos. Dias difíceis que eu tive na minha vida,

para criar os filhos e depois os netos.... Passei tanta fominha para criar os meus filhos, tanta tanta tanta! E para os meus netos também. Às vezes a minha vizinha a dar-me comer e eu a ver se eles deixavam um bocadinho de comer para mim, “Oh avó então não comes?”, “Não a avó não apetece, estive à bocadinho a beber chá.” Eu a ver quando é que eles ficavam satisfeitos e deixavam. E eles coitadinhos também tinham fome, comiam tudo e eu pronto, mais um dia que eu vou para a cama com chá.

Muita fominha que este corpo passou, tenho passado muito. Deus sabe o que eu tenho sofrido! Eu esperava agora com a idade, ao menos ter uma velhice com saúde. Já não me apetece sair, se eu fosse, a casa de senhoras que me ajudavam, eu trazia sempre dois, três contos. Tenho uma senhora que quando eu lá vou o mínimo que me dá é quatro contos. Mas é em Arroios, tenho que descer no Chile, ao pé do hospital, depois ao pé da igreja de Arroios ainda tenho que subir novamente. Tenho pessoas que me ajudavam muito. Já tenho escrito para algumas a dizer que ainda não morri. Depois dão-me coisas que são pesadas e eu já me custa agarrar o pesado, complica-me muito com a coluna, e eu tenho uma hérnia já muito grande. Era do tamanho da cabeça de um dedo. Nunca fui mostrar ao médico, só aqui há tempos que estive muito mal, fui para as urgências e o médico disse para a minha filha: “A sua mãe tem que ser operada a isto, se *arrebentar* para fora, ainda está bem, agora se *arrebentar* para dentro é a morte dela”. Às vezes vou no autocarro, até tenho vergonha que as pessoas julguem que é outra coisa. Isto rrrroooooommmmm roooooom faz um *roncone*!

Tive um neto que morreu com Sida, não era filho de ninguém dos meus, foi namorado de uma neta minha, *enganou-a*, mas ainda não tinha sida nem se drogava. Começou-me a chamar avó e eu comecei-lhe a ter amizade, veio para o pé da gente, mas quando descobri que ele tinha a sida, a minha neta ainda namorava com ele. Disse-lhe: “Vais acabar o namoro com o Lino”. “Oh avó tenho pena, eu não tenho assim aquela coisa mas tenho pena de acabar o namoro com ele”. “Vais agora e vais já!”. Ninguém convencia a Carla a acabar o namoro. Ela morava na rua da Palmeira ao pé do príncipe Real”. A minha neta fez uma data de exames, quando *foi enganada dele*, ele não se metia na droga ainda. Então à esquina da rua onde ela morava, foi ter com ele e disse-lhe: “Lino a partir de hoje não falas mais para mim, nem quero, porque eu já tenho outro homem, outro namorado na minha vida”, (não tinha). Veio a correr, agarrou-se a mim a chorar. Mas foi sempre muito amiga dele, foi ao funeral, vai à campa dele, por flores e tudo. A minha neta já casou. Ele era tão lindo!

Quando fui buscá-lo ao hospital, estava bem. Começou-se a juntar com os outros outra vez, pronto. O médico disse: “Lino, se tu não te meteres na droga, podes morrer daqui a trinta ou quarenta anos e não ser por isso”. Porque ele não sabia ainda se era portador ou não.

“Agora se tu te meteres na droga, não tens mais do que um ano”, e foi verdade. Quando morreu, eu estava internada e as pessoas contavam-me que ele chorava: “A minha avozinha! Faz-me tanta falta a minha avozinha.” Ele não andava, eu e a minha filha é que o pusemos a andar. Levávamo-lo ao café da Musgueira, uma em cada lado a agarrar, ele arrastava os pés mas depois começou a andar. Se soubesse não o tinha posto a andar, que ele já não saía para lá. Eu era querida dos médicos e das enfermeiras, ninguém se acreditava que ele não era do meu sangue, ia todos os dias da Musgueira a São José, vê-lo lá carregada e tudo. A primeira vez que o fomos ver fui mais a minha neta, até fecharam as portas, já era tarde, ficámos fechadas lá dentro na enfermaria, estávamos aflitas para irmos abrir o restaurante para o jantar. O restaurante já fechou, não dá nada. Saiu de lá o correio da manhã. Havia aqueles jornais todos, saíram dali, aquilo morreu.

A minha filha tem muita dificuldade também, tem tanta dificuldade que lhe vão dar o rendimento mínimo. E tenho o meu neto, fez o 12º desistiu, e agora vai para a faculdade privada porque não teve notas para a pública. Não sei se é jornalismo se é aquilo de compras e vendas. Gostava de ser jornalista da bola. Foi-se inscrever para a polícia, não era para ser polícia mas era para continuar os estudos. O comissário disse: “Olha Renato tiveste azar, não tiveste um empurrãozinho...”. Ele ainda não tinha os dezoitos anos feitos, faltava-lhe um mês, já tinha feito o 12º! Se ele agora não foi porque não tínhamos o dinheiro para pagar as propinas.... Esteve agora a trabalhar, estava com baixa, da caixa geral de depósitos, se não fosse estudar ficava lá. Enquanto não conseguir aceitam-no lá, gostam muito dele. Arranjou lá uma namorada, é alto muito bonito, é magro que ele não quer ser gordo! Tem umas pernas como o tio tinha.... Chega a casa: “Então velha?”. Vai-me beijar: “O que é que estás a fazer para o comer?”, “Quando fores para a mesa vê o que é!”, “Diz lá, está a cheirar tão bem...”, depois eu digo-lhe. Nunca saía de casa, agora há um ano para cá desde que foi trabalhar para ali é que ele já sai com os amigos. O filho da minha nora, tem um computador, põe-se ao pé do primo com um computador.... É muito sossegadinho e muito vaidoso, agora tem as sobancelhas muito carregadas, não quer. Até digo assim para ele: Olha, tira-os também de outro lado! Porque é que não tiras?”, “Ó avó, és muito mal criada!”. É muito asseado, uma figura bonita. Ele tem pena de deixar aquilo mas ele quer seguir e as pessoas dizem-lhe: “Ó Renato, tu tiveste uma educação boa, agora é pena tu não seguir”. Agora quer que eu vá a um liceu, falar com o conselho directivo, quer ver se o ajudam com os livros. Como é privada, é porque ajudam também. Disseram-lhe da Caixa geral de Depósitos para ver isso, se trabalhar de manhã, e depois estudar à noite. Acho que é sessenta contos por mês que tem que pagar. E para a entrada, duzentos contos. A madrinha deu-lhe metade e ele tem que pagar a

outra. Ele tem muita vontade. A madrinha ofereceu-lhe cem contos e os outros cem contos é para ele, quando trabalhar, lhos pagar.

Recebi uma carta para ser aumentada, depois recebi outra para aumentarem a reforma. Fui à segurança social para a senhora me ensinar como é que se enchia os papéis que ninguém é capaz de perceber como é que se enche.

Passei muito... mas vou continuar a passar...é até Deus crer, pode ser que ainda me dê na cabeça jogar no euro milhões e que me saia! Tenho pensado nisso tanta vez. No outro dia joguei com um numerozinho para ver se me saíam sessenta contos, joguei com o quinhentos e um foi o quinhentos e oito! Eu nunca jogo é raro, mas às vezes quando tenho, vou lá marcar este numerozinho pode ser que me saia e com cinquenta cêntimos saem sessenta contos, está bem sai hoje! Depois fico arrependida de gastar os cinquenta cêntimos, fazem-me falta para outra coisa. Mas antes tinha sorte saía-me dinheiro muitas vezes. Uma vez fui a umas irmãzinhas no campo grande, estava lá um carro parado na parte de dentro e vi a matrícula do carro e disse assim: “Olha se tivesse dinheiro jogava com o número, tirei a matrícula e disse às minhas filhas: “Joguem” e elas: “Ah jogo o quê?”. A minha vizinha foi marcar, saiu-lhe! Do mesmo colégio deram-me uma mala de dar lanches, também tinha uma chapinha com um número, também disse para elas marcarem, não marcaram, ela marcou, saiu também!

Um dia destes fui à caixa do areeiro. Aquelas senhoras conhecem-me todas, por intermédio da dona Helena, que já cá veio à minha casa, trabalha com computadores, com os abonos. Vim-me embora e sinto um bater as costas, eu assustei-me. “Venha ali comigo beber um cházinho”, foi a senhora que dá as senhas, aquelas para não estar à espera, que me chamou. Estava a beber um chá, mandou vir um cházinho para mim de tília, mas eu não gosto desses chás. Gosto de chá preto. Mas soube-me bem. Depois queria que eu comesse uma torradinha ou um bolinho, e eu disse: “Não minha senhora, eu bebo só chá”. Custa-me as pessoas estarem a gastar! Disse-lhe que de manhã como pouco, bebo um cházinho só e mais nada. Ela lá insistiu, insistiu mas eu disse que não. Vou à dona Isabel, estou tempos sem lá ir, ela ralha tanto comigo! E estão umas irmãzinhas particulares ao lado dela sempre a perguntar por mim. Às vezes dão-me muita coisa, mas muitas é fora de prazo, e a dona Isabel: “Não leva nada disto sem eu ver primeiro!”. O que for fora de prazo, fica lá e deita fora. Já me têm dado chocolates, elas dizem que comem, a dona Isabel não me deixa trazer. Às vezes digo assim: “Eu levo dona Isabel! O arroz não faz mal”. “Faz mal, não queira matar os seus netos”. Aquela senhora tem sido uma mãe para mim. Toda a confiança que faz em mim, cai-me muito bem. Vai para as outras casas, vai à casa de banho e eu fico ali sozinha, e ela tem uma riqueza, a casa dela é uma riqueza. Só isso para mim é tudo da vida. No outro dia uma

senhora da paragem do autocarro, disse se eu queria ir a casa dela, mas aquela riqueza toda é demais...uma caixa que me mostrou com ouro! Tanto ouro! Depois disse-lhe: “A senhora não faça isso!”, que ela já é uma senhora de idade mas é muito galdéria, gosta muito de sair de ir passear. Agora era para ir a casa dela, ela encontrou-me e disse: “Nunca mais lá foi!” é a tal coisa, eu quero ser desejada e não aborrecida, que há pessoas que quando ajudam, não largam as pessoas da mão, eu não gosto de ser assim. Quando eu às vezes ajudava pessoas, aquelas que me chateavam demais hoje e amanhã, eu também ficava chateada e acho que as pessoas é assim que acontece.

Tenho uma filha presa porque deu uma tarefa à amante do marido, deu-lhe uma facada na cara. Mas hoje vem a casa seis dias e vai trabalhar para um restaurante. Vai dormir à prisão, mas já sai para o mês que vem. Mas eu estou consolada, foi apanhá-lo a ele com ela na mesma cama onde ela dormia com o marido! E ao marido deu-lhe uma nas costas e deixou-o. A minha filha vai trabalhar num restaurante para o patrão onde trabalhava, ele espera por ela, escreveu uma carta para lá a dizer que lhe dava trabalho.

Como sei fazer de tudo graças a Deus, rissóis, croquetes, sei fazer isso tudo. Agora não posso fico, nem vou fazer. Faço um cozido à portuguesa que é um espectáculo, esta senhora que mora aqui, as vezes: “Oh tia Alice hoje tenho um cozidinho”. Gosto muito de pôr aqueles pacotes de carne, dá muito gosto de hortaliça e não salgo os chispes, lavo tudo muito bem lavado, raspo, queimo se tiver cabelos, que eu às vezes evito comprar, tenho nojo. Ponho o sal da água a cozer. Fica um espectáculo. Faço o comer para as minhas filhas e depois elas telefonam-me: “Ai mãe o comer estava tão bom!” gosto muito de fazer comer, faço uma sopinha muito bem feita há uma pequena que vem ali a casa da minha filha: “Tia Alice quando é que você faz uma sopinha de feijão com lombarda?”. É uma cebola grande, três cenourinhas, um alinho francês e batatas. Depois ponho a cenoura toda picadinha, para dar alegria ao agrião, “Ai tia Alice está tão boa!”. Eu agora é que estou muito calona, o meu genro gostava muito de comer uma caldeirada feita por mim, toda *acamadinha*.

## Anexo B

## Cronograma dos encontros

1ª Entrevista	2ª Entrevista	3ªEntrevista	4ªEntrevista	5ªEntrevista
16/10/07	23/1/07	30/10/07	31/10/07	16/11/07

Nota: A 5ª entrevista foi mais semi-directiva. Todas as entrevistas tiveram a duração de aproximadamente 90 minutos, excepto a 3ª entrevista com a duração de 20 minutos.

## Anexo C

Temas a abordar na 5ª entrevista (16/11/07).

- A infância
- O trabalho no restaurante
- A doença venérea contraída na adolescência
- A separação do primeiro marido
- A doença do segundo marido

## Anexo D

## Entrevistas integrais

## 2ª Entrevista

23/10/07

Pronto, então vamos lá à nossa conversinha...eu tinha outras coisas também que me *alembrei* eu morava em Alcântara a tomar conta de crianças abandonadas e... morei na rua da Cruz, eu morei em Alcântara trinta e tal anos, antes de vir para a Musgueira. Quando vim do Barreiro para Lisboa fui para Alcântara logo. Estive a servir cá em Lisboa, na Avenida Visconde Valmor conhece? Estive a servir lá quatro anos, servi em casa de uma senhora. Quando eu morava em Alcântara, haviam lá três crianças. Aqui era a minha barraca (explica com a mão) e aqui era a deles, e a mãe...o pai foi preso apanhou vinte e dois anos ele e o irmão gémeo pela primeira vez, a mãe como já era de “qualidade” foi para a vida, foi-se tornar prostituta, e eu estive quatro dias sem ver os meninos, eu digo assim: “Não vejo o Armando nem o Vasco, não vejo os miúdos, então, será que ela veio buscar as crianças para as levar para algum lado...?”. Cheguei à porta bati, à porta da barraca dele, ouvi uma voz “Tia Alice!”. “Ai os meninos estão aqui dentro!” Já cheinhos de fome muito aflitos e coiso, até me estou a arrepiar... E então fui, fui buscar os meninos e levei-os para a minha barraca e o meu marido tinha muito bom coração, não era contra eu ir tratar de funerais pela Santa casa, e depois eu tirava subscrições melhorava os funerais nunca gostava que fosse pela Santa casa porque era só o caixão sem a madeira, nunca era contra que eu fosse para o hospital, fosse mesmo, às vezes ia a um sítio: “Ricardo deixas a tia Alice ir comigo ao hospital com o meu filho?” Se eu disser que não ela vai! E dizia eu: “Vou vou”. Até o senhor prior de Alcântara me admirava, queria que eu fosse da conferência do senhor prior de Alcântara, de São Vicente Paulo. Eu hoje estou assim, com um bocadinho coiso da boca estou...de manhã acordo assim sempre (coloca a mão à frente da boca para exprimir que está com dificuldade em pronunciar as palavras). E então fui e levei os meninos para o pé de mim e o meu marido isso era contra de eu levar os meninos para o pé de mim, quantas vezes o comer que era para mim, as minhas vizinhas já sabiam, e eu passava por baixo da mesa às escondidas para os meninos (faz o

gesto de passar a comida por baixo da mesa), até que ele se habituou que os meninos fossem para lá para casa. Nessa altura já tinha quatro filhos, tinha menos um, é aquela mais nova. E então eu andava a vender peixe no Conde Barão, sabe onde é o Conde Barão, São bento, eu vendia aí peixe.

**Eu: Trabalhou num mercado?**

Não, andava na rua, a fugir à polícia como as outras andavam dantes, andava eu e a minha filha mais velha com a caixa de peixe na mão a fugirmos à polícia. Queríamos fazer qualquer coisa honradamente sem envergonhar a casa de ninguém e... mas eu tinha muita sorte na venda, (tosse) desculpe menina. E então comecei a ter lá os meninos, eu fui pá venda, eles depois, comecei a dar de comer, fui inscrevê-los para a escola e então no dia em Outubro que era quando havia as aulas, eles foram para a escola. Depois passado oito dias, eu era visitada pelo director da prisão o... este aqui de Lisboa, da *petenciária*, era visitada por ele, porque estava com os meninos do pré...presidiário (não sei dizer). Ia-me lá levar compras todos os meses era muito querida pelo senhor director e tudo por tomar conta dos meninos. E então eu vou para a venda e quando venho, vejo os três miúdos a chorar, porque a mais velha ia comigo. Os três miúdos a chorar muito e eu assim: “O que foi?, vieram cá umas senhoras e uns senhores e levaram o Armando o Vasco e o luís, foi para um colégio. Eu chorei tanto tanto tanto, meus ricos meninos! Agarrada à roupinha deles e... meus ricos meninos! Então foram para um colégio. Um está na Inglaterra o Armando, o outro foi um infeliz também como o pai. Era esse medo que o meu marido tinha, eu criava-os e eles não serem bons, percebe, era esse medo e então um foi um infeliz como o pai, outro nunca mais soube dele, soube mas depois...o outro em Inglaterra, estava a trabalhar num restaurante ali, no restaurante do príncipe real, foi-me lá visitar, ele a mulher e dois meninos. Esteve a dizer ao dono do restaurante para me dispensar que gostava muito que eu fosse comer à mesa com ele e com a família dele, queriam-me levar, ir e vir para ver a casa dele mas não podia com os filhos... e ele então depois começou-me a escrever, entretanto eu fui mudada para aqui, e a morada para aqui para a Musgueira, a morada desapareceu. Nunca mais soube do Vasco, e então ele é engenheiro não sei de quê. Está bem na vida, ele ajudou-me muito, nunca mais soube, já me disseram para ir ao cônsul da Inglaterra, ao conselheiro ou *consealheiro*, uma coisa dessas que há para aí, por intermédio de conhecer o nome dele todo e coiso, me digam onde é que ele está que ele também deve estar coiso de não saber de mim. A avó dele tinha salvo seja, um cancro, coitadinha, e já dava as injecções de morfina a ela própria. Quando não tinha, ela punha-se da caminha da janela dela: “Alice! Este malvado já me está a comer e eu não tenho injecção!”. Lá ia eu ao bairro de Salazar que era por cima, com a receita, as

senhoras diziam-me mesmo, pedir para me darem o dinheiro para a receita dela. Lá ia eu, quando não tinha dinheiro ia à farmácia, as senhoras da farmácia do Calvário lá em Alcântara já me conheciam, eu trazia a receita e depois ia pagar. Já me conheciam e lá ia eu para ela, às vezes deixava comer por fazer, o meu marido fazia, tratava dos miúdos... lá isso era verdade, era muito mauzinho para mim, mas vá lá isso nunca era contra. Isto dá interesse eu contar?

**Eu: Sim, claro que sim.**

Depois eu conto outras coisas.

Então outra vez, estava a chover daquelas noites, muito mau (isto já não pertence aos meninos isto). Uma noite muito má, eu tinha muito bom coração e ainda hoje tenho, eu se tiver quatro carcaças e me baterem à porta, pedirem-me uma ou duas, eu dou e fico com duas para mim, eu sou assim menina, sempre fui. Então ela, a irmãzinha veio-me cá um dia destes trazer comer, um tacho grande cheio de empadão, carne e isso. Era muito, dividi por uma rapariga que também é solteira e tem dois filhinhos. “Sandra anda cá, pão!”. Trouxe-lhe um saco cheio de pão, dividi por ela, dei-lhe a ela também... o comer era tanto, dividi por ela. Porque eu não deito fora, eu congelo. Quando é assim muita coisa eu congelo. Sei fazer comer muito bom, sei fazer doces e tudo, só que não faço, sabe se eu morasse sozinha era melhor para mim, se eu estivesse sozinha era melhor para mim...

**Eu: Está com o seu filho não é?**

É, ele foi trabalhar. A minha nora está cá, hoje não trabalhou, de manhã foi a folga dela que ela trabalha no Colombo a limpar o salão de Cabeleireiro, o escritório e depois vai para a patroa. Ela hoje está cá, ela sabe que a menina, eu disse: “Olha vem cá a menina”. Eu ontem não quis que a menina viesse a essa hora, às cinco horas, não era por mais nada, era por causa do meu filho...

**Eu: Ah, ele estava cá...**

Ele é muito ordinário e começa logo, chega senta-se no sofá, com as pernas assim (exemplifica), a ver televisão. A gente mal se fala, se a gente não fala ele também passa do pé de mim se lhe der para falar fala, se não lhe der para falar não fala também. Eu não me dou mal com ele! É ele, é ele! Eu não me dou mal, eu às vezes digo isto, digo aquilo, quando falo para ele. Não sei o rapaz, não sei o que é que foi, tomou-me raiva! Não sei porquê! Não sei porquê, tenho o meu neto que adoro, o filho dele que mora aqui comigo. Ele vem para aqui para o pé de mim, ah isso ele não me nega, eu estar a ver a televisão não nega. Vejo as duas novelas portuguesas e ele está ao pé de mim a ver. A minha nora é boa para mim, a minha nora é.

Então o que é que eu ia a dizer... então uma dessas noites muito frias muito de chuva, batem-me à porta da barraca. Eu digo assim “quem será essa hora?”. Abri a porta era um velhinho.

### Isso já aqui na Musgueira?

Não, foi em Alcântara. E então, muito magrinho! Uma barba muito grande... e eu digo assim: “Oh Ricardo, é um senhor que está aqui assim a perguntar onde é que há-de dormir”. Até havia um buraco muito grande que havia uma furna. “Olhe há ali um buraco muito grande onde dormem lá os ciganos”. O homem foi para lá, mas julga que eu que dormi? “Ai Ricardo nós temos roupinha da cama e o homenzinho sem nada! Ele tem uma tosse de fome! Uma tosse tão seca!” Nunca me esquece, tinha sopa de feijão manteiga com cebola picada e batatinha aos quartos e cebolinhas. E pastéis de bacalhau, nunca mais me esqueço do comer. “Deixa o homenzinho vir aqui dormir, está aqui este divã sem ninguém...ele até me chamou um nome: ”Filha da curta!”chamou-me um nome...”Sabes lá se o homem é bandido se não é!? Fazes essa figura!” Eu disse: “Olha eu sento-me aqui toda a noite. Eu não durmo, estou aqui a tomar conta do homenzinho olha”. Eu tinha um fogão de (imperceptível) desses fogões que tinha a caldeira, que tinham a *alga* lá dentro, estava sempre cheio de *alga*. Eu disse assim: “Olhe, como é que o senhor se chama?” e ele: “Bernardo”. “O senhor entre, tem fome? Tenho muita minha senhora, tenho muita e frio”. Tinha lá um pijama do meu marido, mas não havia banheiras nem nada dessas coisas, eram alguidares grandes que era onde a gente se lavava. Então ele primeiro lavou-se todo, pus lá o homenzinho à vontade lavou-se, vestiu o *pijamezinho*. Ele tinha um prato grande de alumínio, muito fundo, comeu duas vezes cheio! E comeu pastéis de bacalhau, isso eu não me lembro, que eu pus à frente não me lembra, depois o resto, Deus me perdoe, deitei fora, que eu sou muito nojenta. O homenzinho quase esteve comigo três anos! Não sabia da família, não sabia de ninguém. Um dia foi trabalhar para as obras, foi trabalhar para as obras, quem era o construtor das obras? Era o sobrinho dele! Chegou-me a casa: “olha filha, (já me tratava por tu e tudo, eu chamava-lhe tio, os meus filhos chamavam-lhe avô). Encontrei o meu, o meu sobrinho, e ele quer que eu vá para casa dele. Vá Bernardo! Vá sim senhor!”. Eu nessa altura até disse: “Vá!”. Foi para lá visitou-me muitas vezes. Depois andou muito doente, ele como nunca me disse onde é que estava, também não lhe perguntei, se ele quisesse que eu soubesse dizia-me, então eu nunca lhe perguntei. Então pois ele devia ter morrido, que ele já era muito velhote, morreu. Mas também o tive comigo. Em Alcântara veio o meu nome no jornal, nas primeiras páginas: “Toma conta de crianças, cães e gatos”. Os gatos e os cães não me largavam, os pombos às vezes quando dão-me pão ou assim, às vezes já é muito rijo, a gente come, mas quando já está assim...os

pombinhos quando me vêm chegar à janela vêm logo a correr, a vizinha diz: “você qualquer dia vai presa”. Que é proibido dar comer aos pombos....

Outra vez foi um senhor também que esteve preso muitos anos por matar um homem que apanhou em *flagrante*, a fazer pouco de uma sobrinha, apanhou uma data de anos porque matou à traição, se fosse cara a cara não apanhava. Quando saiu da prisão vinha com muito dinheiro, juntou lá dinheiro na prisão, porque ganhou lá dinheiro, trazia uma placa de ouro. E então veio para casa de uma rapariga que o marido dela esteve preso com ele também. O velho comprou-lhe em Alcântara uma pedra de peixe da praça. Enquanto o velhote teve dinheiro esteve lá. Acabou o dinheiro do velhote tiraram-lhe o ouro todo e tudo, puseram-no na rua. O homem: “Oh Alice vê lá vê, roubaram-me tudo, agora põem-me na rua!”, e eu: “Oh Ricardo, deixa vir o tio Armindo cá para casa, quem comeu a carne roa os ossos. Olha antes quero que ele venha cá para casa sem nada, que viesse para casa com muito. Que assim sem nada não falam da gente”. Também lá esteve com a gente perto de cinco anos também. Depois morreu, enforcou-se. O meu marido era muito mau para mim e dizia assim para mim: “A partir de hoje não vais passar mal”. Porque o meu marido obrigava-o a dar-lhe o ordenado a ele, trabalhava com ele na (imperceptível) obrigava-o. “Não vais passar mal”, e eu estava muito mal com crises que me davam muito grandes da cabeça. Que andei de (imperceptível) por causa de uma menina que morreu com três anos, eu nunca fiquei boa da cabeça. E então digo assim: “E você não quer comer? Ah a Teresa e a Maria do Carmo depois levam-me lá um bocadinho de sopa”, que eu fazia sopinha todos os dias. Quando as minhas filhas lhe vão levar peixe frito e a sopa estava ele enforcado numa barraquinha que se arranjou para ele, estava lá. Então, era aqueles caixões, os melhores que havia era aqueles caixões de veludo...então eu não tinha dinheiro fui pedir à minha tia se me emprestava, que eu tinha uma tia que tinha um lugar na praça do Saldanha. Ela na altura já não tinha o lugar, ela não tinha dinheiro mas tinha um cordão. “A tia empresta-te o cordão, vais pôr e depois vais buscar”. Naquele tempo valia oitocentos escudos o cordão, naquele tempo aos anos, veja lá o que é que não valia agora! Vendi o cordão e fiz-lhe o funeral. O funeral saiu da morgue, vinham os meus filhos todos com o coisinho preto dobrado: “Oh avô, oh avô!”, já eles lhe chamavam avô, está a ver como é que ele era...Então (tosse), ai desculpe. Ele quando veio para ali morar disse:”O meu pai matou-se aqui eu também me hei-de matar. Mas eu julgava que era conversa dele.

Então as senhoras da *conferenciação* Vicente Paulo, eu fui...abateram as barracas por causa da ponte sobre o Tejo, andei com cinquenta famílias, e foi o prior que me mandou chamar para eu ir com elas, falar com o director da ponte sobre o Tejo. Então foram todas comigo,

uma família de cada casa, e eram cinquenta famílias...cada casa, cada uma, cinquenta pessoas. Fui então falar, e o senhor prior disse:”Ninguém fala! Deixem falar a Alice sozinha”. Era o senhor prior A. B., aqui da igreja de S. João de Brito e Alvalade, mas já morreu. E então, fui eu com elas, falei eu e falei. Naquele tempo ainda levaram trinta contos cada uma! Há muitos anos, trinta contos cada uma. Ainda me deram cada uma, cada uma deu-me um conto, um contoquinho. E então fui com elas, as senhoras diziam: “Oh senhor prior, senhor prior a Alice devia de vir assistir às nossas reuniões” e coiso e ele disse: “Não, deixem andar a Alice como anda que anda de livre vontade dela, não é obrigada”. Eu ia com as crianças a morrer ao hospital, à igreja prós baptizar. Tenho muitos afilhados mortos. Ia para baptizá-los, que eles não estavam baptizados e eu ia lá baptizá-los. E ele depois ensinou-me: “Quando eles estiverem assim mal a morrer, não vens cá Alice. Em casa, arranjas um pano branquinho, seja o que for, seja velho seja novo, seja branquinho é o que é preciso! Uma coisinha com *alga* e pões a mão na *alga* e fazes assim eu te baptizo em nome do pai do filho e espírito santo” (faz o sinal da cruz). Eles estavam baptizados. “Se (imperceptível), depois se for de livre vontade dos pais deles, vens cá com eles para fazerem a cerimónia de baptizado”.

Entra a nora da dona Alice. Entra Estela, queres que te ajude?

[Era frequente morrer assim crianças?](#)

Era, de fome e com doenças. Esta menina vem cá fazer uma visita, é a minha nora. Estava a dizer a ela que és minha amiga, que és boa, que o feitio do (filho), tem um feitio pior do que tu, mas tu que és boa.

E então, elas iam lá, depois levar coisas, roupas e comer às pessoas que a barraca abateu. Depois dizia para mim: “Olha Alice, se quiseres escolhe tu primeiro alguma coisa que esteja aí para ti ou prós miúdos” e eu dizia assim: “Não, dona Fátima e dona Helena, não porque eu graças a Deus não sou sinistrada, não porque eu, não me caiu a minha barraca. Dê a elas que se sobrar para mim, se sobrar alguma coisa que coiso...”. Elas gostavam de mim por causa disso. Foram lá umas senhoras pelo natal dar uma esmola...dar uma esmola e depois a última esmola veio para mim. No tempo que davam nos liceus, iam dar coisa às escolas, às escolas e pessoas pobres. Foi para mim, aparece um miudinho, que era (imperceptível), o pai e a mãe eram tuberculosos. E então veio a minha casa e: “Minha senhora o meu pai e a minha mãe está tuberculosa e somos quatro irmãos”, e a senhora: “Olhe o último embrulho que eu tinha dei a esta senhora”, eu disse: “Olhe minha senhora (não conhecia a senhora, ela ia lá, iam lá senhoras levar coisas aos pobres), se a senhora não se importar eu tenho necessidade, mas eles têm mais do que eu, eu dou-lhe o meu embrulho, não se importa não?”, e eu dei-lhe, o embrulho. A senhora ficou muito contente comigo por isso. Passado coisa de duas horas mais

ou menos, vem a senhora com o porta-bagagem do carro cheio de tudo o que era bom para mim! Gostou muito da minha acção, diz: “Isto era para levar a outros lados, mas como gostei tanto da sua acção, é para si”. E eu disse: “Olha, a senhora se não se importa, há uma coisa que é já aqui, que eu ensinei aos meus filhos, não se importa que eu dê para aqueles meninos? Não senhor”. Foi assim. E prontos isto foi a história....

Tinha uma irmãzinha da (pronto isto já é da Musgueira), queria que eu fosse fazer um livro com ela contar a minha história, depois essa irmã teve uma trombose, morreu coitadinha, queria que eu fosse fazer um livro. Se eu fosse fazer um livro dizia assim estas coisas. E que Deus me ajude, eu não tenho agora o que tenho logo. É assim....

Eu saí do Barreiro tinha, era casada. Tinha irmãos da minha mãe, mas morreu tudo. A minha mãe teve doze filhos. Eu fui a primeira morreram todos só fiquei eu. Doze filhos que a minha mãe teve fiquei só eu. Tenho é irmãos galegos da parte do meu pai. Tenho uma irmã que é advogada, que nunca mais a vi, se eu quisesse saber dela sabia, porque sei o nome dela todo, o nome da mãe. Eu fui criada com um padrasto que para mim foi meu pai. O meu pai enganou a minha mãe, o meu pai tinha uma padaria, no Barreiro que era dele, e... enganou a minha mãe lá na padaria, e depois a minha mãe ficou grávida...e... e então ele depois cria casar com a minha mãe mas o meu avô que também era daqueles assim (torce o dedo indicador), e as pessoas respeitavam os pais dantes, nunca quis, e depois ele quis-me *aperfilhar* e a minha mãe também não quis...mas eu era mulher, já era grande, já morava em Alcântara, o meu pai foi-me visitar, não sei como foi que o meu pai quis-me *aperfilhar* nessa altura, e eu não quis também. Ele tinha duas padarias em Vendas Novas uma defronte do quartel mesmo, e uma do lado da praça. Quando o meu pai soube que o meu pai morreu, veio-me buscar, foi ao Barreiro, eu estava no Barreiro nessa altura, ainda era pequena, tinha doze para treze anos, eu não o conhecia, não o conhecia. Havia uma senhora que morava ao meu lado, que era a tia Francisca, que conhecia o meu pai, por causa da padaria que ele tinha no Barreiro, e a minha avózinha que Deus tem vendia roupa, e quando batiam à porta eu estava viver com oito primos e com a minha tia e com a minha avózinha, a gente todos queríamos via à porta ver quem era, depois eu abria a porta e o homem pôs-se a olhar para mim muito sério, e eu assim: “O que é que o senhor quer, é a minha avó, para comprar roupa?”. A minha avó que Deus tem vendia roupa das senhoras ricas aqui do Barreiro, em segunda mão. Pois quando elas não queriam não davam, vendiam, e a minha avó vendia. E eu assim: “Olha olha! O homem parece que é parvo, está a olhar para mim, não fala nem nada!”. Que ele já sabia que eu era a filha. Depois levou-me pró pé dele. Tive um ano com ele em Vendas Novas. Tinha um criado para me levar à modista para eu aprender, que ele estava a pagar, íamos de charrete, tinha a

minha irmã, para levar aos estudos, e...que ela é advogada, conheci-a quando tive com ela...eu sei que ela é Maria C. B., R. B., o R é da mãe, que a mãe era Inácia. Eu encontrava depressa a minha irmã se eu quiser, em Espanha, encontrava-a depressa e...e então estive com o meu pai, mas eu ia vestida de preto, ele tirou-me o vestido preto, e meteu-mo no forno, queimou-o!. E isso para mim foi uma mágoa muito grande....

[Estava de luto por causa do seu padrasto?](#)

Sim, que era o meu pai, foi uma mágoa muito grande. Eu vinha todos os domingos, ao Barreiro e a Lisboa ver a minha mãe. A minha mãe depois veio servir, quando morreu o meu padrasto, a minha mãe veio servir para Lisboa, e eu vinha então ao Barreiro ver a minha avó todas as semanas e vinha ver a minha mãe a Lisboa. Depois ele nessa altura queria, queria *aconselhar-se* com a minha mãe, mas ele já era casado na Galiza, tenho lá irmãos na Galiza também, e então eu disse: “ Se a mãe casar com esse homem, eu fujo! vou para Lisboa, vou pá má vida!” Disse eu para a minha mãe. Nunca olhei para ele como meu pai! Depois estive com ele um ano, mas ele era muito mau era muito bêbado. Tinha-mos um criado para nos levar a uma ribeira que tinha um terreno muito grande, o caseiro lá gostava muito de mim, tinha um primo que também gostou muito de mim, era rico e muito bonito mas eu não...não queria, nem nunca o meu pai soube nada da minha vida que eu nunca contei ao meu pai nada! E... então depois vim-me embora, quis-me vir embora, queria-me vir embora, queria vir para a minha mãe, então quando ele vinha dizia assim o criado que lá estava em casa, que fazia os recados à mulher que vivia com ele cá em Lisboa em Vendas Novas, dizia assim: “Ai menina, o pai já ver embriagado, meninas estejam sossegadinhas”. Se a gente estava *assentada* no banco levávamos pancada, porque estávamos (imperceptível), depois o meu primo, tinha um primo que era, tinha também uma padaria, era sócio da padaria com ele naquela ao pé da praça, levou-me pró pé dele, lá para casa dele. Então, eu morava, o quartel era por baixo, a sentinela estava por baixo da minha janela, e eles gostavam muito de mim só que eu depois fui proibida de ir para a padaria, porque havia lá muitos pobrezinhos e eu quando tinha pão, carcaças e isso dava aos pobres, dava, sempre fui assim menina, sempre fui assim. Diz que das esmolas se faz a caridade.

O 25 de Abril roubou-me muitas amizades. Tinha um juiz que me ajudava muito, morava ali na Duque d’Ávila, já não mora que o prédio foi abaixo, mas dava-me muito. Fizeram-me a minha barraca em Alcântara, foi *seneado*, e ele disse: “Olha Alice, (silêncio, pára para ouvir a conversa da nora com a neta), tu agora precisas, mas eu preciso mais do que tu que o meu marido foi *seneado*”. Foi *seneado*...

[O que é \*seneado\*?](#)

É quando foi o 25 de Abril, aquelas pessoas que eram más foram despedidas, foram (imperceptível).

Quando foi o meu primeiro casamento, morava no Barreiro, ainda não tinha quinze anos, tinha catorze anos feitos. Foi ele que enganou-me, a minha mãe deu parte dele, ele não queria casar comigo, a minha mãe deu parte dele. Naquele tempo quando os filhos eram enganados, as mães davam parte dos filhos e eram os casamentos obrigados, que era uma estupidez, era rara a pessoa que era casada obrigada que ficava a viver com o ...e então ele estava estragado das mulheres e estragou-me. Eu tive muito mal aqui internada. Vim do Barreiro para Lisboa, internada aqui no hospital do Desterro. Estive muito malzinha.... *Ópois* ele quis-me lá ir ver e eu disse: “Mãe se ele vira cá e ele entrar aqui na enfermaria eu atiro-me da janela abaixo do hospital”. Tomei muito medo dele, sofri muito muito muito, muito menina, abriu-se-me buracos nas virilhas, e tudo, para fazer chichi tinha que pôr as mãos assim (coloca as mãos em concha no útero) ...não ouve (referindo-se à nora), se falar assim baixo não houve, é que ela não sabe.... E então, sofri muito, depois ao fim, de nove anos, nove anos e tal não chega a dez anos, conheci o meu marido que era, enviuvou, gostei dele, ele gostou de mim, depois viemos para o Barrei...para Lisboa. Tinha a mãe dele que morava cá em Lisboa ali na rua da Palmeira ao pé do Príncipe Real, e viemos. Estive lá em casa da mãe dele, depois fui lá muito tempo. Depois ele começou-se a dar mal com a mãe, ele trabalhava com um tear e eu apanhava as malhas e a mãe fazia as camisolas, trabalhava para um casarão ali para o pé da Praça da Figueira, trabalhava ali. Depois viemos para a... para a Musgueira, para Alcântara. Ele conhecia aquelas pessoas, estivemos lá a viver em casa dessa gente, uns três nos e tal. Depois conseguimos arranjar... esse senhor juiz arranjou madeira, mandaram-me fazer a barraca, fui para a barraca. Ah mas a gente tinha que se levantar às quatro, cinco da manhã para tirar o telhado da barraca! Que a Câmara, a gente punha em pé e eles deitava abaixo! Não tinham dias certos, mas geralmente de oito em oito dias, as vezes de quinze em quinze. Eles não tinham certo que era para, para a gente a ver se nos apanhavam... houve umas vez que me apanhou que eu estava de parto, tinha acabado de ter uma criança e não me deitaram abaixo, não deitaram... mas eu já tinha tido a criança à três dias, eu fingi que...pus-me na cama. Porque eles não tinham pena, uma vez estava um menino com *os estertores da morte* de verão, mandaram pôr o menino na rua para deitarem a abarraca abaixo! A gente digo, se a gente tivesse armas, tinha-mos matado aqueles polícias! O menino com *os estertores da morte*, ali ao sol e eles deitaram a barraca. Mas depois houve um processo, a gente todas assinámos e acho que esses guardas foram condenados por isso. Nessa altura deitavam abaixo e a gente *alevantava*. Eles tornavam a deitar abaixo a gente tornava a fazê-las. Era assim.

Sofri muito... e com o meu marido também! Com ele, com o meu marido que Deus tenha, com as amantes, começou a ter amantes e sofri muito com ele andava atrás dele, e uma ocasião ele chegou-me a dizer que vivia comigo e não gostava já de mim, gostava era da amante. Esteve oito dias fora de mim, depois chegou e disse, (isto foi em Alcântara), chegou, que não conseguia estar ao pé dela, que só me via a mim, as oliveiras e os filhos. Eu dava-lhe pancada, muita pancada, uma vez eu estava eu muito grávida, e ela estava também na maternidade para ter o filho, o filho dele que diz que é dele, (não posso dizer que era ou que não era não é?), e estava ela lá também, foi pela Páscoa, e eu nesse dia não tinha comer para dar aos meus filhos, tinha uma panela com *alga* ao lume, pás vizinhas julgarem que era comer, e não era, para não saberem a minha vida.... E então os meus filhos, eu dizia para eles: “Vocês, nunca se perguntarem se têm fome, digam que não... porque há um ditado que diz santos à porta não fazem milagres”, é porque elas davam um prato de sopa, logo já toda a gente sabia. E então eu fui...onde é que eu ia?

#### [A amante do seu marido estava na maternidade...](#)

Pois, então, eu não sabia mas ele era encarregado de um *vazador*, e apanhava a sucata, essas coisas todas e punha no quintal. Uma vez deu-me assim uma pancada no coração, de mexer naquela lata, não se porquê...fui lá estava lá a morada dela, um postal dela que ela lhe tinha escrito, ele escondia ali as coisas, tinha-lhe escrito onde é que estava. E eu fui lá, fui lá ter com ela, e...dei-lhe uma tarefa muito grande dentro da maternidade, tive que fugir não é, porque era presa...tive que fugir....Depois então, numa Páscoa, eu tinha a panela com *alga* ao lume a ferver para julgarem que era comer, não era, era *alga*, e fui à maternidade, e então escondi-me com o meu filho ao colo, escondi-me...a sala de espera era assim aqui (faz o desenho com as mãos na mesa), e a entrada era assim... e então estava ela à janela e eu já depois conheci-a depois de lhe dar a tarefa, estava à janela, e digo assim: “Hoje não tens a visita dele, tens a minha!” Eu sem comer pós filhos e ele ia carregado de coisinhas para ela! Com um amigo nosso, aquele rapaz que era dono de uma carvoaria, da rua da Cruz em Alcântara e uma taberna, ia com ela, eu a primeira coisa que eu faço, dou-lhe um *ganda* pontapé na mão. E ele tinha muita vergonha, o meu marido do escândalo, e então ele já não foi vê-la. Voltou para trás, e eu sou *barreirense* ele é belenenses, ele ia ver o jogo o Belenenses, depois da visita ia ver o jogo. E então eu vinha com o menino ao colo e com uma barriga grande e então ele vem e eu disse: “Olha agarras o teu filho, já tenho um dentro de mim e tu não levas nenhum”. Ele quando chegou à Praça da Figueira, mandou parar um táxi e entrou para trás do táxi mais o amigo para eu ir ao lado do chauffer, e eu assim: “Não não, onde o Luís vai, vem para aqui e eu vou pró pé de ti porque eu sou tua mulher, não sou casada

contigo, mas sou tua mulher, sou mãe dos teus filhos”. Quando chegou a Alcântara ele mandou parar o táxi, para eu sair em Alcântara que era onde eu morava. Eu disse: “Não, eu sigo para o Restelo, vais-me pagar um bilhete que eu vou ver a bola, olha calha bem que é o teu clube com o meu”. E ele quando chegou ao intervalo, ele tirou e eu fui ver, quando chegou ao intervalo eu vim-me embora e fui ter com ela à maternidade, fui pôr o menino a casa, e fui à maternidade, dei-lhe outra tarefa...outra vez, dei-lhe uma tarefa muito grande, mas no outro dia eu disse: “Olha, eu vou-me embora, mas amanhã eu estou cá outra vez!”. No outro dia estava lá mas fui falar com a assistente social, e disse: “Olha, as senhoras ou *privem* a visita do meu marido aqui, ou então era, sou presa, têm escândalo todo o dia, mas se eu for presa eu tenho, (eu já tinha os cinco filhos), tenho cinco filhos, os meus filhos vêm todos para aqui, para senhoras olharem por eles que eles não têm pai competente”. Foi proibida a visita dele. Mas dei-lhe uma tarefa tão grande! Eu também estava grávida, quero lá saber! Se eu matasse o dela ela também matava o meu.... Outra vez, ele trabalhava, andava a trabalhar numa obra, e então era com um rapaz lá da rua da Cruz e... ele não sabia onde era. Um dia chego-me ao pé dele e disse-lhe: “Ó João, o Ricardo telefonou-me agora, para lhe ir levar o almoço (mentira!), mas desligou o telefone e eu não perguntei onde é que é e agora como é que eu vou levar o almoço se não sei onde é?”. Ele passou-me logo na morada, foi o que eu quis, foi a morada. Ele estava com ela! Foi quando ele me deixou aqueles oito dias, estava com ela e eu fui lá, ao pé do hospital do Rego, não sei se a menina conhece, e então as traseiras, tinha uma casa no quintal onde ele estava a viver com ela, a morar alugado. Fui lá, estava lá ele na cama. Subi, fui por aquilo com o miúdo ao colo, subi aquele monte por cima do pé da linha de comboio, e assim: “Olha tas doente, tas de parto? Olha que graça!”. Entrei lá dentro, lá dentro ela diz assim para mim: “O que é que esta...quer daqui? Ai eu é que sou!”. Dei-lhe uma tarefa tão grande, tão grande, ela atirou-me com um sapato.... Depois queriam, as pessoas lá da rua não sabiam, não, eu estou a mentir, a primeira vez dei-lhe uma tarefa era tudo contra mim, foi assim, era tudo contra mim. E a segunda vez é que depois como já sabiam as coisas, expliquei tudo é que já foram a meu favor. Ela atirou-me com um sapato, eu agarrei o sapato, com o miúdo ao colo, arranquei-lhe sola do sapato, sola e tudo com os nervos. Queriam-me tirar o miúdo de mim, eu disse não. Queriam-me dar um pau para eu lhes dar, eu disse não. Dei-lhe uma tarefa tão grande com uma mão! Eu era lixada pá pancada! Dei-lhe uma tarefa muito grande e então já estava uma queixa feita ao senhor comissário que morava de frente, ele viu-me e disse-me... ah e então levei os meus filhos comigo, na altura já tinha os cinco filhos, levei todos comigo. “Quando chegarem ao pé do pai, põe-se todos a chorar, quero comer, quero comer, tenho fome!”. Não tinham fome, todos muito limpinhos, descalcei-os todos,

tudo descalço, pela vergonha da cara dele pus os miúdos! Quando cheguei lá descalcei os miúdos e eles todos a chorarem “quero comer, tenho fome!”. E então fui lá dentro era tudo contra ela e tudo e: “Tu não vais com ela, ficas comigo!”. E eu então: “Ele agora escolhe com quem quer ir”, e ele escolheu, veio comigo e com os filhos, não ficou com ela veio comigo. Então o senhor comissário, estava à janela, mas depois desceu: “Olhe venha cá, a senhora e essa senhora e o seu marido vamos ali à esquadra. Olhe ele dizia que a tinha enganado”. Se foi ele que a enganou ou não não sei não é? Eu não posso dizer...Ela muito linda, era linda, tinha olhos azuis, branca, era linda linda. Mas foi, quando eu lhe fui dizer que ele tinha mulher e filhos, na altura ele ainda não tinha tido vida nenhuma com ela, foi a partir daí é que ele teve, foi aí é que.... Se ela fosse enganada antes de saber, eu até era capaz de a ajudar! Até era capaz de o largar, assim não.... Então o senhor comissário disse: “Olhe, aqui o seu marido, o seu companheiro, (ele até disse o seu companheiro), diz que foi ele que a enganou, eles é que sabem. E a senhora tem cinco filhos dele, pode-o perseguir em todo o lado, esta senhora não pode, (que era ela), a senhora pode-o perseguir em todo o lado, não pode fazer é o escândalo que fez”. Então pronto, ficou tudo assim bem, depois ele veio embora comigo, com o filho ao colo, esteve comigo, depois começou a chorar agarrado a mim, que gostava muito dela, que eu desculpasse mas que ele enganou-a, que tinha muita pena dela, gostava muito dela e mais isto e mais aquilo. “E dos teus filhos?”. Depois chegou e ele até disse: “Agora por fim estou com a mulher na cama (está a perceber não está? Para não declarar aqui...), só vejo os filhos, tu e as oliveiras”. Esteve ao pé de mim mas também sofri muito com ele depois disso. Vinha do pé dela, de sábado para domingo eu perguntava: “Ricardo o que é que eu vou fazer pó comer?”, (que eu gostava muito de perguntar-lhe a ele o que é que havia de fazer para o comer). Faz o que entenderes”. Eu fazia um cozidinho à portuguesa, isso ao Domingo, que é quando a gente faz assim os comeres, ele não me aparecia, de sábado para domingo não me aparecia. Ele morava em Alcântara e havia um alto muito grande em Alcântara, eu estava lá com um monte de pedras ao pé de mim. Com um monte de pedras, quando ele aparecesse para lhas atirar! Quando ele vinha, com embrulhos com bolos para mim, eu era pedra que se (imperceptível) em cima dele! Uma vez dei-lhe com uma que ele levou oito pontos na cabeça.... Vinha com os bolos, eu amachucava os bolos todos, eu estava com... uma vez veio com uma boneca, que a tipa tinha mandado para dar à minha filha mais velha, que ela gostava muito da minha filha mais velha, parti-lhe a boneca toda na cabeça dele! O meu marido era muito mau, dava-me vinte escudos por dia, para comer, cinco filhos, eu, esse senhor que se enforcou, éramos oito pessoas não é? Está bom que era muito nesse tempo. Eu ia ao vazadouro onde ele estava a trabalhar pedir-lhe mais alguma coisinha, corria-

me à pedrada! Com pedras, corria-me, batia-me, era muito mau para mim, muito mau menina! Sofria muito, um dia deu-me uma tarefa tão grande, que até julgava que vinha eu de trabalhar, de fazer uns anos, deu-me uma tarefa mandou-me pelo olival abaixo que toda a gente julgava que eu tinha tido um desastre de eléctrico. Fiquei numa miséria...fui internada e tudo... Uma vez deu-me uma tarefa muito grande, batia-me, estava enraivecido com ela, por causa de eu fazer estes escândalos...e quando perdia o Belenenses? Quando perdia o Belenenses os meus vizinhos diziam-me assim: “Ai hoje vocês são desgraçados! Perdeu o Belenenses tão desgraçados...” Um dia porque chegou ao carro disse assim: “Olha hoje o Belenenses perdeu, hoje vens caladinho”. Olha uma tarefa tão grande com um sapato, toda eu era sangue, a minha filha mais nova diz assim: “Ó mãe tu já não vês mãe já tas ceguinha”, e eu: “Não filha a mãe já não vê nada”. Eram os vizinhos cá fora: “Oh Ricardo não lhe bata que ela não é merecedora! Ela farta-se de *minar* prós filhos e para ti”. E depois a minha filha disse para ele: “Pai toma uma faca e mata-me a mim e deixa a minha mãe!”. Depois houve outra vez deu-me um soco tão grande que eu urinei-me toda menina! Quando eu cá ele julgou que me tinha matado. Passei muito com ele. As pessoas diziam para mim: “Oh mulher deixa-o!”. E eu ia *prá donde* com cinco filhos menina? As (imperceptível) aborrecem, cinco crianças pequenas eu ia deixá-los e ia *prá donde*? Depois um dia fui para, ali para a Avenida Visconde Valmor, essa minha tia morava lá e eu fui para casa dela, tive lá em casa da minha tia um ano e tal. Ao fim de um ano ele foi-me lá buscar, eu não queria ir, a minha tia disse: “Olha filha, não tas a chatear aqui a tia, mas se ele está a dizer que está emendado vai.”. Estava emendado o quê? Estava nada! Esteve emendado um tempozinho e depois voltou ao mesmo, que ele era daquele tipo que era assim, dava-me os vinte escudos mas eu trabalhava, tinha que lhe dar o dinheiro a ele, o dinheiro que eu ganhava tinha que lhe dar a ele. Portanto ele dava-me e não me dava. Depois tive um filho com idade de trabalhar também tinha que lhe dar o dinheiro a ele. O velhote também lhe dava o dinheiro a ele. Tinha tudo que lhe dar o dinheiro. Uma vez disse para ele: “Então mas quem põe a mesa sou eu, quem lava a roupa sou eu, eu é que faço as coisas, eles têm que me dar o dinheiro é a mim!”. O abono dos miúdos era ele, era para ele, era tudo assim.

Sofri muito muito muito, e continuo a sofrer...continuo a sofrer menina, continuo...continuo a sofrer muito. Porque este meu filho, é um alcoólico crónico. Ele estava aqui ainda ontem com uma bebedeira tão grande, ninguém dormiu aqui. Sem vinho é um santo, é uma jóia, sem vinho é uma jóia. Quando eu estou doente leva-me uma torradinha à cama, leva-me um cházinho. Agora com vinho é muita mau! Não me bate que eu tenho pulso para ele que eu dou-lhe! Eu dou-lhe! Então ontem fui com ele ao médico ao senhor doutor, passar a reforma

dele para lhe tirar o rendimento mínimo. Eu disse à assistente social para lhe tirar o rendimento mínimo. O rendimento mínimo dele é só para o vinho e para o tabaco, mai nada! Recebe trinta e cinco contos, vai pagar ali a quem lhe fia. Já pedi à assistente social para lhe tirar e ela disse: “Olhe dona Alice eu não lhe posso tirar porque ele tem doenças crónicas”. Ele é um alcoólico crónico. Agora há pouco tempo um ataque tão grande que lhe deu, ficou internado! Ontem fui buscar os exames e então tem parte das células da cabeça que já tão apanhadas. Ele tem ataques epilépticos alcoólicos. Se ele deixar de beber não precisa de tomar os comprimidos, que ele tem que tomar três comprimidos por dia. Não precisa de tomar os comprimidos nem nada, fica bem. Mas agora o último ataque que lhe deu, foi ele que durante uns tempos, apanhou uma data de dias bebedeiras seguidas, depois esteve dois dias sem beber, o ataque deu-se porque estava com a falta de álcool.... Sofro muito porque eu tenho...tenho este meu filho...não sei porque que ele era tão meu amigo e mudou! A mulher, é uma loucura para a mulher! As minhas filhas dizem: “será que ela foi fazer alguma coisa a ele?”, que ele andava sempre: “Mãezinha isto, mãezinha aquilo”. Quando eu estava doente também não me largava e agora é assim. Será que ela com ciúmes fez alguma...eu não me acredito mas às vezes... sei lá...eu não me acredito mas ás vezes há coisas que a gente tem que se calhar que acreditar. E então mudou como o dia da noite, no outro dia estava ali a arranjar o estore e eu ali sentada, (no outro dia não, já foi há tempo), e estava o meu neto aqui ao pé de mim e ele aleijou-se e ele vai assim: “Por causa desta grande...aleijei-me!”. E digo assim: “A mãe não estava ao pé de ti filho como é que fui eu que te aleijei!?” Dá-me um *granda* soco, bateu-me. Depois agarrou nos coisos e disse: “Faça-me aqui um...”. Eu não disse à minha filha a seguir à mais velha que mora na costa, se eu lhe dissesse ela era um homem, porque ela era para... ela via a judiciária a bater aos drogados, ela tinha muitas pena dos drogados, virava-se aos agentes à pancada! Se eu lhe disse-se a ela, ela agora desde que eu estou assim doente, vem cá quase todos os dias quase mais o meu neto, mas ela também sofre muito com o marido também é um malandro, rompeu o *tumpum* dentro do ouvido com um soco, fui com ela a semana passada pás urgências, os médicos não sabem se vale a pena ela ser operada ou não.... Ópois a segunda vez, já não me lembro porque é que foi a segunda vez também, deu-me em *ganda* empurrão que eu fui, se não me agarrasse ali assim com as mãos, se não fosse com as mãos ali e não me agarra-se, batia com a cara ali no alumínio (aponta). Não sei porquê, que ele não era assim! E mesmo assim passa: “Então filho?”. Ainda sou assim para ele... podia dizer que eu era má, não sou má mãe, não sou má avó, adoro os meus netos todos, faço por eles tudo o que posso. Fico como encarregada de educação deles, sou encarregada de

educação de todos. Tenho uma neta minha que anda a trabalhar nos produtos das pessoas para emagrecer e para engordar...

[Deve ser da Herbal life.](#)

É uma santa! É uma santa! Só tenho pena, ela queria-me ao pé dela mas por causa deste filho, do que tem os ataques é que eu não vou. Essa minha filha quis-me levar a Sesimbra, com um casal amigo, queria-me levar a mim também e o Tiago por causa dele, eu não saio daqui para lado nenhum, a minha neta queria-me ao pé dela, anteontem estive cá, foi-me comprar até o remédio que eu já não tinha, foi-me comprar...ela tadinha também não pode não é? É casada, deve estar a pagar o andarzinho dela e...tenho essa minha neta que é uma santa para mim. Eu digo menina, eu não jogo, o meu dinheiro não dá para jogar, mas se eu um dia o coração me puxasse para jogar e me saísse, enquanto os outros levavam mil, ela levava cinco mil! Eu tenho dito aos meus netos todos e às minha filhas e tudo, é uma santa, ela é que me acompanhou para... tem-me acompanhado aos pensos, vem cá, foge de... no outro dia ali pó Poço Bispo, onde ela, a casa onde ela trabalha, levou-me, fiquei no carro, eu estava com dores: "Oh velhinha anda comigo". Fui eu a encarregada de educação dela. Não pode ter filhos, tem quistos no ovários... tem um desgosto! Tanto que ela foi encarregada de educação e deixou de ser... por causa de ter crianças e ela não conseguir. E então essa minha neta é uma jóia, não fala com o tio, parte dos sobrinhos não lhe falam! Nem a...essa minha filha também não lhe fala, a ele por causa disso. E não sabe que ele que me fez essas acções e que me bateu, só que me tratou mal e me chamou....

Já estive presa por causa dele, um dia deste ainda uma vizinha minha estava a falar para eu não dizer quem era, de que era as coisas, fui eu. Mas a consciência roeu-lhe e foi dizer que não era mau que era dele e eu vim-me embora. Estive muito mal lá, tive uma infecção do pulmão com quarenta de febre. Estive no Hospital de Cascais internada. Tinha sessenta e nove anos! E não sabia onde era uma prisão! Prenderam-me porque o material estava lá. Não tinham um retrato meu, não tinham nada tirado, mas estava eu sozinha em casa e o material lá, o material lá em baixo.... Apanhei a doença dos ossos e essas...foi lá. Eu era querida de toda a gente! Pelas pretas, pelas ciganas, pelas brancas, eu era avó delas todas. Não vê aquele retrato que a rapariguinha chama-me mãe e tudo? Era querida por elas todas, nunca me faltou lá nada. Nunca me faltou lá nada.... Mas estive lá cinco meses e nove dias e o meu médico disse para eu ir ter com, a juíza, (interrupção porque estou a vestir o casaco). Está com frio?

[É de estar parada, arrefeço sempre um bocadinho...](#)

E então, a minha porta não fechavam, porque às sete e meia de verão e de Inverno são fechadas, não me fechavam.... Tive o princípio de uma congestão lá, estive mal, as guardas

não me deixaram, toda a noite ao pé de mim...deram-me coisas, sujei-me toda e elas ali ao pé de mim, eram todas muito minhas amigas...todas! Mas foi cinco meses e nove dias. E então o advogado oficioso fez três papéis para a advogada me deixar aguardar julgamento em casa. E a advogada disse sempre que não, porque eles queriam-me obrigar a dizer de quem era... e qual é a mãe que acusa um filho!? Só uma mãe que não seja boa não é? E eu pensava: “Como sou velha não tenho cá muito tempo e ele tem”. Ele esteve lá cinco anos. E então o doutor, eu ia muito mal, eu andava sempre assim a tremer (imita os tremores), até a doutora disse para a mulher polícia: “Esta senhora tem que cá ficar internada, que nós não podemos fazer exame nenhum, esta senhora tem quarenta de febre!”. Fiquei lá internada, nem ficou a mulher polícia comigo nem nada. Elas ficam ao pé das presas, mas não ficaram ao pé de mim. Eu vinha cá de fora, vinha com elas buscar o...os produtos pá loiça, pó chão, mesmo encostadinha ao muro, eu via as pessoas passar, se quisesse fugir tinha fugido. Não fugia não era porque não tivesse vontade mas dizia: “Vou fugir para quê? Assim é pior”. Então eu ia ao doutor, ao Sr. Doutor António, que é bispo de uma igreja qualquer, não é católica, numa igreja qualquer, ele era bispo, já era um senhor de idade. As guardas ficaram tidas admiradas como é que o senhor doutor António, até mesmo com a própria juíza...depois as mulheres polícias é que me contaram: “Sr.<sup>a</sup> doutora juíza eu venho aqui por uma doente que tenho com uma certa idade”, estava lá uma senhora com oitenta e tal anos, uma holandesa! Foi apanhada com vinte quilos de coca! Vinha de lá para cá! E ela dizia para mim: “Mamã, se me for embora e me derem para eu vender eu continuo na mesma”...com oitenta e tal anos...pintava-se, toda arranjada. E então ele foi e disse: “Sr.<sup>a</sup> doutora juíza, a minha doente, está muito doente, está com muitos problemas, já teve uma infecção do pulmão que apanhou cá, traz uma pressão nervosa muito grande, está com doença de ossos. Se a Sra. doutora juíza não lhe der alta, alguma coisa que aconteça aqui que ela morra, levantamos um processo contra a Sra. doutora juíza”. Isto ele foi lá hoje, ao outro dia fui chamada. Eu nem ouvia me chamaram, uma colega minha: “Alice, estão-te a chamar para ires ao escritório, para te ires embora! Elas já sabiam (até me arrepiou), nem estava com vontade nenhuma, estava a pensar que era mentira...pensei: “Bem vou-me embora, o meu filho já não entra, elas convencidas que aquilo já não era meu, mas o meu filho já não entra”. E então fui e diz assim a dona Sara, que era a chefe: “Anda cá, senta-te aqui chorona, que andas sempre a chorar, és uma chorona”. Eu não comia, não queria comer. “Tu queres ir para casa?”, e eu disse: “É o que eu mais desejava dona Sara”. “Então vai lá, vai lá arranjar as tuas coisas”. Quando vai uma pessoa para a rua é tudo gritos, aos gritos: “Boa! Boa! Boa!”. Então agarraram-me ao colo, não havia meio de me largarem, era tudo comigo ao colo no ar, tudo contente de eu me vir embora porque elas estavam muito revoltadas de eu

estar lá. E então vim-me embora, mas com prisão em casa até ao julgamento, depois do julgamento fui absolvida! Estive de prisão em casa. (Interrupção, aparece a neta de cinco anos que vive na casa do lado). Ainda vens em pijama? Hoje, não quiseste ficar com a tua avó, pois não? Vá, anda falar à menina! (A neta foge envergonhada).

Depois foi assim, vim aguardar julgamento em casa, até ao julgamento estive com prisão em casa, não podia sair à rua nem nada. Depois veio cá um dia o Sr. Comissário e disse: “Olhe, depois da polícia vir saia, não vá para longe daqui, mas saia”. Mas eu não saía, tinha medo, estava sempre com medo. Depois do julgamento fui absolvida. Graças a Deus! Mas ainda lá estive cinco meses e estive um ano em casa, em casa ainda era como o outro, agora lá...e no entanto elas punham-me cá fora a varrer, cá fora, punham-me tudo, eu estava mais tempo em liberdade, era só por dizer que não passava o portão para a rua, mas eu andava ali, andava sempre, muito bem tratada. Era a prisão de mulheres em Tires. Está lá agora uma prisão feita de novo que é para as mães. Estão lá as crianças até aos três anos. Mas ao fim de três anos, é quando estão a precisar mais vêm para a rua! Deviam de lá estar até à idade de virem para a escola. Mas eu não acho bem também, não fizeram mal a ninguém...mas têm as educadoras, não estão lá dentro, estão no infantário para onde eles vão. E depois à noite é que vão pó pé das mães. Eu no outro dia fui lá ver uma rapariga amiga que está lá, e aquilo está tudo mudado, a prisão das mulheres. Agora o pavilhão três é homens. Agora está o pavilhão um e o pavilhão dois. Mas ai meu Deus eu nunca julguei na minha vida, ao fim de tanto tempo... eu dizia: “Graças a Deus não sei onde é que é uma prisão, nem sei onde é que é as mónicas”. Era a prisão de mulheres, cá em Lisboa era as mónicas. Ele teve para ter cinco anos, mas só lá esteve quatro. Vinha a casa depois, vêm a casa, os presos agora saem à quarta pena, por exemplo apanha cinco anos saem aos três anos e meio mas com apresentações às assistentes sociais, e vêm a casa. Agora há uma rapariguinha aí que há-de vir agora cá a casa seis dias, com ordem do juiz. Depois com ordem da directora é quarenta e oito horas, quarenta e oito horas quantos dias é?

**Dois.**

É isso, é isso. É assim agora sou feliz, era feliz quando o meu marido morreu, digo assim: “Graças a Deus, vou ser feliz na vida”. Não fui, tenho este filho, não me bate, mas ando sempre com medo que ele me caia, de vez em quando vêm-me chamar que ele está com os ataques, cai, todo ele era sangue... mas das pancadas não tem nada. Fizeram-lhe um taque à cabeça, não tem nada, ele tem é do álcool.

Tive os filhos também mortos. Tive um filho morto, tive um mês morto dentro de mim.

**Um mês!?**

Um mês morto dentro de mim. Fui para o hospital, onde a parteira assistiu ao parto, as *algas arreventou-me* tudo pela boca, a pele da criança tudo esfarelado pela boca. Fiquei com a cabeça, a mão e as tripas dele todo de fora! Já estava todo *esgalhado*. Foi aí quando tive esse filho lá que fiquei empregada nesse hospital na M. estive lá empregada na M, que até tirei fotografias com o Sr. Provedor. Eu via aquilo tudo muito sujo, comecei a limpar, o gabinete do Sr. Provedor, tudo muito sujo. A pôr flores lá e coisas assim, a arranjar e ele disse: “Quem é que me arranjou?”. Havia uma senhora que estava lá que era a dona Catarina que era muito velhota. “Quem é que me tem arranjado isto agora que isto está tão lindo, cheira tão bem e tudo. Uma senhora que teve um bebé e está cá internada. Chame-a lá”. Depois perguntou-me se eu podia ficar lá internada fiquei. Depois quando vim para Lisboa fiquei lá empregada. Tinha hospital e tinha asilo. Uma vez um rapaz ficou-se debaixo de um comboio, eu é que estive a colocar-lhe os bocados lá para a capela. Hoje? Uuuugh! Eu não desço a escada à noite, mete-me aflição o patamar da escada. Naquela altura eu tinha coragem, hoje? Uuuugh! A minha filha tem muita dificuldade também, tem tanta dificuldade que lhe vão dar o rendimento mínimo. E tenho o meu neto, fez o 12º desistiu, e agora vai para a faculdade privada ou que é, agora tem que ir porque não teve...

#### Notas para a pública?

Sim, não sei se é jornalismo se é daquilo de vendas, compras e vendas ou o é, agora não sei. Ele já disse tanta coisa que eu agora, ele gostava de ser jornalismo da bola. Ele foi-se inscrever para a polícia, não era para ser polícia mas era para continuar os estudos. O comissário disse: “Olha Renato tiveste azar, não tiveste um, empurrãozinho...”. Ele ainda não tinha os dezoito anos feitos, faltava-lhe um mês já tinha feito o 12º! Se ele agora não foi porque não tínhamos o dinheiro para pagar as propinas.... Esteve agora a trabalhar, estava com baixa, da Caixa Geral de Depósitos, mas se ele não fosse agora estudar ficava lá. Mas enquanto não conseguir aceitam-no lá, gostam muito dele lá. Arranjou lá uma namorada, é alto muito bonito, é magro que ele não quer ser gordo! Tem umas pernas como o tio tinha.... Chega a casa: “Então velha?”. Vai-me beijar: “O que é que está s a fazer para o comer? Quando fores para a mesa vê o que é! Diz lá, está a cheirar tão bem...”. Depois eu digo-lhe. Nunca saía de casa, agora há um ano para cá desde que foi trabalhar para ali é que ele já sai com os amigos. E então o miúdo o filho dela (nora), tem um computador, vem para aqui, põe-se ao pé do primo com um computador.... É muito sossegadinho, é muito vaidoso, agora tem as sobrancelhas muito carregadas, não quer. Até digo assim para ele: Olha, tira-os também de outro lado! Porque é que não tiras? Oh avó, és muito mal criada!”. É muito asseado, é uma figura bonita é. Gostam lá muito dele, ele tem pena de deixar aquilo mas ele quer seguir e as

peças dizem-lhe: “Oh Renato, tu tiveste uma educação boa, agora é pena tu não seguires”. Agora quer que eu vá aquele liceu ali, no D.D., agora quer que eu vá falar com o conselho directivo ou o que é, que ver se o ajudam com os livros. Como é *privada*, se ele diz isso é porque ajudam também. Ele ia ver se conseguia, eles disseram-lhe da Caixa geral de Depósitos para ver isso, se trabalhar de manhã, um bocadinho na manhã e depois estudar à noite, eu acho que é sessenta contos por mês que tem que pagar. E para a entrada, duzentos contos foi a madrinha que lhe deu metade e ele tem que pagar a outra metade. São duzentos contos! Ele tem muita vontade. A madrinha ofereceu-lhe cem contos e os outros cem contos é para ele, quando ele trabalhar, tem que lhos pagar. Não é porque ela precise, mas às vezes até fazem isso que é para ver se....

Quem me emprestava já morreu, se eu me chegar ao pé de uma pessoa e pedir dinheiro emprestado, não pode ser muito, mas pedir dez contos, às vezes para os remédios, vem o meu dinheiro pago e fico sem dinheiro. Olhe eu recebi uma carta ontem, mas não a tenho, tem lá a minha filha: “Se tem mas de setenta e cinco anos”... para ser aumentada. Mas tem graça que eu recebi uma carta, já há uns três anos e tal, e eu julguei que era reclames e deitei fora, tinha retratos de velhos assim como eu, deitei fora! E já era para isto, para eu fazer... tenho direito ao...todas as pessoas assim como eu da nossa idade que não temos possibilidades, temos direito parece que é a sessenta e tal ou setenta e tal contos. Agora vou à tarde entregar a carta...

Então eu ligo-lhe para combinarmos para a semana.

Está bem menina.”

3ª Entrevista

30/10/07

Então, está tudo bem com a menina?

Está tudo bem sim.

Ontem recebi uma carta para ser aumentada, e hoje recebi outra carta que é para me aumentarem a minha reforma. Ontem fui lá à segurança social para a senhora me ensinar lá como é que se enchia os papéis que ninguém é capaz de perceber como é que se enche. Então eu não me lembrava que fiquei marcada para ir hoje lá à senhora para ela me preencher os

papéis. Vou amanhã, se Deus quiser... ia a dizer já não sei o que era (suspira)...tenho tanta coisa que lhe dizer, olhe uma coisa que não disse ainda houve um fogo muito grande na minha barraca, que eu ainda não lhe tinha dito. Houve um fogo muito grande, fiquei sem nada.

#### Mas na Musgueira?

Na Musgueira, na Musgueira. Fiquei sem nada. Foi uma senhora do lado, velhinha, muito velhinha...

#### Está cansada a dona Alice?

Estou muito, muito. Daqui a bocado vou com uma vizinha ao médico, vai uma vizinha comigo. Ela vai também ao médico à mesma hora e leva-me. Estive muito mal, senti-me muito mal de madrugada. Ouvi o meu filho dizer para a minha nora: “Estela olha a minha mãe”. Diz que eu fiquei esticada e a tremer a tremer a tremer. A partir daí fiquei com uma dor dos rins e das pernas e cansada! Fiquei cansada. Então o que é que eu ia dizer, fiquei sem nada, fui às caritas, as caritas é que me deu a mobiliazinha do quarto, deu-me as roupinhas de cama, deu-me umas coisinhas, umas loiças.... Era uma velhota que acendia com vela, porque a gente não tinha lá electricidade. E ela tinha a parte da parede colada com aqueles sacos com alcatrão... sacos parece papelão, sacos daqueles grossos de cimento e essas coisas... e então pegou-me, a minha sorte foi que eu estava no chafariz e vim a correr e tirei a minha neta e o meu neto de lá que estava a dormir, morriam-me lá eles...estava nos chafariz, a gente não tinha lá *alga* em casa menina, ia buscar alga aos chafariz. Também fiquei sem nada... estive muito mal, depois vim...agora aqui então... ontem aqui foi o diabo, ai meu Deus! Tratou-me tão mal... olhe que ainda não entrou um bocadinho de pão na minha boca!

#### Quer ir lanchar?

Não, ainda tenho que me ir lavar e isso...o meu filho é que faz as refeições para ele e eu quando tenho como. A minha filha é que faz, e eu às vezes vou ali à minha filha, que não trabalha, está à espera do rendimento mínimo também... não me estou a sentir assim muito bem...eu hoje não estou muito....Depois o meu marido entretanto adoeceu, teve um cancro no esófago, um cancro do esófago, foi operado, foi operado por um médico que fui eu que o ajudei a criar, um médico... (ai credo) ... fui eu que o ajudei a criar, era o doutor Filipe, que era ali do Pulido Valente, e... era um menino que eu estava a servir em casa da mãe dele ali na avenida Visconde Valmor, a avó dele, não era mãe era avó, que o senhor era sócio do Gervásio. ele adorava pastéis de bacalhau, feitos por mim o senhor! E a roupa passada a ferro, que eram os peitilhos, os colarinhos, os punhos, eram com goma, eram engomados, era à parte, ele adorava isso feito por mim, e então...foi ele que operou o meu marido, o meu

marido era muito mau para mim mas ao mesmo tempo faz-me falta pelo respeito, pelo respeito faz-me falta menina... (começa a chorar) ...eu sofro muito... e o que digo à menina nunca digo à dona Isabel., que ela conhece-me, a minha filha tem cinquenta e quatro anos e ela conhece-me a minha filha com três anos, veja aos anos que ela me conhece!

**Como é que a conheceu?**

Pelo eléctrico, eu vinha com os meus cinco filhos, tudo pequenino, tudo limpinho ai... e ela achou muita graça aos miúdos, disse que eram todos muito bonitos, e eram, e ela ainda hoje diz: “Os seus filhos, a gente beijava-lhe a cabeça era sempre um cheirinho no cabelinho! E os seus netos é a mesma coisa”. E então ela conheceu-me no eléctrico, e já era tarde, os miúdos ainda não tinham almoçado, e eu tinha ido a uma reunião para me darem umas coisas, eu e mais uma senhora que tinha teve um acidente, e eu comia lá e não comemos, e depois: “Oh mãe vamos embora, vamos para casa, tenho fome!”. E a senhora ouviu aquilo, saí no Chile, e para apanhar outro para Alcântara, eu morava em Alcântara na altura, e depois ela chamou-me, descia também onde eu descia, e depois teve a falar comigo, perguntou-me se eu queria ir com ela lá casa dela e então como lá voltou...por exemplo eu vou sempre, ou almoço ou tem sopinha ou...ou lanche, café com leite ou isso. E então fui e foi daí que ela me conheceu, começou-me a ajudar. Depois estive muito tempo sem ir lá a casa da dona Isabel, estive bem uns quinze ou vinte anos, nunca mais lá fui! A minha vida melhorou, e *ópois* escrevi um postal dizer que a minha vida tinha melhorado e qualquer dia ia lá. Deixei de ir. Ao fim de vinte anos fui lá, ela conheceu-me logo. Tive-lhe a contar que tinha melhorado a minha vida não é, os miúdos cresceram e a minha vida tinha melhorado, ai credo eu não me estou a sentir nada bem!...

**Se a dona Alice quiser combinamos outro dia...que esteja melhor.**

Esteve a menina a gastar dinheiro de táxi!

**Não faz mal, fica para outro dia, quando se recuperar!**

Não leva a mal? Ai credo, não estou mesmo bem...

**Fica para amanhã de manhã então?**

Pode vir à hora que quiser.

**Dez, dez e pouco?**

Pode ser, olhe desculpe lá menina.

Vamos lá à nossa vida. Não lhe cheguei a contar coisas da vida do meu marido, a amante pois não?

Chegou-me a contar sim.

Tudo, tudo, tudo? Quando fui com ele à bola isso tudo, eu contei?

Isso contou-me.

Mas não ficou *desgravado*?

Não, não, ficou gravado. A dona Alice ontem estava-me a falar de um incêndio que houve...

Pois, o incêndio, fiquei sem nada. Depois as caritas portuguesas deram-me as coisas, diversas senhoras também me deram loiça, deram-me coisinhas, muita coisa...compus a barraca, não era como estava mas...*ópois*...

Isso foi na Musgueira, não foi?

Foi na Musgueira...não, não foi! Foi em Alcântara, foi em Alcântara. Depois a mulher do Sr. Doutor juiz, que era uma senhora muito minha amiga e o Sr. Doutor juiz também era, morava ali na Duque d'Ávila e... eu para eles não era uma pobre, era uma pessoa amiga, entrava para dentro de casa e tudo. Quando ele chegava, que eu subia o elevador, isso aconteceu uma vez, que eu estava na escada mais os meus filhos à espera, diz que era uma empregada nova, não sabia as ordens que tinha para eu entrar, eu estava na escada *assentada* à espera, quando o Sr. Doutor desceu do elevador disse: “Que está aqui a fazer senhora Alice? Estava à espera que viesse o Sr. Doutor ou a senhora doutora para.... Então e a empregada não a mandou entrar? Ela não me conhece.... Ah pois pois, está bem”. E depois disse para ela: “Se esta senhora vier, não fica na escada, ela entra”. Mas ele mandou fazer a barraca toda de novo, mandou-me fazer tudo de novo. Essa senhora ajudava-me muito mas quando foi o 25 de Abril o doutor foi *seneado*, e uma vez cheguei a casa dela, que não sabia, e ela disse para mim: “Oh Alice agora eu preciso mais do que a senhora Alice, que o meu marido foi *seneado*”. E eu depois não fui lá mais. *Ópois* a minha filha tinha um restaurante, tinha uma filha que tinha um restaurante, não era dela, era alugado, depois eu fui-lhe lá dizer a ela que a minha filha vivia bem e que estava com ela e ela ficou muito contente. Até estava para ir lá mas depois não foi, ao restaurante.

Depois tinha esmolas dos liceus, os liceus davam muitas esmolas, os colégios e isso davam muitas esmolas, pelo natal, davam muitas coisas assim, tinha de muito lado isso, o Francês, conhece o liceu Francês? Tinha muitas esmolas daqui e dali e tudo acabou. Depois do 25 de Abril para os pobres foi pior, porque os pobres eram muito ajudados por muita gente que deixaram de ajudar. Ali o Duque de Palmela, que é ali da rua da escola Politécnica, eu ia aí a casa. O filho do Duque de Palmela, era, era e é que não morreu, padrinho do meu filho, deste

marido aqui da minha... era padrinho dele! Porque a minha mãe trabalhava na colónia por conta de Alcântara da igreja, e os meus filhos estiveram lá todos. E a minha filha nunca ia na camioneta, ia sempre no carro dele. Eram, pessoas que me ajudavam muito, nunca tive tantos sacrifícios na minha vida, depois do 25 de Abril é que eu comecei a ter mais, antes do 25 de Abril eu tinha muitas ajudas, tinha aquele senhor que é o António Mendes que canta o fado, esse senhor chegou-me a levar o médico à cabeceira, era meu amigo também que eu estava com princípio de uma pneumonia e estava muito mal...

#### Como é que a dona Alice conhecia essas pessoas?

Eu conhecia estas pessoas menina porque eu, vou-lhe dizer, eu cheguei a andar com os meus cinco filhos pequeninos, o meu marido era muito mau, dava-me vinte escudos por dia para comer oito pessoas, eu, ele, o senhor que estava em minha casa e se eu lhe pedia mais não me dava. Eu cheguei a andar a pedir esmola com os meus filhos. Às vezes apanhava o eléctrico, o eléctrico por exemplo ia ao Carmo, apanhava o eléctrico para o Carmo, para ir ao Carmo coiso e depois para o Rossio, apanhava outro eléctrico para ir para o Rossio, depois havia diversas pessoas então era assim: dois ao colo, um *assentado* ao meu lado e dois atrás de mim naqueles bancos da frente, era assim. E depois (imperceptível) as pessoas porque eles iam todos muito limpinhos, então as pessoas conheciam-me, esse senhor conheceu-me pelo eléctrico, eu fui aos caminhos de ferro, desci nos caminhos de ferro e aquele senhor perseguiu-me... e eu fiquei com muito medo, porque na altura era proibido andar a pedir esmola que íamos presas, íamos para a *mitra*. E eu julguei: “Isto é um agente, anda-me a perseguir”. E entrei dentro de um restaurante que havia ali nos caminhos de ferro, não sei se ainda há nem se não, e o senhor entrou também, e disse: “Ai *jasus* vou presa mais os meus filhos!” e coiso, fiquei cheia de medo. Depois comecei a ir e o senhor chamou-me, diz assim para mim, (ele mora ali ao pé de St. Clara onde é a feira da ladra, o senhor mora aí), depois ele chamou-me e disse assim: “Estes meninos são todos seus filhos? Não é nenhum emprestado?”, e eu assim: “Não, por acaso são todos meus filhos, e já morreram cinco. Não se importa de ir ali comigo?” *Adonde* senhor? Não esteja assustada que vai comigo a minha casa”. E depois levou-me a casa dele. Bem, mas enquanto não cheguei a casa dele não descansei! Não descansei! Fui a casa dele, então a senhora achou muita graça aos meus filhos que eles eram muito bonitos, e... e então mandou-nos entrar, a senhora disse: “Então a senhora que entre”. Depois estive, foi escolher roupa, deu-me muita roupa, e depois começou-me a ajudar todos os meses, começou todos os meses a ajudar-me. A dar (imperceptível) de mercearia grande.

Tive a minha filha que é a minha Maria também, (isto agora este senhor já passou), tenho o senhor engenheiro Castro Morais é padrinho de casamento da minha filha mais velha e padrinho de uma neta minha que está na costa, são padrinhos, mas chateou-se comigo por causa de um caso que se deu, o meu genro, um genro meu com o meu filho que foram detidos, estava bêbados, encostaram-se e um carro e levaram-nos como se eles tivessem para roubar o carro. O senhor é que disse que não, e então eles saíram, que o carro não estava mexido nem nada. Ficaram chateados comigo do João se ligar a ele, aquela senhora dizia: “A Alice é uma pessoa que temos como nossa família e não como uma pobre. Quando ela andava grávida andava eu, depois ela teve um menino morto, eu tive um menino morto. E depois essa senhora deixou de me ajudar, ajudava-me muito por causa disso...”

**Mas porquê, porque o seu filho e o ...**

Juntavam-se (imperceptível), mas ele não... percebe? Então ela chateou-se e eu como ela se chateou nunca mais lá fui, não me rebaixei, também fui orgulhosa.

**Mas eu não percebi, era um familiar dela e um filho seu?**

Não não, os dois, era o meu filho e o meu genro... pois.

**E ela não gostou que tivessem sido presos?**

Não gostou porque eu nunca lhe contei a situação, por respeito, mas nunca lhe contei. Depois tive a minha filha a minha Maria., depois... o meu filho partiu a cabeça a este meu filho que é o marido aqui da minha nora da Estela, eu tinha tido a menina às seis da manhã e isto eram umas dez horas aparece-me o miúdo todo ele era sangue! E eu assustei-me, foi o outro miúdo que lhe partiu a cabeça, de maneira o parto recolheu-me, eu fui internada ali em Magalhães Coutinho que era, onde é agora um hospital de idosos, essa maternidade fui para aí e então fui para ser raspada... elas até diziam: “Ai vai sofrer tanto que elas são tão más a raspar a gente!”. Tinha tido a menina às seis da manhã, o período recolheu-me e eu tive de ser raspada para o período...com o susto, podia ter ficado doida! E então apareceu uma senhora que era a senhora condessa e a Teresa Santana, sabia quem era a Teresa Santana que cantava o fado? Pertence ao V. C., é essa gente de lá. E a minha filha tinha uns olhos muito grandes, muito lindos, ah e depois diziam as mocinhas que estavam lá: “Você vai sofrer muito que elas são tão más a fazer o aborto!”. A mim não me fizeram mal porque eu tinha a menina, elas só tinham raiva a quem fazia desmanches, eu tinha a menina ao meu lado e ela tinha uns olhos muito grandes com horas de nascida já... (faz o gesto de rodar a cabeça observando o que se passa à sua volta). E então a senhora passou e disse: “Ai que linda menina”. Era a única que estava naquela enfermaria era ela, mas era tudo para os desmanches. Então disse: “Já está baptizada ela?”. Disse: “Não, não está baptizada nesse estado”. E então contei-lhe a situação,

que tinha tido a menina à pouco tempo e ... então ela disse: “Gostaria de ser madrinha dela pela igreja”. E eu disse: “Se a senhora gostava de ser madrinha pela igreja também pode ser pelo registo, que eu não tenho ainda madrinha”. Ela então ia pôr à minha filha Maria Teresa, mas como eu já tinha Teresa, ela foi ver à agenda qual era a santa do dia que ela nasceu e era a nossa senhora do Carmo e pôs-lhe Maria do Carmo, também começou-me a ajudar, o marido dela (imperceptível), morreu, ela depois também morreu, a minha filha nunca conheceu a madrinha, porque a senhora morava ali nas amoreiras, morava nas amoreiras e depois mudou de lá e entretanto perdi o contacto dela mas fui parva, podia ter ido à família dela.... No caso do Sr. Engenheiro Castro Morais, tinha uma fotografia, quando a minha filha casou, a minha família e a família dele, como se fosse tudo... tirámos todos... então comecei a ser ajudada pela Teresa Santana, ela morreu também.

Eu cheguei a ter pelo natal muitas esmolos que eu repartia pelas outras vizinhas, eu tinha esmolos pelo natal que me davam comer o ano todo! Mas quando chegava o ano novo já não tinha nada! Um saco para uma, outro saco para outra, outro saco para outra, repartia. Roupas eu punha em cima da cama para ver quais eram as roupas melhores para vestir aos meus filhos. E vestia as crianças de Alcântara do pé de mim, vestia-as a elas também. Muita coisa que eu tinha. Foram *seneados*, foi a partir daí a minha vida mudou.... Isto interessa?

[Sim, sim claro que interessa.](#)

E então (a minha nora está muito séria a olhar) ... onde é que eu ia? Da...dona Teresa Santana não era? No outro dia vi, estava no hospital do Pulido Valente, o meu filho estava lá internado, e estavam lá umas senhoras também, depois começámos a conversar e coiso e eu disse: “Tem graça que eu tinha uma senhora que era a minha comadre que era a madrinha da minha filha que era a dona Teresa Santana”. E ela disse: “Então era minha tia”. A senhora deu-me a morada dela, não é que eu nunca mais soube onde pus a morada! Parece que foi pecado, para lá ir a casa dela e para me mostrar a fotografia da... a minha filha conhecia-a pela televisão, mas assim pessoalmente gostava de... de maneira que era ajudada por muita gente tinha muitas esmolos, hoje não tenho nenhuma, tenho uma irmã que vem aí, agora já há muito tempo que cá não vem, vinha-me trazer comer, arroz e umas coisas assim, mas como o colégio é ali ao pé da piscina do Restelo, o colégio particular, aquilo está em obras e ela vem cá traz-me, pelo natal trouxe-me muita coisa. Tenho então, vou agora aos Algarvios, que é ali ao pé do governo civil, não sei se conhece? Também vou lá pelo natal, é só pelo natal, dão-me um cestozinho de mercearia, é o que me dão. Pelo natal dão assim essas esmolinhas. Agora é o que tenho é o centro dos Algarvios, a irmãzinha, a dona Isabel, a dona Isabel também é muito minha amiga não desfazendo... essa então não se fala, não pode. Já me tem pago a luz

a *alga*, já me tem pago muita vez. Agora pelo natal só tenho essa irmã e tenho a... se aquilo, se estiver em obras não vem, porque ela levou as irmãs velhinhas todas para muito longe, estas irmãs foi por conhecimento da assistente social do Pulido Valente, que era a assistente do meu filho, quando lá estava internado. E... depois vinha aqui essa irmã, essa dava-me muita coisa, vinha aqui, quase todas as semanas vinha carregada com dinheiro, dava-me dinheiro, dava-me coisas, mas ela depois foi para fora... foi para madre.

Entra a nora, que está a fazer limpezas.

**Nora: Desculpe lá estar a fazer isto!**

Ela coitadinha ainda vai trabalhar ainda, veio agora de trabalhar, vai às seis da manhã para um trabalho e agora vai para outro, é assim. E agora só vem lá para as tantas, lá para as seis, sete horas é quando ela vem. Trabalha muito, trabalha muito trabalha, ela é minha amiga... onde é que eu ia?

**Estava-me a explicar como...**

Ah! A irmã, era da irmã. E ela depois foi para fora, nunca mais tive nada de lá. Porque a irmã disse *ópois* a essa menina que é a doutora Sandra, que ela agora está no colégio, que me tinha escrito uma carta mas que foi devolvida, depois eu lembrei-me e fui ter com a menina porque ela é catequista ali da igreja de... aquela igreja para onde vai o sete, aquela igreja grande?

**Igreja Universal do Reino de Deus?**

É essa mesmo, ela é catequista aí

**Na alameda não é?**

É, ela é catequista. E depois eu disse: “Oh doutora Sandra a menina não sabe o nome da escola onde a irmã estava? Sei dona Alice...”. Depois nunca me *alembrei*. Depois fui lá, fui lá falei com uma irmã que lá estava e disse: “Olhe a irmã que dava as coisas não está cá, mas vou-lhe dar uma coisinha”. Deu-me assim umas coisinhas da cozinha comer e isso. “Depois venha cá amanhã, que eu vou dizer à irmã que a senhora veio cá”. E eu fui lá, e a irmã começou-me a ajudar, a trazer roupinhas para os miúdos, roupinhas para mim, coisinhas assim, começou-me a trazer assim uma coisinha. Mas não, ah pagou-me a renda essa irmã, que eu já devia duzentos e tal contos de renda, já estava em tribunal, eles não estavam cá a morar comigo, estava sozinha...

**Morava aqui já?**

Pois aqui já. Já tinha ido à advogada, a advogada já me tinha posto a pagar um mês que vinha, um mês atrasado, como é que eu podia pagar, não chega a quarenta contos que eu tenho de reforma. Ainda tiveram pena de dar vinte cêntimos, para completar os quarenta e dois contos e... falta vinte cêntimos para os quarenta e dois contos. A segurança social até teve pena de

me dar esses vinte cêntimos. Agora como é que eu podia pagar *alga*, luz, renda, gás, ás vezes acaba a bilha de gás. Fico aqui sem gás, é pelo gás da companhia, ela agora vai pôr gás da companhia (refere-se à nora), vai pôr gás, (baixa o tom de voz) depois tenho que lhe dar alguma coisa para lhe ajudar não é? Então agora a luz e a *alga* não pago que ela não quer, pago é a renda. Então atrasei-me, já estava em tribunal, já tinha ido à juíza e disse: “Oh senhora doutora juíza está-me a pôr para parar os meses, assim um mês sim um mês não, vai sendo a mesma coisa, como é que eu tenho, se eu não posso pagar metade com é que posso pagar os dois terços?”. Não é muita renda, bem, são quase dez contos... é muito, para mim é muito, já fiz uma carta, já fiz uma carta para me *abaixarem*... para me derem outra mais pequena, se eles se forem embora, darem-me outra mais pequena, e... e então eu devia duzentos e tal contos mas tinha que pagar oitenta logo de uma vez, e depois a irmão veio aqui e disse-me que era uma casa muito bonita, gostou muito das casa e então: “Nunca se deixe atrasar na renda. Ai irmã é isso mesmo que eu estou atrasada”. Não me queixei a ela, ela como falou eu disse: “Olhe irmã é isso mesmo. Então quanto é que deve?”. Eu fui levar o papel que tinha já da advogada que é ali ao pé do Marquês de Pombal, e ela viu e disse: “Deixe ver que eu vou-lhe pagar isso”. Depois quando veio cá, passado quatro dias veio cá e: “Já está pago”. Eu disse: “Olhe irmã, obrigadinha, eu quando melhorar a minha vida eu pago-lhe!” E depois ela começou-se a rir, ela assim: “Mas já está tudo pago, paguei duzentos e tal contos já tem dois meses e tal adiantados pagos!”. Pagou-me, agora está-me sempre a perguntar: “Então a renda está em dia?”. Eu digo que sim mas não está. Já estive a quase oitenta contos. Agora estou à espera quando eu receber os dois mesinhos do natal, já vou dar alguma coisa à conta...mas como é que eu posso estar a dar dezasseis contos se eu tenho não chega a quarenta, é que tenho que pagar, dois meses que tenho que pagar, o mês que vem e o mês atrasado, já me lembrei ir ao Luís Goucha, mas tenho vergonha de estar a mostrar a cara

### O programa de televisão?

Era, ajudam muito, mas está a ver o que era eu lá ir e esta gente toda, aqui dos prédios é tudo barraqueiras, é tudo gente de barracas! Mas eu acho que eles tapam a cara quando a gente não quer tem a cara tapada. Ver se eles me ajudavam pelo natal. O nome tenho que dar o meu nome mesmo, mas Alices há muitas! Alices há muitas! Mas eu se lhes disser que não quero mostrar a cara porque a vizinhança conta coisas, têm lá ido pessoas que não mostram a cara. Houve um ano pelo natal, que eu estava aqui, não tinha nada para comer, estávamos todos na cama, fomos todos cedo para a cama sem comer, eu e os meus miúdos, aqui já nesta casa.

### Há quanto tempo vive aqui?

Há dez anos. Estávamos todos na cama sem comer, e diz a minha menina a que tem dez anos: “Estás a chorar porquê?”. Eu disse: “Ai dói-me tanto a cabeça. És mentirosa! Não tens comer, a gente vai para a cama já não temos fome!”. Eram dez e tal da noite, o meu filho estava internado no Pulido Valente estava muito mal, estava ligado à máquina, eram dez e tal tocaram-me à campainha e eu assim: “Ai credo, que será a esta hora?”. E então fui: “Estou sim? Senhora Alice, é a assistente do Pulido Valente. Ai senhora doutora pela sua saúde!” Porque eu julguei que ela me vinha dizer que o meu filho tinha morrido, ele estava ligado à máquina e isso. Ela assim: “Não tia Alice, não é nada com o João! O João está bem já lhe desligaram a máquina! Ai doutora está a falar verdade? Estou, abra lá a porta, mas vem uma pessoa comigo, ela pode entrar? Todas as pessoas que venham com a doutora podem entrar”. Então era essa tal irmã, a primeira que se foi embora, veio com ela e então veio carregada, veio carregadinha! Bacalhau, muito bacalhau, bacalhau! Dois garrafas de azeite, uma garrafa de óleo, um bolo-rei muito grande, broas de milho, broas de outras boas, veio carregadinha e eu disse: “Oh meu Deus! Deus mandou o menino Jesus para aqui!”. E deu-me cinquenta contos em dinheiro. Eu estava atrasada da luz e da *alga*, e depois fui pagar a *alguinha* e a luz. E então entrou-me o menino Jesus pela minha porta dentro, uma alegria! Eles coitadinhos levantaram-se todos e... (começa a chorar). Dias difíceis que eu tive na minha vida, para criar os filhos e depois os netos.... Passei tanta fominha para criar os meus filhos menina! Tanta tanta tanta! Tanta fominha, e para os meus netos também. Às vezes a minha vizinha a dar-me comer e eu a ver se eles deixavam um bocadinho de comer para mim, “Oh avó então não comes? Não a avó não apetece, estive à bocadinho a beber chá.” Eu a ver quando é que eles ficavam satisfeitos! E deixavam. E eles coitadinhos também tinham, comiam tudo e eu pronto, mais um dia que eu vou para a acama com chá. Muita fominha que este corpo passou, tenho passado muito menina... muito muito muito, Deus sabe o que eu tenho sofrido! Eu esperava agora com a idade, ao menos ter uma velhice com saúde. Já não me apetece sair, eu tinha se eu fosse, a casa de senhoras que me ajudavam, eu trazia sempre dois, três contos. Eu tenho uma senhora que quando eu lá vou o mínimo que me dá é quatro contos sempre. Mas é ali em Arroios, tenho que descer no Chile, ao pé do hospital, depois tenho que descer isso tudo, depois ao pé da igreja de Arroios ainda tenho que subir novamente. Tenho pessoas que me ajudavam assim muito, mas algumas eu já tenho escrito para elas a dizer que ainda não morri. No outro dia fui a uma senhora ao pé do largo da Estefânia, *ópois* elas dão-me coisas que são pesadas e eu já me custa agarrar o pesado, complica-me muito com esta parte da coluna, e eu tenho uma hérnia já muito grande (levanta-se para me mostrar a hérnia). Era do

tamanho da cabeça de um dedo, faça assim aqui (pega na minha mão e coloca-a sobre a hérnia).

Pois tem!

Nunca fui mostrar ao médico, só aqui há tempos que eu estive muito mal, fui para as urgências e o médico disse para a minha filha: “A sua mãe tem que ser operada a isto”. Isto pode-me *arrebentar*, “Se *arrebentar* para fora, ainda está bem, agora se *arrebentar* para dentro é a morte dela”. E às vezes isto ronca, às vezes vou no autocarro, até tenho vergonha que as pessoas julguem que é outra coisa. Isto rrrroooooommmmm roooooom, às vezes faz um *roncone*! E...o que eu ia a dizer? Eu tenho passado muita fome, muita pancada do meu marido, era muito mauzinho, tinha as amantes, uma vez deixou-me foi para o pé da amante, já lhe contei isso, já contei...muito mal dava-me muito, por tudo e por nada, se o Belenenses perdia diziam os vizinhos: “Ai vocês, oh tia Alice o Belenenses perdeu, hoje têm fita”. Uma vez também parece que já contei, que ele deu-me com o sapato toda eu era sangue, que a minha filha foi buscar a faca, coiso já contei isso? Isso foi ficou?

Sim, sim ficou gravado. O seu marido teve cancro no esófago, não foi?

Foi, coitadinho, com sessenta anos, tinha sessenta e um. Era todo *desempenado* ainda, e então eu, sofri muito com ele, muita pancada também e o comer à retinha, às vezes, o que era vinte escudos, está bem que naquele tempo comprava-se um quilo de cachuchos a três mil e seiscentos o quilo. O queijo cabreiro hoje é oitenta e tal escudos o quilo, era a três e quinhentos o quilo! Mas também, pronto, o dinheiro vinte escudos não era nada, eu ia ter com ele ao trabalho que ele era encarregado de um vazadouro, corria-me à pedrada! Ele uma vez *amandou* um filho meu, olha este, com três anos, que ele batia-me e eu fugia e ia para casa de uma vizinha qualquer, metia-me na barraca dela, enquanto não lhe passava. Depois passando a lua, podia-me deitar ao lado dele que ele já não me fazia mal. O menino ia atrás de mim, ele chamou o menino, o menino como não ouviu, levantou-o ao ar, deixou-o cair no meio do chão, caiu em cima de um monte de pedras, tivemos que ir com ele ao hospital, sabe como é que ele andava? Com uma chapa debaixo do rabo, e ele puxava a chapa e andava assim de cu (imita o movimento). Era assim que ele andava, puxava a chapa e andava com o rabo. O meu filho com três anos, este, pesava oito quilos... era um macaquinho a chorar, era muito... o cabelinho dele, a cara dele muito engelhada, tinha uma barriga muito grande, tinha barriga da *alga*, era pulmões, tinha muitas complicações por isso é que ainda hoje é que ele é assim... passei muito... mas vou continuar a passar...é até Deus crer, pode ser que ainda me dê na cabeça jogar no euro milhões e que me saia! Tenho pensado nisso tanta vez, tanta vez...no outro dia joguei com um numerozinho para ver se me saia sessenta contos, joguei com o

quinhentos e um foi o quinhentos e oito! Eu nunca jogo é raro, mas às vezes quando tenho assim, vou lá marcar este numerozinho pode ser que me saia e com cinquenta cêntimos saem sessenta contos, está bem sai hoje! Depois fico arrependida de gastar os cinquenta cêntimos, fazem-me falta para outra coisa. Mas antes tinha sorte saia-me dinheiro muitas vezes, saia-me. Uma vez fui ali a umas irmãzinhas que há no campo grande, estava lá um carro parado na parte de dentro e vi a matrícula do carro e disse assim “Olha se tivesse dinheiro jogava com o número, tirei a matrícula e disse às minhas filhas: “Joguem” e elas: “Ah jogo o quê?”. A minha vizinha, foi ela marcar, saiu-lhe! Do mesmo colégio deram-lhe uma mala de dar lanches e isso, também tinha uma chapinha com um número, também disse para elas marcarem, não marcaram, ela marcou saiu também! Aqueles números... É assim menina.

Então como eu ia a dizer, o meu marido, o meu marido foi operado e ele queria engolir e não engolia, o comer saia fora porque o esófago estava apertado, estava fechado. Então eu trazia lá sopinha, passava tudo para ele beber com uma palhinha! Depois ainda passava tudo com aquele passador do chá? Depois ia levá-lo ao Pulido Valente, eu lá disse não tenho remorsos... fazia sempre tudo por ele e ele só (imperceptível) ódio. E então eu ia lá levar, ele estava numa cama muito grande, quem o operou foi o doutor Fernando, que foi a primeira fraldinha que ele sujou fui eu que lavei e a roupa de parto da mãe dele, lá da Av. Visconde de Valmor e ele nasceu na Penha de França, e eu ia lá todos os dias buscar a roupinha para lavar e coiso. E então ele chegou-se cá ao fim e: “Santos, (que os meus filhos são Santos), se você gosta de dobrada e bacalhau, só depois da operação!”. Ele estava com muita fé de depois da operação comer todo contente. Morreu, passado quinze dias da operação, morreu. Estava um preto na enfermaria dele que fez a mesma operação que ele fez e demorou-se muito e ele assim: “Epá, aquele está a demorar-se tanto, já estou mas é com uma certo coiso...”. E eu assim: “Então estas coisas demoram muito!”. O homenzinho morreu também e ele pediu ao médico para deixá-lo ir ao funeral, e o médico disse que não, e ele foi mesmo! Tinha lá a roupa foi. No funeral, onde ficou o colega a ser sepultado, foi sepultado ele também, mal sabia ele que ia para aquele coval também...

#### [Teve complicações depois da operação?](#)

Não, o médico disse, veio ainda com aquela coisa, com a bata verde e disse: “Estou muito cansado, mas tirei-o!” diz ele. Mas ele teve uma embolia em cima da operação, detectou-se, uma enfermeira lá, porque há uma vizinha minha que mora aqui no prédio da minha filha que morava na Musgueira ao pé da gente e que depois nos disse, que ele tinha tido uma embolia cerebral porque se tinha enervado com a enfermeira. Porque diziam que eles depois da operação estavam ali oito dias, ele já estava há quinze nos cuidados *intensivas*. E então eu fui

lá vê-lo, fui de manhã, ia todos os dias de manhã ver como é que ele estava, todos dias, todos dias, todos dias de manhã ia lá. E então vinha-me sempre o enfermeiro ou essa minha vizinha que era (imperceptível) que era empregada ainda hoje do Pulido Valente. Naquele dia cheguei lá ninguém me aparecia, eu ao pé da porta (imperceptível) dentro, ninguém me aparecia! Eu tinha estado de véspera a vê-lo, com os meus filhos, estava ele a ler muito bem...muito cansado, não falava, não podia falar mas... sentia-se que ele estava cansado. E então nunca mais, bati à porta, depois vi tudo a fugir para trás de um taipal que tinha lá dentro coisas de reclames e isso e eu disse: “Ai meu Deus não estou a gostar nada disto”, depois então lá veio essa a Inês, veio a outra, outra colega dela falar comigo: “Venha cá”. Eu assim: “Ai, diga-me de uma vez para sempre”. Eu tinha sessenta e um anos, tenho oitenta e quatro, isto foi há vinte e dois os vinte e três anos. “Você preferia que o seu marido estivesse a comer só coisinha, se alimentar por uma sonda isso tudo? Eu gostava, antes o queria ao pé de mim assim”. Eu já me tinha esquecido do que ele me tinha aprontado. E diz ela assim: “Não queria não que era horrível para ele, ele com fé de ir comer, uma dobrada, um bacalhau assado e agora ser alimentado por uma sonda, está a ver o que era! Você também não pode ser egoísta, não pode ser assim e coiso”. Começaram-me a preparar, ela disse: “O seu marido morreu”. Comecei logo a gritar, a chorar, meti tudo para trás das costas, apesar de tudo era pai de dez filhos não é? Comecei a chorar, elas então vieram-me trazer a casa porque eu estava sozinha, vieram-me trazer a casa coiso. Mas quando ele ah! Eu fui com ele à consulta, que havia urgências antes no Pulido Valente, agora não há, e então o médico mandou-lhe fazer um exame, eu fui à consulta para saber o resultado do exame, mas ele estava muito inquieto que aquela doença fazia-o ainda pior que aquilo que ele era. Eu assim: “Tu estás muito mau pá, ainda estás pior que aquilo que eras, rabugento”. Não queria esperar, queria passar à frente das pessoas todas eu assim: “Oh Ricardo não pode ser!”. Este meu neto também é Ricardo, o que passa aqui às vezes. “Não pode ser e coiso...”. Então depois ele foi lá dentro e veio: “A médica diz que eu tenho que ser internado, tenho que ser operado, tenho uma pressão nervosa”. Ele julgava que era uma pressão nervosa, depois eu fiquei lá com a médica e: “O seu marido tem um tumor”. Eu chorei não é? Todas as lágrimas coiso... “Estás a chorar porquê? Tu teres que ser operado, então não é de ter pena não? Já viste, é só uma pressãozinha nervosa isto cura, porque já têm sido mais operados e ficam bons”. Disse ele. E então eu cheguei a casa, vinham as minhas filhas, ele saiu à praça, que eu não lhe fazia comer, não lhe fazia nada, estive cinco anos a viver na mesma casa mas não dormia com ele não fazia nada. Então ele saiu à venda comprar as coisas, e eu disse: “Ai minhas filhas, olha o pai”. Contei, começou logo tudo a chorar, tudo coiso eu disse: “Olhem não chorem que ele não sabe”. As filhas davam-se bem com ele, às

vezes que ele também era coiso, às vezes deixavam de lhe falar.... E então elas começaram, ele, porque ele vinha bêbado, o meu marido era uma pessoa muito educada, ignorava o escândalo, mas era raro que ele fosse trabalhar para um vazador, o dia que ele fosse despejar coisas, vinha para baixo bebia uma cerveja, depois ia com outro para cima, depois ia para baixo, e foi assim que ele se habituou, porque ele não era, nem bebia vinho nem nada às refeições, habitou-se a ser assim e... e então eu não lhe fazia comer ele é que lavava a roupa, parece ele que estava a adivinhar, um mês, dois meses antes de ele ficar doente ele chega ao pé de mim e diz assim: “Vamos fazer as pazes”, eu: “Eu não, para quê, para voltar ao mesmo?!” Não, deixa-me estar como estou, deixa-me estar assim, a tua filha faz-te o comer, lava-te a roupa, deixa-me estar sossegada”. “Anda, juntas a tua reformazinha com a minha, é *piquena* mas para os dois dá, eles já são grandes que se governem”. Eu não quis. Depois ele tornou outra vez: “Vens?”. Eu dormia com esta minha filha, estava deitada e ele foi bater à porta do quarto: “Então não vens dormir para o pé de mim?”. E eu não fui sabe porquê menina? O respeito era é verdade, agora não há muito respeito mas havia. Eu não fui porque já não dormia com o meu marido há cinco anos e pensei assim: “Vou dormir com ele hoje, amanhã não encaro com os meus filhos, porque eles sabem que se dormir com o pai que fui fazer coiso não é?”. Por isso é que eu não fui para o pé dele, que eu já, ele já andava-me assim adoentado e coiso e por isso é que ele. Quando ele soube o que ele tinha desafiado eu a ele! Eu assim: “Bem, ele pediu-me e eu sei que ele vai morrer vou-lhe fazer a vontade olha, seja o que Deus quisesse. Os meus filhos já sabem que ele é meu marido e coiso”. Diz ele, ele era muito católico, ele diz para mim: “Não filha, agora não, depois da operação está bem, que eu não quero fazer agora pecados”. Eu também sou católica, não quero outra é a minha. Não vou à igreja, se for a um funeral ou isso vou, se...por qualquer coisa vou a um casamento ou isso vou mas ir assim de propósito à igreja não mas tenho a minha igrejinha, o nosso Senhor do Sagrado Coração de Jesus assim grande em pedra à minha mesa de cabeceira, tenho a nossa Senhora de Fátima grande à cabeceira. Tenho a minha religião mas não é de andar em igreja. O meu marido quando era vivo, a gente, rezávamos o terço todos os dias com ele...todos os dias, e antes de comer rezávamos, era já hábito, era, era muito católico. Porque ele esteve preso, o meu marido esteve preso sete anos e meio, eu não o conhecia, porque era do tempo que os rapazes, ele era vadio, era muito vadio, perdia noites, contava ele eu não o conhecia, e então ele quando foi apanhado num banco no Rossio a dormir de noite de madrugada, e quando eram as pessoas apanhadas assim iam presos, eram dados como vadios, dados como vadios e como assaltantes. E ele lá dentro foi sacristão, lá da igreja.

Eu não lhe mostrei o retrato do meu neto que morreu com sida pois não?

Mostrou-me, da primeira vez que estive cá. Tinha dezanove anos não era?

Com o menino ao colo?

Sim, era filho de quem?

Olhe, ele não era filho de ninguém dos meus, ele foi namorado de uma neta minha, foi ele que a enganou, mas ainda não tinha sida nem se drogava. Foi ele que a enganou. Começou-me a chamar avó e eu comecei-lhe a ter amizade, veio para o pé da gente, veio para o pé da gente, mas eu quando descobri que ele tinha a sida, a minha neta ainda namorava com ele. E eu disse-lhe a ela: “Vais acabar o namoro com o Lino”. Porque ninguém convencia a Carla a acabar o namoro, eu disse, ela morava na rua da Palmeira ali ao pé do príncipe Real, e eu disse: “Vais acabar agora o namoro com o Lino! Oh avó tenho pena, eu não tenho assim aquela coisa mas tenho pena de acabar o namoro com ele”. Coiso mas, já não tinha, que a minha neta fez uma data de exames, quando ela foi enganada dele, ele não se metia na droga ainda, percebe? E então ele, eu disse: “É já, é já!”, e a dizerem: “Se ela não vai comigo, não vai com ela, nem com a mãe, pessoas amigas, vais agora e vais já!”. Então à esquina da rua onde ela morava, ela foi ter com ele e disse-lhe: “Lino a partir de hoje não falas mais para mim, nem quero, porque eu já tenho outro homem, outro namorado na minha vida”, (não tinha), “já tenho outro na minha vida”. E...e então acabou, veio a correr, agarrou-se a mim a chorar a chorar, mas foi sempre muito amiga dele, foi ao funeral dele, vai sempre por estes dias agora, vai à campa dele, vão por flores e tudo. Já casou, a minha neta já casou e ...e então, ele era um, menino que não...ele era tão lindo! Eu tenho impressão, eu mostrei-lhe mesmo?

Mostrou-me, com um bebé ao colo não é?

Sim, viu esta fotografia viu?

Vi, vi, foi essa que eu vi.

Era tão lindo! Aqui já ele tinha a sida. Mas foi quando eu fui buscá-lo ao hospital, estava bem. Começou-se a juntar com os outros outra vez pronto. O médico disse: “Lino, se tu não te meteres na droga, podes morrer daqui a trinta ou quarenta anos e não ser por isso”. Porque ele não tinha declarada ainda bem, era portador ou como é que eles... “...agora se tu te meteres na droga, não tens mais do que um ano”. E foi verdade, foi verdade. Era tão lindo o meu neto, ele não era meu neto mesmo. Quando ele morreu, eu estava internada e ele chorava: “A minha avozinha! Faz-me tanta alta a minha avozinha!”. Contavam-me as pessoas, ele não andava, eu e a minha filha é que o pusemos a andar, a gente é que o pôs a andar. Levava-mos ao café da Musgueira, uma em cada lado a agarra, ele arrastava os pés mas, depois começou a andar. Eu se soubesse não o tinha posto a andar, que ele já não saia para lá. Ele era muito bonito. Eu era

querida dos médicos e das enfermeiras, ninguém se acreditava que ele não era do meu sangue e que eu ia todos dias todos dias da Musgueira a São José, vê-lo lá carregada e tudo, todos os dias eu ia. A primeira vez que o fomos lá ver fui eu mais a minha neta, até fecharam as portas, já era tarde, ficámos fechadas lá dentro na enfermaria, estávamos aflitas para irmos abrir o restaurante para o jantar.

[No tal restaurante da sua neta?](#)

Sim, mas isso já fechou que não dá nada. Saiu de lá o correio da manhã, lá, havia ali aqueles jornais todos, eles saíram dali, daquele sítio, aquilo morreu....

Olhe, um dia destes fui à caixa do Areeiro, depois vim-me embora, a senhora que estava a dar as senhas, senhas aquelas para não estar à espera, e aquelas senhoras lá todas me conhecem, por intermédio da dona Helena, que já cá veio à minha casa, que trabalha com computadores, com os abonos, isso tudo. E eu venho a andar e sinto um bater as costas, eu assustei-me “Venha ali comigo beber um cházinho”. Foi a senhora que dá as senhas, que me chamou, estava a beber um chá, Mas eu sou assim...olhe, mandou vir um cházinho para mim de tília, mas eu não gosto desses chás. Gosto de chá preto. Mas soube-me bem. Depois ela começou assim, ela queria que eu comesse uma torradinha ou comesse um bolinho, e eu disse: “Não minha senhora, eu bebo só chá”. Custa-me as pessoas estarem a gastar! Eu disse-lhe que de manhã como pouco, bebo um cházinho só e mais nada. Ela lá insistiu, insistiu mas eu disse que não, que não, que não. É como eu lhe digo, eu vou à dona Isabel estou tempos sem lá ir, ela ralha tanto comigo! E estão umas irmãs ao lado dela, estão sempre a perguntar por mim, umas irmãs particulares. Mas elas às vezes dão-me também muita coisa, mas muitas é fora de prazo, e a dona Isabel: “Não leva nada disto sem eu ver primeiro!”. O que for fora de prazo ela não deixa levar, fica lá e deita fora. Já me têm dado chocolates, elas dizem que comem, dá-me fora de prazo a dona Isabel não me deixa trazer, vai e deita-me fora. Às vezes digo assim: “Eu levo dona Isabel! O arroz não faz mal. Faz mal, não queira matar os seus netos”. Aquela senhora tem sido uma mãe para mim, tem sido mesmo uma mãe para mim. Toda a confiança que faz em mim, cai-me muito bem a confiança que ela faz em mim, vai, vai para as outras casas, vai à casa de banho e eu fico ali sozinha e ela tem uma riqueza, a casa dela é uma riqueza. Só isso para mim é tudo da vida. No outro dia uma senhora ali da paragem do autocarro, disse se eu queria ir a casa dela, mas aquilo é demais, aquela riqueza toda é demais...uma caixa que ela me foi *amostrar* com ouro! Tanto ouro menina! Depois disse-lhe a ela: “A senhora não faça isso!”. Que elas já é ma senhora de idade. Agora era para ir a casa dela que ela encontrou-me e disse: “Nunca mais lá foi!”. É a tal coisa, eu quero ser desejada e não aborrecida, que há pessoas que quando ajudam, não largam as pessoas da mão,

eu não, não gosto de ser assim. E como eu também não gosto que as pessoas, quando eu às vezes ajudava pessoas, aquelas que me chateavam demais hoje e amanhã, eu também ficava chateada e também acho que as pessoas é assim que acontece. Depois essa senhora, hoje era para lá ir coiso e vou lá amanhã, que ela é uma senhora de idade, vive sozinha mas é muito, muito galdéria, gosta muito de sair de ir passear. Mas eu disse a ela: “Dona Regina”. Não dona Beta ai como é que ela se chama? É dona Regina é, eu lembro-me dela ser dona Regina por causa de uma ceguinha, uma ceguinha que eu tomei conta dela, que está agora num lar, e que se chama Regina e eu para não me esquecer do nome de senhora fiquei sempre que era Regina. Agora estou farta de pedir às irmãs dela, à irmã dela e à sobrinha para me levar a ver a menina, que ela já não é menina mas para mim é sempre menina, é sempre menina. Então eu fui dizer à senhora: “Nunca faça uma coisa dessas, mostrar, a senhora não me conhece, viu-me hoje pela primeira vez, não faça isso”. E depois é uma senhora de certa idade.

Essa menina também era ceguinha, é, ceguinha, nasceu ceguinha, também fui com ela ai hospital. Isto na Musgueira, a mãe era muito bêbada e o pai também era e a menina nasceu assim, a menina levava os dias inteiros com uma tampa no ouvido e com a mão (coloca a mão em concha no ouvido, para ouvir o barulho. O comer que a mãe dava à menina era sopas de café, a *alga* que dava à menina, a menina conforme fazia o xixi, apanhava o xixi e bebia... exacto, tal e qual! A menina não andava nem nada! Eu fui com a menina ao hospital e o médico diz para mim: “Venha cá, oh minha senhora, a senhora não tem vergonha?”. Fui com a menina ao hospital ela ficou cá fora apanhar caracóis eu fui com a menina lá dentro, julgando que ela entrava comigo, para explicar as situações. Chamaram o médico, o outro médico que (imperceptível) ver a menina, o especialista, e diz ele: “A mãe desta menina é essa encomenda que aqui está”. Que era eu. Passei uma vergonha nesse dia! Diz ele assim, diz esse médico: “Ouça lá, a senhora não tem vergonha?” E as enfermeiras assim: “Vergonha? Esta gente tem alguma vergonha de alguma coisa? Então a senhora é uma alcoólica deixa vir uma criança para ser assim deste estado em que está!?”. Eu assim: “Doutor veja como fala, primeiro eu não sou mãe da menina, eu sou vizinha, eu trouxe a menina por uma obra de consciência, porque a minha religião é ajudar quem precisa, porque eu também preciso! Mas a mãe dela anda ali fora, vou chamá-la!”. Fui lá fora, corri tudo à procura dela andava aos caracóis! *Ópois* é que uma pessoa me disse: “Olha essa senhora foi para ali, ela parece que anda ali no meio do coiso a apanhar caracóis. Nos jardins de Santa Maria. Então fui lá e chamei ela e disse: “Anda ali Lara que o médico quer falar contigo”. Não disse o que era senão ela não ia. E disse: “A mãe da.... Eu realmente achei que a senhora não tinha cara de bêbeda, cara de bêbeda tem esta!”. Mas eu chorei tanto e elas para mim: “Não chore. As

senhoras ofenderam-me muito, percebe? Mesmo que fosse eu a mãe da menina, não tinham o direito de me ofender como me ofenderam! Então quer dizer, fica ofendida e nunca mais socorre ninguém por causa disso? Não, socorro, a mim a minha missão, é ajudar os meus e ajudar os que precisam, posso não lhes dar nada mas ajudar das doenças”. Depois levei a menina ao médico particular, que era o doutor Fernando, que era o doutor pé de Alcântara, que era muito meu amigo também, não levou nada. Deu então vitaminas para a menina e deu-me antibióticos, então eu é que tinha que me levantar às seis da manhã para dar o antibiótico à menina, às horas do antibiótico, à meia noite, era eu que lhe dava, os remédios à menina, às seis da manhã...à meia noite, às seis da manhã, às vezes podia estar na cama mais um bocadinho, não estava. Tinha que me *alevantar* para dar os remédios, que não era ela que dava era eu. Pus a menina a andar, a menina a comer, que a menina não queria nada que não sopas de café, estava habituada já àquilo. A dar-lhe *alga*, ao princípio era um castigo para a menina beber *alga*, que a menina não queria *alga*. *Ópois* entretanto a mãe morreu, a menina bonita! A menina já conhecia a minha voz à légua. Ouvia a minha voz vinha ela “aaaaaannnn!”, com as mãozinhas agarrar-se a mim aos saltos e uma força? Depois a mãe morreu, o pai morreu, e as irmãs puseram-na num lar, eu já não vejo e menina há três anos, já lhe disse a ela: “Olha se é por causa de eu ir contigo e gastarem mais dinheiro em gasolina por causa do meu peso, espera que eu receba, que quando eu receber eu dou-te dinheiro da gasolina e quero ir ver a menina”. Que para mim ainda é menina. Então pus a menina a andar e coiso ela diz que a menina está bonita, mas tenho tantas saudades dela! E ...e essa irmã dela, também deu-lhe uma dor da barriga e eu fui com ela, eu disse: “Então Lara anda ali, á tua filha”. Que a barraca dela era ao lado da filha. Estava com a garrafa de vinho e com patas de galinha cozidas a comer! Galinha cozida, assim de *alga* e sal, que ela gostava muito de estar a comer aquelas coisas assim, por isso é que ela ajuntava dinheiro. E então: “Não tenho mais nada que fazer!”. Vi a rapariga tão mal chamei a ambulância, fui a uma vizinha que tinha telefone, chamei a ambulância, fui eu com ela para o hospital, olhe nesse dia nem tinha dinheiro para comer, mas lá isso o meu marido era muito mau, mas ele nessa altura estava desempregado, era muito mau mas não se importava que eu fosse tratar, eu se era funerais pela Santa Casa tirava subscrições, melhorava os funerais. Então fui com ela para o hospital, julgando que ela ia comigo! Estava lá uma médica minha conhecida, e então antes não podiam entrar acompanhantes dentro das urgências, agora já podem. E então eu não entrei lá dentro e ela disse: “Olha Alice”, conhecia essa menina também morava na Duque d Ávila, que andava a estudar ainda para médica, ela e o irmão, mas o irmão era para *câncaro* e ela era para clínica geral, e então ela disse: “Olha Alice, se tu demorasses mais um quarto de hora

com a tua filha (que eu disse que ela era minha filha), ela morria, que é uma apêndice, mas já é uma apêndice muito adiantada que já tem que ser de barriga aberta”. Eu era sete horas de noite ainda não estava (imperceptível), e disse: “Olha Clara, eu vou a casa ver se a tua mãe me empresta dinheiro, para o meu Ricardo ir fazer comer para os miúdos comerem”. Fui lá a casa pedir à mãe dela dinheiro fui dar o dinheiro ao meu marido que lá nisso ele era, lá isso... foi comprar o comer, ele é que ficou a fazer o comer para os miúdos. Eu cheguei a casa eram quase três da manhã! E ela ficou logo internada.

Outro miúdo também filho dela, a mesma coisa, também fui interná-lo, uma filha dela! Esta família conhecia de Alcântara mas isto foi na Musgueira, já morávamos na Musgueira. A outra irmã dela que era a Isa, também esteve muito malzinha, a menina não é do tempo da asiática? No tempo da Asiática eram proibidas as visitas a hospitais.

### Isso era uma gripe, não era?

Era uma gripe muito má. E então, eram proibidas as visitas que as pessoas podiam ter mal e levar para dentro para os doentes, fossem crianças fossem adultos, foram proibidas as visitas. Eu nessa altura andava muito doente, tinha uma mancha num pulmão e andava do sanatório da Ajuda, ia buscar, foi no princípio quando começou a haver a *terromicina*, para a tuberculose a *terromicina*. E eu ia buscar a *terromicina* e coiso e eu ia para ser internada que não havia meio de melhorar nem com a *terromicina* que era melhor que a *aprocilina*, *aprocilina* ou que era. E então eu fui mais ela ao hospital para falar com o doutor, eu estava cá em baixo passou uma criança, muitos médicos, enfermeiras para dentro de uma casa muito escura. Eu assim para ela: “Esta criança vai é morrer”. Todos os médicos. Era a miúda era o (imperceptível) dessa tal miúda. Falei com o doutor, disse que estava lá para falar com o doutor, e depois mandaram-me subir a escada e ela ficou cá em baixo. Subi, veja lá que foram falar comigo três doutores, para fazer explicações dela, eu comecei a dar porque eu sabia, estava dentro do assunto, sabia, e então ele começou a dizer: “Quer ver a sua menina? Quero”. Fui lá dentro mas fiquei cá fora. A mãe estava cá em baixo olhou (imperceptível). E eu cá em baixo: “Senhor doutor salve-me a minha menina, que eu vou ser internada também (estive a contar), se eu morrer que a minha menina seja salva”. Que eu gostava muito dela, era com se fosse *aquase* minha filha, percebe? E então ele disse: “Olhe já não há meio de descobrir, em princípio sei que ela tem barriga de alga”. Tinha a mesma doença que o meu filho tinha, barriga de alaga, pulmões, muita doença. “A senhora contagiou-a”. E eu fiquei calada, não podia contagiá-la, porque ela tinha contacto comigo mas eu não era contagiosa, era uma mancha do pulmão. E então: “Olhe, vem um médico de fora para ver a sua menina, a gente vai fazer tudo por tudo para a salvar”. E foi verdade, salvaram. Olhe hoje é dona num

restaurante, está rica, no outro dia disse para ela: “Vocês são ingratas pá!” apanhei todas! Ali a Clara, a irmã dela que também teve um calo na mão, fui com ela para o hospital para tirar o calo da mão, a mãe não ia com elas! Era eu! E também fui com ela e disse: “Vocês não quero que me dêem nada mas pelo menos no dia de S Pedro que faço anos, que é um dia que não é esquecido, é do dia de S Pedro, dia 29 de Junho, que eu faço anos ou pelo Natal, irem-me dar um beijinho! Não me dêem nada mas vão-me dar um, beijinho!” E comecei a chorar danada, “você tem razão tia Alice, tem razão... as razões, eu não vou lá com razão, vou lá com carinho! Ai desculpe.... As desculpas não se pedem evitam-se!”. Eu assim para elas: “Não pensem que eu quero que vocês me vão dar dinheiro ou que me vão dar alguma coisa, não têm nada, eu quero que vocês me vão dar um beijinho, para eu me *alembrar* que vocês se lembram de mim...pelo menos as tuas duas irmãs, esta a Regina e a Clara, em cima de médico e de Deus agradecem-me a mim que fui eu que as levei para as salvar, isso é tudo da vida”. E o irmão dela, esse é que (imperceptível), é um *ganda* bêbado, chamava-me mãe, a mãe tinha um grande ciúme, a mãe dizia: “Olha a mãe vai-se embora”. Bem se ralava ele! Quando eu dizia: “Olha a mãe vai-se embora”, (que ele chamava-me mãe), chorava! Fui morar para a Trafaria, chorava de noite e dia, noite e dia eu chorava pelo meu menino! É às vezes até finjo que não o vejo.

Fui morar para a Trafaria, depois, as barracas começaram a ir abaixo, já disse à menina, eu chateei-me e fui-me embora para a Trafaria, estive lá a morar na Trafaria uma ano, fui para lá de verão acampar, depois as senhoras começaram a ver as minhas manobras a trabalhar, perguntaram-me se eu queria trabalhar em casa delas, comecei a trabalhar em casa delas até que tinha um quarto, fui com o meu marido e com dois filhos, que na altura só tinha dois, depois voltei para Alcântara outra vez. A minha barraca estava lá que as pessoas tomavam conta, deixei lá as coisas depois, lá um senhor de um café, tinha lá um quarto e morava lá a pagar, mas depois comecei a trabalhar em casa dele deixei de pagar. Depois como sei fazer de tudo graças a Deus, tenho uma boa mão para fazer tudo, rissóis, croquetes, sei fazer isso tudo. Agora não posso fico, nem vou fazer porque não já não posso e faço um cozido à portuguesa que é um espectáculo, esta senhora que mora aqui, as vezes: “Oh tia Alice hoje tenho um cozidinho”. Gosto muito de pôr aqueles pacotes de carne, dá muito gosto de hortaliça e não salgo os chispes, lavo tudo muito bem lavado, raspo, queimo se tiver cabelos, que eu às vezes evito comprar, que eu tenho nojo quando vem com aqueles coisos. Ponho a sal da *alga* a cozer. Fica um espectáculo. Eu estive a trabalhar num restaurante, as pessoas diziam, eu tinha que fazer sempre sopa, nem que fosse de folha de alface, uma cenourinha cozida, uma cebola grande e coiso, a sopa saia toda. Eu estava-me sempre a rir, ainda hoje sou (ri-se), depois eles

diziam assim: “Tenho impressão que está-me a cheirar que está cá a miss simpatia”. Chego aí à janelinha, que é aquela janela onde a gente põe os pratos, e então eu chego à janela: “Eu disse logo! Está-me a cheirar a uma sopinha de alface, tinha que cá estar ela”. Saía tudo, o comerzinho, o cabrito à padeiro, frango assado, e sabe coco é que eu faço agora o frango? Porque eu já lhe disse que tenho uma filha presa não disse?

Não.

Tenho uma filha presa porque deu uma tarefa à amante do marido, deu-lhe uma facada na cara e está presa. Mas hoje vem a casa seis dias e vai trabalhar para um restaurante, vai para a rua, vai dormir à prisão, mas já sai para o mês que vem. Mas eu estou consolada, estou consolada! Foi apanhá-lo a ele com ela na mesma cama onde ela dormia com o marido! E ao marido deu-lhe uma nas costas, mas ela não vive com o marido a minha filha, deixou o marido eu ia a dizer isto já não sei porque era, ai menina veja lá se se lembra...

Por ter trabalhado num restaurante...

Ai que raiva pá... trabalhei dois anos. A minha filha vai trabalhar num restaurante para o patrão onde trabalhava! O patrão espera por ela, e escreveu uma carta para lá a dizer que lhe dava trabalho, portanto a minha filha vem hoje e só vai terça feira a quinta para a prisão outra vez, mas vai já começar segunda feira a trabalhar para o restaurante, vem de manhã e só vai à noite para lá. Ah era dos comeres! Faço o comer para as minhas filhas e depois elas telefonam-me: “Ai mãe o comer estava tão bom!”. Gosto muito de fazer comer, faço uma sopinha muito bem feita há uma pequena que vem ali a casa da minha filha: “Tia Alice quando é que você faz uma sopinha de feijão com lombarda?”. É uma cebola grande, três cenourinhas, um alinho francês e batatas, vou fazer uma sopinha dessas. Depois ponho a cenoura toda picadinha, para dar alegria ao agrião. “Ai tia Alice está tão boa!”. É assim. Eu agora é que estou muito calona, o meu genro gostava muito de comer uma caldeirada feita por mim, toda *acamadinha*. Vais-te deitar filho? (passa o neto), está bem filho, vai dormir um bocadinho. Vai trabalhar, anda com o carro dos correios, agora vem a casa, depois vai com o carro às três horas até à meia-noite e tal. Mas ele levanta-se cedo, às seis e meia. A menina acha que já tem o suficiente?

Acho que sim dona Alice, mas eu depois se tiver alguma dúvida venho ter consigo pode ser?

Sim, sim menina ligue e venha que eu vou-me lembrando de mais coisas.

Estive a passar as entrevistas e percebi que me falta uma parte da sua vida, a dona Alice só me contou a partir dos treze, catorze anos. Se se lembrasse de alguma coisa da sua infância...

O meu padrasto morreu eu tinha doze anos, foi ele que me criou desde os dois ou três meses, foi ele que me criou porque a minha mãe foi *enganada*, não sei se contei essa parte, foi *enganada* do meu pai

Na padaria, contou, antes disso não.

Quer antes disso? Essas coisas não me lembro...

O que se lembrar, o que é que a sua mãe fazia?

A minha mãe trabalhava na fábrica de cortiça. E então eu nasci, o meu avô não me... a minha mãe foi para casa, o meu avô pôs a minha mãe na rua durante a gravidez, isto sei que a minha mãe contou-me não é? Durante a gravidez, o meu avô que Deus tem pôs a minha mãe na rua que não a queria lá em casa, as pessoas antigas era... então eu nasci e a minha avó meteu a minha mãe lá em casa e a mim sem o meu avô saber, e...mas depois de noite eu chorei muito, chorei de noite e o meu avô ouviu e tornou a pôr a minha mãe na rua, no Barreiro, isto é do Barreiro, *ópois* eu comecei a desenvolver-me o meu avô começou a gostar de mim. Depois levou-me para o pé dele, tinha eu um anito, um ano. Mas levou-me para o pé deles. E... agora não me lembro, depois levou-me para o pé do meu padrasto, olhe menina eu já não quero mentir, eu não sei se era com dois se era com três anos, sei que fui para o pé da minha avó com um ano, e depois fui criada, então o meu avô adorava-me, gostava muito de mim, no Barreiro. *Ópois* entretanto fui para o pé, a minha mãe juntou-se com o meu padrasto que era meu pai, para mim era meu pai, o meu pai quis-me *aperfilhar* e a minha mãe não quis, porque o meu pai queria-me levar quando eu

A dona Alice contou-me essas partes.

E então fui e depois a minha mãe foi-me buscar, quando se juntou com o meu padrasto, já tinha a vida organizada, foi-me buscar para Lisboa, morava na picheleira. Quando a minha mãe me foi buscar, estava com os meus avós. A minha mãe juntou-se com esse senhor que ele era de Lisboa. *Ópois* aí já não trabalhava porque não precisava. Ele era encarregado das oficinas gerais da câmara de Alcântara. Não precisava já de trabalhar e então foi-me buscar. O meu padrasto gostava muito de mim e adorava-me e eu adorava o meu padrasto, chamava-lhe pai. Entretanto nasceu um irmão meu, o amor era, fiquei com muito ciúme, mas o amor era igual não haviam diferenças, e ele era muito meu amiguinho, se eu estava na rua a brincar e ele vinha do trabalho eu fugia logo para casa, ele chegava a casa e dizia para mim: “A

menina, quando o pai chegar não foge, está a brincar, continua a brincar, beija o pai, se o pai entender que vai para casa vai para casa, (ele tratava-me por você), se você tiver que aqui ficar a brincar, fica a brincar, porque as pessoas vêm a menina fugir quando o pai vem, dizem que ele é mau”. E não era, nunca me tocava com um dedo menina, nem gostava que a minha mãe me batesse. *Ópois* entretanto ele coitadinho apanhou uma tuberculose, ah! O meu irmão morreu, o meu menino morreu com cinco anos, de repente, saiu, a gente ia buscar alga, eu morava na picheleira, aos chafariz, foi muito bem para lá, quando veio para cá já veio assim (imita o andar preso), já vinha assim, perdeu o andar, já vinha morto da cintura para baixo.

**O que é que lhe aconteceu?**

Correu tantos médicos e nunca os médicos souberam, e a minha mãe andou com o menino numa mulher, a mulher dizia que ele que quando morresse, o corpo antes de morrer se abria todo em buracos e foi verdade, era uma curandeira. E então o menino morreu, não bebia começou a beber, começou a levar o almoço para comer, não comia, chorava de noite e de dia pelo miúdo apanhou uma tuberculose, apanhou pulmões, apanhou intestinos. Depois entretanto a minha mãe, ele foi internado, estava no sanatório da Ajuda, estive no caramulo, e depois entretanto foi para casa (tosse), desculpe menina. A minha mãe, desculpe, eu tenho aqui dois caroços que em doem que eu sei lá. E então, o que é que eu estava a dizer?

**Ele voltou para casa.**

Veio para casa e então a minha mãe foi internada para ser operada à barriga, nessa altura eu tinha onze anos, estava a fazer quase os doze. Eu é que o lavava, eu é que traçava as fraldas, os lençóis, eu é que tratava dele. Ele com muito respeito, muita vergonha, mas não tínhamos mais ninguém era eu que tratava dele, eu graças a Deus, nunca apanhei doença nenhuma, dessas pulmonares. E então ele, foi o funeralzinho dele no alto de S. João, que ele estava na picheleira, quando puseram-lhe a cal eu até disse assim: “Ai, dizias que eras tão amigo do meu pai, estás-lhe a pôr tanta cal!”. Quando puseram o caixão dele, não haviam urnas naquela altura, eram os caixões melhores, eu atirei-me para cima do caixão:”Eu quero ficar ao pé do meu pai!”. Entretanto o meu pai, isto interessa o que eu estou a dizer?

**Sim, interessa, interessa.**

Entretanto o meu pai, soube que a minha mãe, que o meu pai morreu, veio ao Barreiro. Eu depois fui para o Barreiro.

**Isso já me contou, foi para casa da sua avó, tocaram à porta e**

Mas o meu pai era galego e era muito bêbado, era muito mau, ele não queria, eu fui de luto. Vivi com o meu pai um ano, e todas as semanas tinha que me trazer a Barreiro ver a minha avó e ver a minha mãe. Disse ao meu pai que não queria estar com ele que não gostava dele.

“Porque é que tu não gostas do pai? Porque o pai não gostou da minha mãe, quando ela andava grávida de mim também não gostava de mim”. Eu não gostava dele, ele morreu cá em Lisboa, doente dos pulmões no sanatório e eu não soube, só que depois fiquei com muita tristeza. Tenho família ali na Mouraria, tenho um primo que é dono de um restaurante, que é galego, e tem uma fábrica de fazer bolos ali da Mouraria, e disseram: porque é que a prima não vem cá, que ele morreu eu estava a trabalhar num restaurante e os meus primos foram lá, souberam que estava lá foram lá, estiveram lá a almoçar disseram: “A prima fez mal, não estava *aperfilhada* pelo tio, mas tinha direito porque nós sabíamos que era filha dele, você é tal e qual a cara da tia Adélia”. A minha mãe também era Adélia, que era uma tia galega. A minha irmã que é advogada, tenho uma irmã que é advogada, estive um ano com ela junto com ela. Chorava de noite e de dia e ele teve que me vir trazer, trouxe-me à minha mãe mas eu voltei para o Barreiro, para o pé da minha vizinha e do meu avô, fui criada com eles, passei muitos martírios nessa altura também, passei muita fominha, para o pé da minha avó e a minha tia que tinha oito filhos! O meu tio era pescador (esta porcaria parece que faz vir saliva à boca), e então o meu tio era pescador, nós passava-mos muito mal, passámos muita fominha em pequeninos, a minha tia coitadinha deitava-se, de sábado para domingo não se deitava, a lavar roupa e a enxugar num fogareiro para a gente ao domingo vestir-se de lavado, era, lavava a roupa que a gente trazia vestida para vestir outra. Coiso passei muita fominha, pé descalço. Primeiro fui para a minha mãe, mas eu não queria estar com a minha mãe queria estar com a minha avó, não queria estar com a minha mãe, que a minha mãe era má, batia-me muito também, a minha mãe era muito má, era a minha mãe era muito má para mim muito! Porque eu era muito má, eu era muito má, não era menina eu era maria-rapaz percebe? Pedra que eu atirasse com a mão esquerda (que eu sou canhota) era cabeça partida certa. Andava sempre à pancada com os rapazes, a minha mãe dizia assim, eu morava numas algas furtadas na picheleira, a minha mãe dizia-me assim: “Vai buscar um pacote de sal, chegas à rua não perguntas o que vais buscar!”. Eu sabia que era um pacote de sal mas punha-me “Ó mãe, ó mãe!”. Enquanto ela não vinha à janela eu não deixava de chamar mãe. “O que é que a mãe me mandou buscar, foi sal não foi?”. E as minhas vizinhas: “Ai levas tanta pancada, e não tens vergonha, se sabes que era sal”. Ela depois dava-me tanto, ai eu tinha um tio que morava por baixo que era chefe da polícia, ela *alevantava-me* ao ar pelos cabelos e deixava-me cair no meio do chão. E ele dizia: “Ó mulher você mata a rapariga!”. Batia com o cabo da vassoura cá para cima: “Mata a rapariga!”. Andava sempre toda negra que ela dava-me com colheres de pau, cotovelos e tudo era. Eu também era muito má, eu ia à padaria, com os outros rapazes, só queria andar com rapazes, era maria-rapaz, quem queria saber pela menina Alice, não era

perguntar pela mãe da Alice, era pela mãe da maria-rapaz que toda a gente levava à porta. E então eu ia à padaria tirar pão, para comer, e quando já estávamos fartos, deitavam-nos fora, às bilhas de leite da rua, que andavam as leiteiras pela rua, vazávamos leite para as medidas toca a beber o leite, era assim que passava muita fome, passava. Olha faz-me lembrar o tempo da, dessa altura foi este tempo agora, faz-me lembrar mais ou menos, não pela pancada mas pela fome.

**Outra coisa que queria saber, como é que começou a trabalhar no restaurante? Conhecia alguém?**

Conhecia, era vizinhos de lá do pé de mim. Era vizinhos do pé de mim era, moravam na Musgueira, moravam lá na Musgueira, mas era dos prédios.

**Ah trabalhou no restaurante já morava na Musgueira.**

Morava na Musgueira, na Musgueira, na Musgueira. Foi quando eu tive o acidente no meu braço. Ele sabia que eu fazia festas, fazia rissóis fazia essas coisas para fora, lá onde eu morava, lá na Musgueira. Ai onde é que eu ia a falar...ia a dizer, eu falei quando tinha dezasseis anos que o meu marido que me *enganou*, estragou-me, falei disso não falei?

**Que doença apanhou?**

Era a doença das mulheres prostitutas, estive muito mal tinha dezasseis anos, estive com um *biombo*, com um biombo a espera que eu morresse, abriu-se-me dois buracos aqui nas virilhas, quando era para ir fazer xixi, eu chorava que era dores horríveis, abriu-se-me buracos, com dezasseis aninhos estive muito mal.

**Mas depois separou-se não foi?**

Ai pois! Foi da altura que ele me enganou, e depois casámos, foi obrigado a casar comigo e coiso quando ele foi obrigado e coiso. Isto foi assim, eu acho que ainda não lhe contei, eu não lhe contei já que fui *enganada*, o homem tinha vinte e cinco anos e eu dezasseis, eu morava numa quinta, morava numa quinta e eu sempre adorei crianças, numa quinta, havia lá casa baixinhas, no Barreiro, depois de sair do Barreiro, quando morava no Barreiro morava-mos assim como a gente vê aí na província, e então eu morava dentro de uma quinta, morava eu, a minha avó e outra vizinha, e ela tinha uma menina e eu adorava a menina, e ela pediu-me se eu tomava conta da menina enquanto ela ia não me lembra aonde, e eu disse que sim, mas já estava combinado com ele, ele estar lá dentro de casa escondido para me fazer mal. E então eu quando estou debruçada ao berço da menina a brincar com a menina sinto agarrada e tapada (faz o gesto de tapar a boca com as mãos). Ainda lutei com ele cinco horas! Ainda lutei com ele cinco horas. Depois ele conseguiu, depois foi a minha mãe, ele levou-me para casa dele, para o bairro operário, o bairro dos trabalhadores da Cuf. Levou-me para casa dele, e então eu

estava lá em casa dele e eu não queria, chorava muito não queria, ainda não me tinha feito mal depois aí é que fez. Depois a minha mãe soube, sabia onde é que ele morava, soube quem era e tudo, a mulher foi presa, ela foi presa e ele, depois foram-me buscar a mim debaixo de prisão e ele foi preso também e eu fui para casa da minha mãe debaixo de prisão.

#### Para ser presa também!?

Não mas, fui debaixo de prisão quer dizer que fui com a polícia, mas já estava (imperceptível). Mas eu depois eu tinha dezasseis anos, *ópois* gostei dele, depois de ele me coiso gostei dele, ele esteve muito mal, estava muito mal disse-me que eu tinha também e...e então, lembro-me do pai dele dizer assim: “António, tu diz o que é que tens para a miúda se tratar também”. Eu lembro-me disso, depois eu contei à minha mãe. E então a minha mãe dessa altura ele depois esteve a viver comigo fiquei mesmo esganada dele, que eu ainda estava só disfarçada. E depois foi quando ele começou, eu comecei a querer andar e não podia andar, depois estava a trabalhar na fábrica de cortiça da altura e diz assim o encarregado para a minha mãe: ”Oh Adélia, tu hás-de ver o que é que a tua filha tem, que a tua filha não anda normal a miúda anda de perna aberta, não anda normal”. Depois a minha mãe levou-me ao médico e foi quando ele lhe disse. Eu para fazer xixi tinha que pôr as mãos no coiso que era dores de morrer, depois abriu-se-me dois buracos, tenho sofrido sempre muito menina, sempre muito. Ele era muito bonito tinha vinte e cinco anos mas não parecia, tinha um cabelo lindo e cantava muito bem o fado mas eu não me iludo por isso percebe menina? E então eu estive dois meses e dezassete dias internada no hospital do Desterro, muito mal, estive com biombos à espera que eu morresse. Estive muito malzinha mas graças a Deus. Depois eu fui trabalhar para a Cuf, trabalhei na Cuf também quando foi um (balão?) que ouve da fábrica de cortiça que eu trabalhei, fechou, fui trabalhar para a Cuf, trabalhar, então depois ele arranjou outra mulher, outra rapariga, então quem é que havia de ser a minha mestra, que me ensinou a trabalhar com o tear? A mulher que vivia com ele! Era ela mas nunca tocámos no assunto, ela sabia quem era eu e eu sabia quem era ela, mas nunca ela tocou no assunto nem eu nunca toquei no assunto a ela e sempre me tratou, ensinou-me a trabalhar no tear como se eu fosse uma aprendiz qualquer de lá foi. *Ópois* nunca mais soube nada dele, ele já havia de ter morrido, se eu tenho oitenta e quatro anos, eu tinha dezasseis ele tinha vinte e cinco, dezasseis e quatro vinte, ele era quatro anos a mais do que eu, ele já morreu com certeza. Foi assim, tenho sofrido sempre muito menina, muito, muito, muito. Agora estou a sofrer com este digo assim: “Ó João tu podias ir tirar i IRS”. Que há uma lei que os pais são obrigados a sustentar os filhos até serem menores, agora há uma lei que os filhos são obrigados a sustentar os pais quando eles não têm, com um x aos pais.

Pois é menina há mais alguma coisa que eu tenha...

É só mais uma! (rio-me), queria saber, antes de ir com o seu marido ao médico como é que perceberam que ele estava doente?

Qual este meu marido que Deus tem?

Sim sim.

O meu marido queria comer e não conseguia, e ele dizia: “Não queres ir para baixo mas vai!”. E ele tinha impressão que era uma pressão nervosa que tinha, que ele nunca foi doente. Ele depois ia ás urgências ao Pulido Valente, já não há urgências lá. Tinha um cancro no esófago, ele se vivesse tinha que ser alimentado por uma sonda, e ele tinha muita esperança de que o médico lhe disse a ele “Santos, dobrada e bacalhau, só depois da operação”. Ele estava com muita fé mesmo mas coitadinho, mas foi muito mauzinho também para mim, também sofri muito com ele. Não sei porquê menina, eu sou tão boa! Eu se tiver menina dois contos na minha algibeira e vir uma pessoa com fome que precise de cinco euros, eu fico com os cinco euros e dou os outros. E agora olha!

Precisa de mais alguma coisa menina?

Não dona Alice eram só estas perguntinhas.